

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL  
ÁREA DO CONHECIMENTO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS**

**KAILAINE LUCIANE MUSCOPF TOFFOLO**

**MÍDIA EM CENA: O CASO JEFFREY DAHMER E A CONSTRUÇÃO  
DA OPINIÃO PÚBLICA**

**CAXIAS DO SUL  
2025**

**KAILAINE LUCIANE MUSCOFF TOFFOLO**

**MÍDIA EM CENA: O CASO JEFFREY DAHMER E A CONSTRUÇÃO  
DA OPINIÃO PÚBLICA**

Monografia do Curso de Comunicação Organizacional – Relações Públicas da Universidade de Caxias do Sul, apresentada como requisito para a obtenção do título de Bacharel.

**Orientadora:** Me. Jussania Albé

**CAXIAS DO SUL**

**2025**

**KAILAINE LUCIANE MUSCOFF TOFFOLO**

**MÍDIA EM CENA: O CASO JEFFREY DAHMER E A CONSTRUÇÃO  
DA OPINIÃO PÚBLICA**

Monografia do Curso de Comunicação Organizacional – Relações Públicas da Universidade de Caxias do Sul, apresentada como requisito para a obtenção do título de Bacharel.

**Aprovada em:** \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

**Banca Examinadora**

---

Prof.<sup>a</sup> Ms. Jussania de Fátima Albé  
Universidade de Caxias do Sul – UCS

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Márcia Speguen de Quadros Piccoli  
Universidade de Caxias do Sul – UCS

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Flóra Simon da Silva  
Universidade de Caxias do Sul – UCS

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus, presença constante em minha vida, por me conceder serenidade, clareza e direção ao longo desta caminhada. Sua luz me acompanhou desde o início da minha trajetória acadêmica, guiando meus passos e sustentando minha fé nos momentos de dúvida e de renovação.

À minha família, minha base e meu alicerce, expresso minha gratidão mais profunda. Aos meus pais, João Carlos e Luciane, que me ensinaram a não temer os desafios e a acreditar que nenhum sonho é grande demais. Meu pai, que sempre cumpriu cada promessa, fez da minha formação um compromisso de vida e me mostrou, com seu esforço diário, que a educação é um legado de amor. Minha mãe, cuja história de luta e renúncias moldou minha própria noção de força e coragem, me ensinou que determinação também é afeto. Aos meus irmãos Lisiane, Lidiane, Aline e Lucas, que sempre me cercaram de cuidado, apoio e amor, agradeço por cada gesto que contribuiu para que eu me tornasse quem sou. Este diploma é meu, mas também é de vocês, resultado da força coletiva que nossa família construiu.

Ao meu companheiro e namorado, Denner, meu agradecimento carrega um significado que as palavras dificilmente expressam. Obrigada por caminhar ao meu lado em cada etapa dessa trajetória, pelo apoio constante, pelos deslocamentos entre cidades, pelos abraços que me devolveram paz e pela paciência nos dias mais intensos. Foi você quem acreditou em mim antes mesmo que eu encontrasse meu próprio caminho. Foi você quem me apresentou às Relações Públicas, profissão pela qual me apaixonei e na qual me reconheço plenamente. Cada conquista desta caminhada carrega o seu cuidado, a sua parceria e o seu amor.

Às amigas que a universidade me deu, Giulia, Thalya e Vinícius, minha eterna gratidão. Vocês tornaram a graduação mais leve, mais bonita e mais verdadeira. Cada um de vocês me incentivou nos momentos de insegurança, me fortaleceu nos desafios e celebrou comigo cada vitória. O apoio, a parceria e o carinho que compartilhamos foram essenciais nessa trajetória.

À minha orientadora, professora Jussania, deixo meu agradecimento mais sincero. Obrigada por caminhar comigo na construção de um tema exigente e sensível, oferecendo orientação segura, acolhedora e comprometida em cada etapa. Sua escuta, sua confiança e seu cuidado foram fundamentais para que este trabalho se realizasse. Carrego uma tatuagem inspirada em uma disciplina que a senhora

ministrou, prova do impacto profundo que teve na minha trajetória acadêmica e pessoal. Levo comigo não apenas seus ensinamentos, mas também a admiração pela profissional e pela pessoa que é.

Agradeço também à minha cachorrinha Baunilha, que iluminou meus dias com leveza, alegria e afeto. Sua presença sempre trouxe respiro, carinho e paz, lembrando-me de equilibrar responsabilidade com amor e cuidado.

Agradeço, ainda, a todas as pessoas que contribuíram direta ou indiretamente para o meu percurso acadêmico.

Encerrando este ciclo, reconheço o caminho que percorri e honro a dedicação que me trouxe até aqui, a disciplina, o aprendizado contínuo, a resiliência e o compromisso com cada etapa desse processo. Este trabalho é resultado de muitos esforços, meus e de todos que caminharam ao meu lado. A cada um de vocês, meu mais sincero obrigada.

## RESUMO

Este trabalho analisa como a série Dahmer: Um Canibal Americano contribuiu para a formação da opinião pública nas plataformas digitais TikTok e X. Parte-se do entendimento de que, na cultura digital contemporânea, narrativas de *true crime* ultrapassam o entretenimento e atuam como dispositivos formadores de percepções sociais, moldando julgamentos morais e orientando sentidos atribuídos à violência, às vítimas e às dinâmicas socioculturais que as atravessam. Para alcançar o objetivo geral, a pesquisa adota abordagem qualitativa, de caráter exploratório e interpretativo, articulando Análise do Discurso Midiático, Etnografia Virtual Retrospectiva e referenciais da Cultura Participativa. O corpus é composto pelos Episódios 1, 6 e 10 da série e por publicações de usuários no TikTok e no X, examinadas a partir de cinco categorias analíticas: representação midiática, memória das vítimas, impacto social e cultural, recepção emocional e humor/viralização. Os resultados demonstram que as plataformas analisadas produzem ecossistemas interpretativos distintos. No TikTok, predominam lógicas algorítmicas que privilegiam emoções intensas, estética viral e apropriações afetivas que suavizam ou banalizam a violência, gerando recepções ambivalentes entre empatia e fascínio. No X, a circulação é atravessada por debates moralizados, críticas sociais, denúncias de negligência institucional e esforços de recentralização das vítimas, configurando um espaço de disputa simbólica mais crítico e politizado. Essa diferenciação evidencia que a opinião pública não se forma apenas pela narrativa audiovisual, mas pela interação entre produtos midiáticos, dinâmica sociotécnica e práticas discursivas dos usuários. Conclui-se que o caso Dahmer, ao ser reativado e reconfigurado nas redes sociais, contribui para a constituição da opinião pública sobre crime e violência, revelando tensões entre espetacularização, sensibilização e memória social. Os achados confirmam o objetivo geral ao demonstrar que tais representações moldam percepções coletivas sobre justiça, responsabilidade e legitimidade social. Para o campo das Relações Públicas, o estudo reforça a necessidade de mediação comunicacional ética diante de narrativas sensíveis, sublinhando o papel estratégico da área na proteção das vítimas, na crítica à espetacularização e na promoção de debates públicos qualificados.

**Palavras-chave:** opinião pública; mídia digital; *true crime*; representação midiática; relações públicas.

## ABSTRACT

This study analyzes how the series *Dahmer: Monster – The Jeffrey Dahmer Story* contributes to shaping public opinion on the digital platforms TikTok and X. It is based on the understanding that, in contemporary digital culture, true crime narratives go beyond entertainment and operate as devices that produce social perceptions, molding moral judgments and influencing the meanings attributed to violence, victims, and the sociocultural dynamics surrounding them. To achieve its objectives, the research adopts a qualitative, exploratory, and interpretative approach, articulating Media Discourse Analysis, Retrospective Virtual Ethnography, and theoretical contributions from Participatory Culture. The corpus consists of Episodes 1, 6, and 10 of the series and user-generated posts on TikTok and X, examined through five analytical categories: media representation, victims' memory, social and cultural impact, emotional reception, and humor/viralization. The results show that the platforms produce distinct interpretive ecosystems. On TikTok, algorithmic logics privilege intense emotions, viral aesthetics, and affective appropriations that soften or trivialize violence, generating ambivalent receptions marked by oscillations between empathy and fascination. On X, circulation is shaped by moralized debates, social critique, denunciations of institutional negligence, and efforts to recentralize the victims, configuring a more critical and politicized symbolic arena. This differentiation demonstrates that public opinion is not formed solely through the audiovisual narrative, but through the interplay between media products, sociotechnical dynamics, and users' discursive practices. The study concludes that the Dahmer case, when reactivated and reshaped on social media, contributes to the constitution of public opinion regarding crime and violence, revealing tensions between spectacularization, emotional sensibility, and social memory. The findings support the general objective by showing that such representations influence collective perceptions of justice, responsibility, and social legitimacy. For the field of Public Relations, the research reinforces the need for ethical communicational mediation in the management of sensitive narratives, highlighting the strategic role of the discipline in protecting victims, challenging processes of spectacularization, and promoting qualified and responsible public debate.

**Keywords:** public opinion; digital media; true crime; media representation; public relations.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2 FUNDAMENTOS TEÓRICOS: MÍDIA, REPRESENTAÇÃO, OPINIÃO PÚBLICA, CULTURA DO TRUE CRIME E ESPETACULARIZAÇÃO.....</b>	<b>15</b>
2.1 A MÍDIA COMO AGENTE DE CONSTRUÇÃO SIMBÓLICA DA REALIDADE....	15
2.2 MÍDIA, ESPETACULARIZAÇÃO E OPINIÃO PÚBLICA.....	19
2.3 A REPRESENTAÇÃO DO CRIME E A CULTURA DO <i>TRUE CRIME</i> .....	22
2.4. A LÓGICA DA ESPETACULARIZAÇÃO DE <i>SERIAL KILLERS</i> .....	24
<b>3 A CONSTRUÇÃO MIDIÁTICA DO <i>SERIAL KILLER</i>: O CASO JEFFREY DAHMER.....</b>	<b>26</b>
3.1 COBERTURA JORNALÍSTICA E A CONSTRUÇÃO INICIAL DA FIGURA DE DAHMER.....	26
3.2. DAHMER COMO PRODUTO CULTURAL: DOCUMENTÁRIOS, SÉRIES E ESPETACULARIZAÇÃO AUDIOVISUAL.....	27
3.3 CULTURA PARTICIPATIVA E RECEPÇÃO DIGITAL.....	29
<b>4. O CASO JEFFREY DAHMER.....</b>	<b>32</b>
4.1 JEFFREY DAHMER: UMA TRAJETÓRIA CRIMINAL EM PERSPECTIVA HISTÓRICA.....	32
4.2 CASO DAHMER EM DOIS TEMPOS.....	35
4.3 RECEPÇÃO PÚBLICA E DISCURSOS CONTEMPORÂNEOS SOBRE O CASO DAHMER.....	37
4.4 <i>TRUE CRIME</i> EM PLATAFORMAS DIGITAIS: O CASO DAHMER NA CULTURA ALGORÍTMICA.....	39
<b>5 METODOLOGIA.....</b>	<b>42</b>
5.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA.....	42

5.2 OBJETO EMPÍRICO E CONSTITUIÇÃO DO CORPUS.....	43
5.2.1 Critérios de Seleção.....	44
5.2.2 Corpus Audiovisual.....	45
5.2.3 Corpus Digital.....	47
5.2.4 Procedimentos de Transcrição e Segmentação.....	49
5.3. PROCEDIMENTOS ANALÍTICOS.....	49
5.3.1 Síntese metodológica.....	51
5.3.2 Operacionalização das categorias.....	53
5.3.3 Técnica de análise de discurso aplicada.....	56
<b>6. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS.....</b>	<b>58</b>
6.1 EPISÓDIO 1 - <i>MONSTER</i> .....	58
6.2 EPISÓDIO 6 - <i>SILENCED</i> .....	67
6.3 EPISÓDIO 10 - <i>GOD OF FORGIVENESS, GOD OF VENGEANCE</i> .....	75
6.4 ANÁLISE GERAL.....	84
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>88</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>91</b>
<b>APÊNDICE A: INSTRUMENTO DE ORGANIZAÇÃO E CODIFICAÇÃO DO CORPUS DIGITAL (X E TIKTOK).....</b>	<b>102</b>
<b>APÊNDICE B: INSTRUMENTO DE ANÁLISE DO CORPUS AUDIOVISUAL: TRANSCRIÇÕES E SEGMENTAÇÃO DAS CENAS SELECIONADAS.....</b>	<b>103</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, o gênero *true crime* consolidou-se como um dos fenômenos midiáticos mais expressivos da cultura contemporânea. Produções audiovisuais baseadas em crimes reais como séries, documentários, *podcasts* e conteúdos de redes sociais, têm conquistado audiências globais e transformado acontecimentos trágicos em narrativas culturais amplamente consumidas. O interesse crescente por histórias de assassinatos, investigações e psicologia criminal revela não apenas uma curiosidade popular pela violência e pelo desvio moral, mas também mudanças profundas na forma como a mídia constrói e dissemina significados sobre crime, justiça e comportamento humano. Ao retratar a realidade por meio de recursos ficcionais e estéticos, a mídia não apenas informa, mas também cria sentidos simbólicos que influenciam a maneira como o público interpreta o mundo e reage a ele.

O fenômeno do *true crime* reflete uma intersecção entre jornalismo, entretenimento e cultura digital. Por um lado, essas narrativas oferecem um olhar informativo e investigativo sobre crimes que marcaram a história; por outro, transformam a dor e a violência em produtos midiáticos de grande apelo emocional. A combinação entre realismo, dramatização e consumo instantâneo produz um ambiente em que o público se envolve de maneira ativa, participando de debates, compartilhando conteúdos, criando teorias e até desenvolvendo empatia por personagens envolvidos em atos criminosos. Essa dinâmica é intensificada pela lógica das plataformas digitais, nas quais os algoritmos priorizam conteúdos que geram reações intensas, como medo, indignação, curiosidade e fascínio, estimulando o engajamento e ampliando a visibilidade dessas narrativas

Nesse contexto, a mídia assume um papel central como agente de construção simbólica da realidade. Mais do que um simples canal de comunicação, ela atua como mediadora social que seleciona, organiza e enquadra os acontecimentos, influenciando diretamente a formação da opinião pública. Como argumentam Stuart Hall (1997), John B. Thompson (2000) e Jürgen Habermas (1984), a mídia atua como instância produtora de significados, organizando regimes de visibilidade que determinam quais vozes, histórias e interpretações se tornam socialmente relevantes. No ambiente das plataformas digitais, essa dinâmica é intensificada por lógicas algorítmicas, afetivas e participativas, capazes de amplificar

conteúdos, modular emoções e estruturar debates públicos. Esse processo de mediação simbólica torna-se ainda mais evidente nas representações do crime e da violência, em que fatos reais são frequentemente convertidos em narrativas carregadas de estética, emoção e dramaticidade. Nesses casos, o criminoso tende a ser transformado em personagem e o acontecimento violento em espetáculo, produzindo efeitos ambíguos que oscilam entre o interesse informativo, a sensibilização pública e o consumo voyeurístico.

Ao estetizar a brutalidade e, por vezes, humanizar figuras violentas, a mídia contribui para a construção de interpretações sociais complexas, que repercutem diretamente na formação da opinião pública e nos debates morais contemporâneos. Entre os exemplos mais emblemáticos dessa lógica está o de Jeffrey Dahmer, *serial killer* norte-americano cuja trajetória criminosa foi reinterpretada e amplificada pela série *Dahmer: Um Canibal Americano*, lançada pela Netflix em 2022. A produção reacendeu debates públicos, mobilizou memórias sociais e reconfigurou percepções sobre crime, violência e responsabilidade institucional, evidenciando como narrativas audiovisuais podem reintroduzir episódios históricos no imaginário coletivo sob novas lentes, tensionando limites entre informação, espetáculo e cultura do *true crime*.

Para além do êxito da série, o caso ganhou novo fôlego nas redes sociais, impulsionado pela circulação de vídeos, comentários, memes, *fanarts* — produções visuais elaboradas por fãs que reinterpretam personagens e cenas, e outras manifestações culturais. Plataformas como TikTok e X (antigo Twitter) tornaram-se espaços dinâmicos de coprodução de sentidos, onde usuários reinterpretam e recontextualizam a narrativa, transformando o caso em um objeto cultural híbrido, situado entre o horror, a curiosidade e o fascínio. Nesse cenário, práticas de engajamento digital, lógicas algorítmicas e performances afetivas contribuem para transformar o caso Dahmer em um objeto cultural híbrido, atravessado por emoções, conflitos morais e disputas simbólicas.

Diante do exposto, o presente estudo investiga a influência da mídia na opinião pública sobre *serial killers*, delimitando-se à análise da construção, cobertura e recepção do caso Jeffrey Dahmer no contexto digital recente. A pesquisa concentra-se, na série *Dahmer: Um Canibal Americano* e em suas repercussões nas plataformas sociais digitais, examinando como a narrativa audiovisual é reinterpretada, disputada e ampliada pelos públicos conectados. Orienta-se, assim,

pela seguinte questão central: como as representações midiáticas do gênero *true crime* contribuem para a formação da opinião pública na cultura digital contemporânea?

Para responder a essa questão, o estudo adota abordagem qualitativa, exploratória e interpretativa, fundamentada em um desenho metodológico coerente com a natureza simbólica do objeto. A investigação articula três eixos complementares: Análise do Discurso Midiático, voltada aos enquadramentos narrativos e estéticos da série; Etnografia Virtual Retrospectiva, dedicada à observação das práticas comunicacionais registradas nas plataformas digitais; e o referencial da Cultura Participativa, utilizado para compreender como os públicos reinterpretam, recriam e disputam sentidos por meio de comentários, vídeos, memes e demais conteúdos derivado.

Esse conjunto metodológico multiescalar permite observar não apenas como a série constrói representações sobre crime, violência e moralidade, mas como tais representações são apropriadas, amplificadas ou contestadas nos ambientes digitais, evidenciando os modos pelos quais o público atua como coprodutor de sentidos que estruturam a opinião pública.

A partir da questão central, delinea-se o objetivo geral do trabalho, que consiste em analisar como as representações do caso Dahmer influenciam a opinião pública, considerando tanto os enquadramentos narrativos da série quanto as práticas discursivas e afetivas que emergem nas redes sociais. Para atingir esse propósito, estruturam-se os seguintes objetivos específicos: a) identificar as estratégias narrativas utilizadas pela mídia no enquadramento de crimes reais; b) compreender os elementos simbólicos recorrentes na construção midiática da imagem de *serial killers*; c) analisar as formas de coprodução de sentidos pelos públicos digitais e d) discutir as implicações éticas e comunicacionais desse processo na cultura digital contemporânea.

A relevância deste estudo está em diferentes dimensões. No campo social, a pesquisa contribui para compreender como narrativas criminais moldam percepções coletivas sobre violência, punição e justiça, especialmente em um contexto no qual a mídia exerce papel decisivo na construção das sensibilidades públicas. No campo cultural, o trabalho problematiza a transformação do crime em espetáculo e discute o papel do entretenimento na produção de memórias, mitologias sociais e sentidos compartilhados sobre figuras violentas. No âmbito acadêmico e profissional, com

destaque para as áreas de Relações Públicas e Comunicação Organizacional, o estudo oferece subsídios para refletir sobre a ética comunicacional, a responsabilidade social da mídia e os impactos simbólicos de narrativas que lidam com sofrimento, trauma e vulnerabilidade. Ao articular esses elementos, a pesquisa reforça a necessidade de uma abordagem crítica e interdisciplinar para compreender os efeitos socioculturais do *true crime* na cultura digital contemporânea.

A abordagem metodológica adotada neste estudo é qualitativa, de caráter exploratório e interpretativo, configurando-se como a mais adequada para investigar fenômenos simbólicos, culturais e comunicacionais. O corpus empírico contempla a série *Dahmer: Um Canibal Americano*, produzida pela Netflix, e um conjunto de conteúdos digitais publicados entre 2022 e 2023 nas plataformas X e TikTok.

A análise foi estruturada em duas frentes complementares. A primeira consiste no exame do discurso midiático da obra audiovisual, considerando elementos narrativos, estéticos e simbólicos que moldam a representação do caso. A segunda corresponde à observação etnográfica virtual das interações, comentários e produções derivadas dos usuários, permitindo identificar padrões de recepção, engajamento e ressignificação. A triangulação entre essas perspectivas oferece uma compreensão integrada do fenômeno, ao articular produção, circulação e recepção. Dessa forma, torna-se possível observar não apenas como a narrativa é construída, mas como ela é reinterpretada pelos públicos, evidenciando disputas de sentido, apropriações afetivas e dinâmicas algoritmizadas próprias da cultura digital contemporânea.

A organização deste estudo foi estruturada de modo a garantir clareza analítica e coerência entre os objetivos propostos, o referencial teórico e a análise empírica. Após esta introdução, o trabalho se desenvolve em duas partes principais. A primeira parte corresponde aos capítulos teóricos, no qual são discutidos os conceitos fundamentais que sustentam a investigação: mídia e representação, opinião pública, cultura do *true crime*, espetacularização da violência e as dinâmicas sociotécnicas da circulação de narrativas na era digital. Essa fundamentação fornece o arcabouço conceitual necessário para compreender como obras audiovisuais e conteúdos digitais participam da construção de sentidos sobre crime, moralidade e responsabilidade social.

A segunda parte concentra-se na análise empírica do caso Jeffrey Dahmer, contemplando tanto a construção midiática da figura do *serial killer* na série *Dahmer*:

Um Canibal Americano quanto as reações, resignificações e disputas discursivas produzidas pelos públicos nas plataformas TikTok e X. Nessa etapa, examinam-se as dinâmicas de interpretação, viralização, empatia, repulsa e humor que caracterizam a circulação contemporânea do *true crime*, bem como seus impactos na constituição da opinião pública.

Por fim, as considerações finais sintetizam os resultados obtidos, destacando as contribuições da pesquisa para os debates sobre mídia e opinião pública, além de apontar os desafios éticos, comunicacionais e simbólicos que emergem quando narrativas criminais se tornam objetos culturais amplamente consumidos e reinterpretados no ambiente digital.

Em síntese, este trabalho busca oferecer uma leitura crítica sobre o papel da mídia na conformação da opinião pública, evidenciando como a dramatização de crimes reais pode produzir efeitos complexos e contraditórios. Ao investigar o caso Dahmer sob a perspectiva comunicacional, a pesquisa propõe compreender a mídia não apenas como veículo de informação, mas como espaço de disputas simbólicas no qual os sentidos são produzidos, negociados e amplificados.

## **2 FUNDAMENTOS TEÓRICOS: MÍDIA, REPRESENTAÇÃO, OPINIÃO PÚBLICA, CULTURA DO *TRUE CRIME* E ESPETACULARIZAÇÃO**

Este capítulo sistematiza os fundamentos teóricos que sustentam a análise da construção simbólica do crime pela mídia. A discussão está estruturada em torno de quatro eixos centrais: (1) a mídia como agente produtor de sentidos e mediadora da realidade social; (2) os mecanismos de representação midiática que moldam narrativas sobre crime e violência; (3) os processos de formação da opinião pública em contextos mediados e algoritmizados; e (4) a cultura do *true crime* na era digital, marcada pela convergência entre entretenimento, afetos e disputas morais. Esses eixos articulam o arcabouço conceitual necessário para compreender, de forma crítica, as dinâmicas que emergem no caso Dahmer, aprofundadas no capítulo subsequente.

### **2.1 A MÍDIA COMO AGENTE DE CONSTRUÇÃO SIMBÓLICA DA REALIDADE**

A mídia configura-se como um dos principais agentes de mediação simbólica da vida social. Mais do que um simples canal de transmissão de informações, ela desempenha papel ativo na produção de sentidos, ao selecionar acontecimentos, organizar narrativas e instituir regimes de visibilidade e invisibilidade. Nesse contexto, pode ser compreendida como o conjunto de meios, dispositivos e práticas comunicacionais responsáveis pela produção, circulação e recepção de informações e símbolos na sociedade.

A compreensão da mídia como agente estruturante da realidade simbólica é central nos estudos comunicacionais contemporâneos. Longe de atuar como canal neutro de transmissão, ela exerce função ativa ao selecionar, organizar e interpretar acontecimentos sociais, influenciando diretamente a forma como os indivíduos constroem sua percepção do mundo (Thompson, 2000). Nesse processo, discursos midiáticos configuram-se como estratégias recorrentes nos discursos midiáticos, capazes de capturar a atenção do público e reforçar representações sociais, estigmas e valores..

Essa perspectiva encontra respaldo na teoria da construção social da realidade apresentada por Berger e Luckmann (1966), segundo a qual o mundo social é produzido por processos intersubjetivos de significação. Sob essa

perspectiva, a mídia assume papel institucional central, pois fornece esquemas interpretativos que orientam percepções e comportamentos sociais. Verón (1989) reforça esse entendimento ao conceber os meios como reprodutores de acontecimentos, mas como operadores discursivos que reconfiguram o “real” e molda o, debate público.

Ao longo do século XX, jornais impressos, rádio e televisão consolidaram-se como os principais agentes de mediação simbólica, desempenhando papel decisivo na definição da agenda pública e na construção de narrativas que moldaram o imaginário coletivo. Essa centralidade conferiu-lhes autoridade para estabelecer o que seria considerado relevante, legítimo ou verdadeiro no espaço social.

No entanto, nas últimas décadas, a ascensão das plataformas digitais, redes sociais, serviços de *streaming* e mecanismos de busca transformou profundamente o ecossistema midiático. Diferentemente da lógica editorial das mídias tradicionais, tais ambientes operam por meio de algoritmos complexos que automatizam a filtragem, o ranqueamento e a distribuição de conteúdos. Pariser (2011) e Tufekci (2017) mostram como esses mecanismos personaliza a experiência informacional, enquanto Sunstein (2017) analisa seus efeitos na fragmentação do debate público. Bucher (2018) e Gillespie (2018) destacam a opacidade dos critérios que organizam a visibilidade, e estudos como os de Van Dijck, Poell e De Waal (2018), além de Noble (2018) e Zuboff (2019), que evidenciam novas formas de controle simbólico baseadas na extração e no uso intensivo de dados.

Neste cenário, plataformas de streaming também emergem como agentes de mediação simbólica. Serviços como a Netflix articulam decisões editoriais com sistemas automatizados de recomendação, combinando escolhas estéticas e estratégicas comerciais orientadas por dados de consumo. Ao ocupar simultaneamente o papel de produtora e distribuidora, tais plataformas interferem diretamente na circulação de conteúdos, na definição do que ganha destaque e na visibilidade de determinadas narrativas no debate público.

A seleção automatizada de conteúdos, muitas vezes inacessível à compreensão do usuário, compromete a capacidade crítica do público em avaliar os processos de circulação e legitimação de sentidos no ambiente digital. Conteúdos capazes de gerar reações intensas como medo, indignação ou curiosidade tendem a ser priorizados, favorecendo narrativas sensacionalistas e a viralização de versões particulares dos fatos. Pariser (2011) e Tufekci (2017) evidenciam como tais

priorizações se vinculam à lógica do engajamento, enquanto Bucher (2018) discute seus efeitos na distribuição automatizada dos conteúdos. Noble (2018) e Zuboff (2019) reforçam que essas dinâmicas atendem a interesses comerciais baseados em dados. Nesse contexto, a esfera pública fragmenta-se, e os sentidos passam a ser coproduzidos por usuários, influenciadores e plataformas em um ambiente marcado pela velocidade e pela disputa por atenção. Sunstein (2017) analisa as implicações dessa fragmentação, enquanto Van Dijck, Poell e De Waal (2018) destacam o papel das plataformas na organização desses fluxos. Couldry e Hepp (2017) e Couldry e Mejias (2019) evidenciam que essa dinâmica decorre de processos de mediação cada vez mais distribuídos, atravessados por práticas sociais e por lógicas técnicas.

Assim, compreender a mídia como agente de construção simbólica da realidade exige ir além da análise de conteúdos. É necessário considerar dispositivos técnicos, lógicas institucionais e dinâmicas socioculturais que orientem a produção, circulação e recepção das mensagens. No contexto digital contemporâneo, marcado pela centralidade dos algoritmos e pela intensificação da interatividade, os processos de mediação simbólica tornam-se mais difusos, automatizados e disputados. A mídia, portanto, não apenas espelha a realidade, ela participa ativamente de sua definição ao mediar sentidos, consolidar discursos e estruturar modos de ver, sentir e compreender o mundo.

Quadro 1 – Comparativo entre mídia tradicional e mídia digital algorítmica nos processos de mediação simbólica

<b>Aspectos</b>	<b>Mídia tradicional (jornais, rádio, TV)</b>	<b>Mídia digital algorítmica (plataformas, redes sociais, buscadores)</b>
Critérios de seleção	Decisões editoriais baseadas em valores-notícia e práticas profissionais institucionalizadas (Carlson, 2017).	Determinados por algoritmos que priorizam engajamento e dados de comportamento, com critérios opacos (Bucher, 2018; Gillespie, 2018).
Atores centrais	Jornalistas, editores e empresas de comunicação que exercem autoridade sobre a produção de conteúdo (Schudson, 2018).	Plataformas digitais, engenheiros de sistemas e usuários que retroalimentam os fluxos de circulação (Van Dijck; Poell; De Waal, 2018).

Transparência	Relativa: os critérios editoriais podem ser explicitados e sujeitos a críticas públicas (Carlson, 2017).	Baixa: lógicas algorítmicas invisíveis e pouco auditáveis pelos usuários (Noble, 2018; Pasquale, 2015).
Impacto social	Formação de agendas públicas relativamente centralizadas e uniformes (Couldry; Hepp, 2017).	Fragmentação da esfera pública, viralização emocional e polarização (Tufekci, 2017; Sunstein, 2017; Zuboff, 2019).
Forma de mediação simbólica	Narrativas <i>top-down</i> , legitimadas institucionalmente, com centralização em grandes conglomerados (Kellner, 2020).	Narrativas coproduzidas por plataformas, influenciadores e usuários, mas condicionadas por métricas de engajamento (Couldry; Mejias, 2019).
Controle simbólico	Exercido por empresas midiáticas tradicionais, moderado por regulações estatais e normas éticas (Schudson, 2018).	Exercido por corporações digitais globais, orientado por extração de dados e lógicas comerciais (Zuboff, 2019; Crawford, 2018).

Fonte: elaborado pela autora (2025), com base em Crawford (2018), Bucher (2018), Carlson (2017), Couldry; Hepp (2017), Couldry; Mejias (2019), Gillespie (2018), Kellner (2020), Noble (2018), Pasquale (2015), Schudson (2018), Sunstein (2017), Tufekci (2017), Van Dijck; Poell; De Waal (2018), Zuboff (2019).

O quadro evidencia que a transição da lógica editorial para a lógica algorítmica não representa apenas uma mudança técnica, mas uma reconfiguração profunda da mediação simbólica. No modelo tradicional, o jornalismo exercia autoridade sobre a produção e circulação de conteúdos, legitimado por valores-notícia e práticas institucionais (Carlson, 2017; Schudson, 2018). Apesar de sujeito a vieses e pressões externas, esse sistema mantinha relativa transparência e centralidade na definição da agenda pública, contribuindo para uma esfera social mais coesa.

Já nas plataformas digitais, os algoritmos assumem a função de curadores invisíveis ao determinar quais conteúdos ganham visibilidade com base em métricas de engajamento e interesses comerciais. Bucher (2018) e Gillespie (2018) analisam como esses sistemas operam de forma opaca, enquanto Noble (2018) evidencia seus impactos nas hierarquias simbólicas. Essa mediação algorítmica, embora descentralize antigos polos midiáticos, introduz novas formas de controle, marcadas pela opacidade das lógicas de filtragem, como discute Pasquale (2015), e pela extração massiva de dados como recurso econômico, conforme destaca Zuboff

(2019). Nesse cenário, a esfera pública fragmenta-se e os sentidos passam a ser coproduzidos em um ambiente instável, moldado por disputas por atenção e pela viralização de conteúdos emocionalmente intensos, processo analisado por Tufekci (2017) e Sunstein (2017).

Assim, os processos de mediação tornam-se mais complexos, exigindo abordagens críticas que considerem não apenas os conteúdos, mas também os dispositivos técnicos e institucionais que estruturam a visibilidade no ambiente digital. A mídia, portanto, permanece como instituição central na produção de sentidos coletivos, mas agora inserida em um ecossistema híbrido, em que narrativas editoriais convivem com dinâmicas algorítmicas que reorganizam o controle simbólico. Couldry e Hepp (2017) destacam como essa mediação organiza a experiência social, enquanto Couldry e Mejias (2019) evidenciam os efeitos das estruturas digitais nesses processos. Kellner (2020) complementa ao mostrar que tais dinâmicas se inserem em uma cultura midiática que disputa sentidos continuamente.

A análise comparativa entre a lógica editorial da mídia tradicional e a lógica algorítmica das plataformas digitais permite compreender que não se trata apenas de uma mudança técnica, mas de uma reconfiguração estrutural dos processos de mediação simbólica. Enquanto a centralidade das redações jornalísticas garantia certa uniformidade na definição da agenda pública, os algoritmos introduzem dinâmicas de fragmentação, personalização e intensificação das disputas por atenção, com impactos diretos na formação da opinião pública e na construção social da realidade.

Essa transformação evidencia que a mídia, em qualquer de suas formas, permanece como instituição central na produção de sentidos coletivos, ainda que seus modos de operação e de controle simbólico tenham se modificado profundamente. No contexto digital, a visibilidade deixa de ser resultado apenas de escolhas editoriais e passa a ser determinada por processos técnicos de curadoria algorítmica, cuja lógica comercial e opacidade reforçam assimetrias de poder e desafios democráticos.

Dessa forma, compreender a transição da mediação editorial para a mediação algorítmica é condição necessária para analisar os modos como os discursos circulam, ganham legitimidade e moldam imaginários sociais na contemporaneidade. A partir desse ponto, torna-se pertinente avançar para a

discussão sobre as relações entre mídia, espetacularização e opinião pública, investigando como os discursos midiáticos não apenas informam, mas também dramatizam os acontecimentos, reforçando estigmas, valores culturais e representações sociais.

## 2.2 MÍDIA, ESPETACULARIZAÇÃO E OPINIÃO PÚBLICA

A relação entre mídia, espetacularização e opinião pública constitui um eixo central nos estudos comunicacionais contemporâneos. Desde Debord (1997), ao afirmar que vivemos em uma sociedade do espetáculo, compreende-se que a mídia não se limita a informar, mas organiza experiências coletivas por meio da dramatização e da estetização dos acontecimentos. O espetáculo, nesse sentido, não se restringe ao entretenimento: trata-se de um princípio estruturante que transforma eventos sociais em imagens consumíveis, naturalizando relações de poder e impondo modos de ver e interpretar a realidade.

Na mesma direção, Thompson (2000) sublinha que a mídia moderna dramatiza os acontecimentos sociais, convertendo-os em narrativas públicas dotadas de forte carga simbólica. Ao destacar determinados discursos e silenciar outros, ela cria regimes de visibilidade que afetam a formação da opinião pública e a construção de consensos sociais. Dayan e Katz (1992), por sua vez, ao introduzirem o conceito de “eventos mediáticos”, chamaram atenção para os momentos em que a mídia organiza espetáculos coletivos como funerais de líderes, Olimpíadas ou crises globais, reforçando sua centralidade como agente de integração simbólica e de legitimação social.

Com o avanço das plataformas digitais, a lógica da espetacularização passa a operar em novas bases. Kellner (2020) argumenta que a cultura midiática contemporânea é permeada pela “política do espetáculo”, na qual acontecimentos políticos, sociais e culturais são dramatizados e convertidos em performances destinadas ao consumo público. No ambiente digital, esse processo é intensificado pela lógica algorítmica que privilegia conteúdos de forte apelo emocional, incentivando a circulação de narrativas sensacionalistas e fragmentadas. Tufekci (2017) discute como esse estímulo ao engajamento amplia a difusão de conteúdos de impacto, enquanto Van Dijck, Poell e De Waal (2018) analisam o papel das plataformas na organização desses fluxos. Assim, a espetacularização deixa de

depender apenas da curadoria editorial das redações jornalísticas e passa a ser retroalimentada pelo comportamento dos usuários e pelas métricas de visibilidade que estruturam o ambiente digital.

Papacharissi (2015; 2021) avança nesse debate ao propor a noção de “esfera pública afetiva”, evidenciando que, nas redes digitais, a opinião pública não se forma prioritariamente pelo debate racional, como sugerido por Habermas, mas pela circulação de emoções, afetos e narrativas pessoais. O espetáculo midiático, nesse contexto, encontra terreno fértil nas plataformas digitais: ao mobilizar emoções intensas como indignação, medo ou esperança, os conteúdos espetacularizados capturam a atenção e estruturam vínculos simbólicos entre usuários, influenciadores e instituições. Esse processo contribui para compreender por que notícias falsas, discursos polarizadores e narrativas conspiratórias frequentemente alcançam grande repercussão em ambientes digitais.

Couldry e Hepp (2017) reforçam essa leitura ao afirmar que a realidade contemporânea é comunicacionalmente construída por fluxos mediados, em que plataformas e mídias organizam a visibilidade dos discursos. Já Couldry e Mejias (2019) introduzem a noção de “colonialismo de dados”, sugerindo que a espetacularização atual não pode ser dissociada da exploração sistemática de informações pessoais, que transforma interações humanas em insumos econômicos. Isso significa que o espetáculo digital é atravessado por interesses comerciais que, ao monetizarem a atenção, condicionam quais discursos ganham circulação e quais permanecem invisíveis.

Autores recentes também destacam como a espetacularização digital reconfigura os processos de deliberação pública. Fuchs (2021) argumenta que a economia digital transforma a comunicação em mercadoria, subordinando o debate público às lógicas do capitalismo de plataforma. Nessa perspectiva, a espetacularização não é apenas cultural, mas estrutural, pois decorre de um modelo econômico que privilegia conteúdos polarizadores e virais. Já Papathanassopoulos e Hoskins (2021) mostram como a espetacularização atravessa inclusive o jornalismo profissional, que, pressionado por métricas de audiência, adota estratégias de dramatização típicas das redes sociais.

Nesse cenário, a espetacularização midiática deixa de se limitar a grandes eventos ritualizados como os descritos por Dayan e Katz (1992), para se manifestar em fluxos contínuos de viralização, personalização e dramatização cotidiana. A

opinião pública passa a ser coproduzida em um espaço híbrido, no qual mídias tradicionais, plataformas digitais, influenciadores e usuários disputam atenção e legitimidade. Essa coprodução, entretanto, ocorre sob a mediação de algoritmos invisíveis que priorizam determinados conteúdos, configurando um ambiente marcado pela fragmentação da esfera pública, pela intensificação da polarização e pela emergência de novas formas de controle simbólico. Noble (2018) discute como esses sistemas reforçam hierarquias e assimetrias de visibilidade e Zuboff (2019) evidencia o papel dos dados e da lógica comercial na consolidação desses mecanismos de poder.

Assim, compreender as relações entre mídia, espetacularização e opinião pública exige deslocar o olhar da simples análise de conteúdos para a observação dos dispositivos técnicos, das lógicas institucionais e das dinâmicas socioculturais que sustentam a circulação das narrativas. A espetacularização, no ambiente digital, não apenas dramatiza os acontecimentos, mas se converte em um princípio organizador da experiência comunicacional, que molda percepções, legitima discursos e influencia decisivamente a construção simbólica da realidade social contemporânea.

Se, no plano mais amplo, a espetacularização midiática organiza experiências coletivas e molda percepções públicas sobre acontecimentos sociais, no campo criminal esse processo assume contornos ainda mais específicos. A dramatização da violência, a ênfase em narrativas de choque e a construção de personagens em torno de criminosos e vítimas revelam como o crime se converte em espetáculo privilegiado de circulação midiática. É nesse terreno que emerge a cultura do *true crime*, na qual práticas jornalísticas, produtos audiovisuais e interações digitais transformam episódios de violência em narrativas culturais de amplo consumo.

### 2.3 A REPRESENTAÇÃO DO CRIME E A CULTURA DO *TRUE CRIME*

A representação midiática do crime não se limita a relatar acontecimentos factuais: ela constitui um processo discursivo que seleciona, enquadra e dramatiza episódios de violência, atribuindo-lhes significados específicos. Como observa Hall (1997), a representação deve ser entendida como prática cultural que constrói sentidos e não como mero reflexo da realidade. Nesse sentido, a mídia, ao narrar crimes, atua como produtora de enquadramentos simbólicos que moldam

percepções sociais, reforçam estereótipos e alimentam imaginários coletivos.

A teoria do enquadramento (Entman, 1993) ajuda a compreender esse processo, ao evidenciar que a mídia organiza a realidade destacando certos elementos e silenciando outros. Reese, Gandy e Grant (2022) atualizam essa perspectiva ao demonstrar como, na era digital, o enquadramento se articula a métricas de engajamento, transformando narrativas criminais em conteúdos cada vez mais polarizados e sensacionalistas. O crime, nesse contexto, torna-se espetáculo midiático que mobiliza afetos, reforça distinções morais e consolida narrativas de controle social.

Esse fenômeno é visível desde a expansão do jornalismo popular e televisivo no século XX, mas ganha novas proporções no ambiente digital contemporâneo. Para Kellner (2020), a mídia atual opera sob uma lógica de espetacularização contínua, em que crimes, crises e tragédias são dramatizados como performances públicas destinadas a capturar a atenção. Napoli (2023) complementa ao apontar que, nas plataformas digitais, o crime é frequentemente transformado em conteúdo replicável e viralizável, sustentado por algoritmos que favorecem narrativas de choque, curiosidade ou indignação.

Essa espetacularização não apenas dramatiza acontecimentos, mas estrutura relações sociais. Berry (2022) observa que, na cultura do *true crime*, a representação midiática de assassinatos e de *serial killers* adquire dimensão de entretenimento, atravessando fronteiras entre informação, consumo cultural e voyeurismo. Jenkins, Gies e Vasquez (2023) ampliam esse debate ao analisar como *podcasts*, documentários e séries de *streaming* reforçam a lógica da serialização do crime, oferecendo ao público narrativas contínuas que misturam investigação, drama e construção de personagens.

No entanto, a espetacularização midiática do crime não é neutra. Estudos recentes apontam que esse processo pode reforçar desigualdades estruturais e alimentar preconceitos. Helberger et al. (2023) mostram que, nas plataformas digitais, os enquadramentos sobre violência e criminalidade tendem a privilegiar representações estigmatizantes, produzindo “ciclos de visibilidade” que ampliam a marginalização de determinados grupos sociais. Andrejevic e Denegri-Knott (2023) destacam que esse tipo de narrativa opera como forma de economia da atenção, em que o crime serve como recurso para prender usuários em ecossistemas digitais baseados em dados.

Assim, a representação midiática do crime na contemporaneidade está intrinsecamente associada à espetacularização. Ao selecionar, dramatizar e difundir narrativas criminais, a mídia não apenas informa, mas produz sentidos que moldam a opinião pública e reforçam estruturas simbólicas de poder. A espetacularização do crime, intensificada pelas plataformas digitais, coloca em evidência a necessidade de analisar criticamente como tais narrativas contribuem para a construção social da realidade, sobretudo em gêneros como o *true crime*, que transformam a violência em produto cultural de amplo consumo.

A análise teórica desenvolvida até aqui permite compreender que a comunicação midiática contemporânea opera em três frentes interdependentes. Em primeiro lugar, a mídia atua como mediadora simbólica que organiza a visibilidade social, hoje profundamente condicionada pela ecologia algorítmica. Bucher (2018) e Gillespie (2018) discutem como esses sistemas estruturam fluxos informacionais, enquanto Van Dijck, Poell e De Waal (2018) analisam o papel das plataformas na organização da circulação. Noble (2018) e Zuboff (2019) evidenciam ainda como tais dinâmicas se articulam a modelos de extração de dados e controle simbólico. Em segundo lugar, os enquadramentos fornecem esquemas interpretativos que orientam a leitura dos fatos, enfatizando determinados aspectos enquanto silenciam outros, como apontam Hall (1997), Entman (1993) e Reese, Gandy e Grant (2022). Por fim, a esfera pública digital é atravessada por fluxos afetivos e pela circulação híbrida de conteúdos, processo descrito por Chadwick (2017) e aprofundado por Papacharissi (2015; 2021), que mostram como emoções, algoritmos e atores sociais se combinam para moldar percepções coletivas.

Esse entrelaçamento evidencia que a opinião pública não se forma de modo espontâneo, mas emerge de disputas simbólicas mediadas por tecnologias, instituições e narrativas. No campo criminal, tais processos tornam-se ainda mais visíveis: a dramatização dos acontecimentos, a serialização do crime e a coprodução de sentidos pelos usuários configuram um cenário em que a violência se converte em espetáculo midiático e cultural. Essa síntese teórica prepara o terreno para avançar à análise da lógica de espetacularização dos *serial killers*, em especial do caso Jeffrey Dahmer, que exemplifica de maneira paradigmática como mídia, representação e opinião pública se articulam na contemporaneidade.

## 2.4. A LÓGICA DA ESPETACULARIZAÇÃO DE *SERIAL KILLERS*

A figura do *serial killer* ocupa um lugar singular na cultura midiática contemporânea: ao mesmo tempo em que representa a violência extrema, torna-se objeto de fascínio e de consumo cultural. Martin (1994) descreve o *serial killer* como um “mito moderno”, construído por meio de narrativas midiáticas que o transformam em personagem carregado de significados simbólicos e estigmatizados. Na era digital, essa construção é potencializada por algoritmos que privilegiam conteúdos de alto impacto emocional, ampliando sua circulação em redes sociais e serviços de *streaming* (Napoli, 2023).

Esse processo está vinculado ao que Couldry e Mejias (2019) denominam “colonização do imaginário”, na medida em que corporações digitais controlam fluxos de visibilidade e modulam quais discursos circulam. A violência, nesse contexto, é convertida em mercadoria simbólica e econômica, organizada por critérios de engajamento e viralização, como argumentam Andrejevic e Denegri-Knott (2023). A espetacularização não apenas dramatiza os fatos, mas cria ecossistemas de consumo contínuo, nos quais documentários, séries, podcasts e conteúdos derivados prolongam narrativas criminais e consolidam a imagem do criminoso como ícone cultural. Berry (2022) evidencia essa transformação no campo do entretenimento, enquanto Jenkins, Gies e Vasquez (2023) demonstram como a serialização e a recombinação narrativa reforçam essa circulação ampliada.

No caso de Jeffrey Dahmer, essa lógica revela-se de forma paradigmática. A série *Dahmer: Um Canibal Americano* (Netflix, 2022) exemplifica como a dramatização audiovisual combina realismo e estética de entretenimento, aproximando o criminoso de uma figura ambivalente que desperta tanto repulsa quanto empatia. A repercussão em plataformas como TikTok e Twitter demonstrou a coprodução de sentidos por parte do público, com a circulação de *fanarts*, vídeos editados e comentários que romantizavam o personagem interpretado por Evan Peters. Como observam Ferreira (2021) e Kalil (2023), essa participação ativa das audiências transforma o consumo de *true crime* em prática cultural colaborativa, que simultaneamente reforça, distorce e ressignifica a imagem do criminoso.

Contudo, a espetacularização de *serial killers* não está isenta de implicações éticas e sociais. Santos (2020) alerta para o risco de banalização do sofrimento das vítimas, enquanto Tufekci (2022) evidencia como a exploração midiática do medo

pode legitimizar políticas punitivistas e práticas de vigilância. Assim, a representação midiática de figuras como Dahmer deve ser analisada não apenas como narrativa de entretenimento, mas como fenômeno comunicacional que interfere na formação da opinião pública, reforça estigmas sociais e reorganiza sensibilidades coletivas diante da violência.

Em síntese, a lógica de espetacularização dos *serial killers* resulta da intersecção entre curadoria algorítmica, cultura participativa e economia da atenção. Essa dinâmica evidencia como as representações criminais se tornam produtos culturais de alto valor simbólico e mercadológico, cuja circulação é sustentada por estratégias de engajamento emocional. A partir dessa perspectiva, o próximo capítulo dedicará atenção ao caso Dahmer, buscando compreender como a mídia, as plataformas digitais e os públicos coproduzem sentidos sobre sua trajetória criminosa e quais implicações esse processo tem para a construção social da violência.

### 3 A CONSTRUÇÃO MIDIÁTICA DO *SERIAL KILLER*: O CASO JEFFREY DAHMER

Este capítulo analisa o caso Jeffrey Dahmer a partir dos fundamentos teóricos apresentados anteriormente, que abordam a mídia como mediadora simbólica, a espetacularização da violência e a cultura do *true crime*. Considerado um dos *serial killers* mais midiaticamente explorados das últimas décadas, Dahmer tornou-se um fenômeno cultural cuja narrativa ultrapassa o noticiário policial e se insere nas disputas simbólicas da esfera pública. A análise concentra-se na série *Dahmer: Um Canibal Americano* (Netflix, 2022) e nas ressignificações produzidas pelos públicos nas plataformas digitais. O objetivo é compreender como as representações do criminoso foram construídas, disseminadas e reinterpretadas, evidenciando estratégias discursivas, enquadramentos simbólicos e seus impactos na opinião pública, bem como nos modos de lembrar ou silenciar as vítimas envolvidas.

#### 3.1 COBERTURA JORNALÍSTICA E A CONSTRUÇÃO INICIAL DA FIGURA DE DAHMER

A cobertura jornalística do caso Jeffrey Dahmer, sobretudo entre 1991 e 1992, desempenhou papel decisivo na consolidação de sua imagem pública. Desde sua prisão em Milwaukee, os meios de comunicação atribuíram-lhe qualificativos como “canibal”, “monstro” e “assassino em série”, enquadramentos que enfatizavam o caráter grotesco e incompreensível de seus crimes. Essa narrativa inicial privilegiou a dimensão sensacionalista dos acontecimentos, transformando a investigação policial em espetáculo midiático e mobilizando emoções coletivas de horror, repulsa e fascínio.

O jornalismo, nesse contexto, operou como instância de mediação simbólica, selecionando quais aspectos da trajetória de Dahmer seriam evidenciados e quais seriam omitidos. A teoria do enquadramento (Entman, 1993) auxilia a compreender esse processo: ao definir problemas, diagnosticar causas e atribuir julgamentos morais, a imprensa construiu uma narrativa que apresentava Dahmer como ameaça social absoluta. Tal representação contribuiu para reforçar a ideia de um “outro monstruoso”, deslocado da normalidade social e alheio a qualquer possibilidade de empatia ou compreensão.

Essa forma de cobertura encontra respaldo no papel histórico do jornalismo em momentos de crise. Como destaca Thompson (2000), os meios de comunicação dramatizam acontecimentos, convertendo-os em narrativas públicas dotadas de forte carga simbólica. No caso Dahmer, essa dramatização foi acentuada pela repetição de detalhes macabros como práticas de necrofilia, canibalismo e ocultação de corpos, que ocupavam manchetes e chamadas televisivas, muitas vezes sem contextualização sociológica ou psicológica. Ao privilegiar tais elementos, a mídia reforçava um enquadramento moralizante, no qual Dahmer era representado como inumano e demoníaco.

Embora essa cobertura atendesse à lógica noticiosa do impacto, ela também revelou limitações importantes. A centralidade dada ao criminoso eclipsou, em grande medida, a memória e a identidade das vítimas, que eram frequentemente reduzidas a números ou a notas de rodapé. Esse apagamento midiático reforça a observação de Schudson (2018), segundo a qual o jornalismo, ao selecionar narrativas, não apenas informa, mas estabelece hierarquias de relevância, legitimando certas vozes e silenciando outras.

Assim, a cobertura inicial do caso Dahmer evidencia como a imprensa tradicional participou ativamente da construção simbólica do *serial killer*, transformando sua figura em ícone midiático marcado pela monstruosidade e pelo sensacionalismo. Esse enquadramento inaugurou uma trajetória de espetacularização que, nas décadas seguintes, seria expandida e reconfigurada por documentários, produções audiovisuais e plataformas digitais, consolidando Dahmer como personagem cultural global.

### 3.2. DAHMER COMO PRODUTO CULTURAL: DOCUMENTÁRIOS, SÉRIES E ESPETACULARIZAÇÃO AUDIOVISUAL

Ao longo das últimas décadas, o caso Dahmer foi constantemente retomado pela mídia em diferentes formatos narrativos, passando de reportagens jornalísticas a documentários, filmes, *podcasts* e, mais recentemente, séries de *streaming*. Esse processo transformou o criminoso em um produto cultural de longo alcance, cuja imagem circula em múltiplos suportes e temporalidades. A produção audiovisual opera, nesse sentido, como espaço privilegiado de espetacularização, em que elementos factuais da trajetória criminal são dramatizados de modo a intensificar seu

apelo narrativo e emocional.

A série *Dahmer: Um Canibal Americano* (Netflix, 2022) representa o ápice dessa espetacularização audiovisual. Ao dramatizar os crimes em formato seriado, a produção oferece uma narrativa contínua que combina investigação, drama psicológico e reconstituição histórica, convertendo o criminoso em personagem cultural global. Esse tipo de representação se alinha ao que Debord (1997) denominou “sociedade do espetáculo”, em que acontecimentos reais são transformados em imagens destinadas ao consumo. Kellner (2020) complementa ao destacar que a cultura midiática contemporânea funciona sob a lógica da “política do espetáculo”, em que dramas sociais são convertidos em performances culturais capazes de prender a atenção e gerar engajamento massivo.

No caso *Dahmer*, a estética da produção foi fundamental para consolidar esse efeito. A escolha de Evan Peters para interpretar o assassino despertou ampla repercussão em redes sociais, com inúmeros comentários que romantizavam a figura do ator-personagem. Kalil (2023) observa que esse tipo de recepção reforça a ambivalência característica da espetacularização: ao mesmo tempo em que repulsa e horror permanecem presentes, também emergem sentimentos de empatia e até fascínio, produzindo uma recepção ambígua que relativiza a gravidade dos crimes.

A serialização do crime como narrativa midiática se conecta à lógica descrita por Jenkins, Gies e Vasquez (2023), segundo a qual o *true crime* se consolidou como gênero cultural capaz de articular informação, entretenimento e participação das audiências. Berry (2022) reforça que essa serialização não apenas prolonga a vida midiática de casos criminais, mas também cria novos mercados de consumo, em que o criminoso se converte em ícone *pop*. Napoli (2023) acrescenta que, nas plataformas digitais, esse efeito é ampliado por algoritmos que privilegiam conteúdos de forte carga emocional, favorecendo a replicação e a viralização.

Contudo, essa espetacularização audiovisual não é neutra. O foco excessivo no criminoso contribui para a invisibilização das vítimas, frequentemente reduzidas a papéis secundários ou meros recursos narrativos. Como apontam familiares de algumas vítimas, a série da Netflix reabriu feridas ao dramatizar detalhes dolorosos sem oferecer espaço proporcional para as histórias das pessoas vitimadas. Helberger *et al.* (2023) lembram que, em ecossistemas digitais, representações midiáticas tendem a reproduzir estigmas e desigualdades, reforçando ciclos de visibilidade que privilegiam certas narrativas em detrimento de outras.

Dessa forma, Dahmer transcende sua trajetória criminal e se torna um ícone da cultura midiática contemporânea, inserido em um circuito de espetacularização que envolve a imprensa, as plataformas digitais e a indústria do entretenimento global. Sua figura simboliza como a violência pode ser convertida em narrativa cultural, dramatizada e comercializada em escala transnacional, revelando as tensões entre informação, estética e ética no campo da comunicação contemporânea.

### 3.3 CULTURA PARTICIPATIVA E RECEPÇÃO DIGITAL

A consolidação do caso Dahmer como produto cultural não se explica apenas pela ação da indústria midiática, mas também pela apropriação ativa das audiências em ambientes digitais. A cultura participativa, conceito desenvolvido por Jenkins, Ford e Green (2023), oferece um arcabouço fundamental para compreender esse fenômeno: consumidores deixam de ser receptores passivos e assumem o papel de coprodutores de narrativas, reinterpretando, remixando e expandindo conteúdos midiáticos em diferentes plataformas.

No contexto do *true crime*, esse processo se intensifica. Kozinets (2019) aponta que as redes sociais ampliaram o potencial criativo das audiências, permitindo que comunidades virtuais se engajem na produção de *fanarts*, vídeos editados, memes, *podcasts* amadores e discussões colaborativas que prolongam e diversificam os sentidos das narrativas originais. A recepção do caso Dahmer é exemplar nesse sentido: após a estreia da série da Netflix, multiplicaram-se no TikTok e no Twitter vídeos que reeditavam trechos da produção com trilhas românticas, *fanfics*<sup>1</sup> que humanizavam o criminoso e teorias amadoras que buscavam explicar sua psicologia.

Esse fenômeno evidencia uma recepção ambivalente. De um lado, há manifestações críticas e denúncias sobre a invisibilização das vítimas; de outro, emergem práticas de estetização e até de romantização do criminoso, que podem contribuir para a banalização da violência. Kalil (2023) ressalta que a lógica algorítmica das plataformas privilegia conteúdos que despertam engajamento

---

<sup>1</sup>*Fanfics* são narrativas ficcionais produzidas por fãs, geralmente baseadas em obras, personagens ou acontecimentos reais, que reimaginam situações, relações ou perspectivas a partir de repertórios afetivos e criativos do público.

emocional — indignação, medo, empatia ou fascínio —, o que explica por que narrativas contraditórias sobre Dahmer coexistem e circulam com intensidade semelhante.

Helberger *et al.* (2023) acrescentam que a curadoria algorítmica molda a experiência de recepção, selecionando quais representações do crime serão mais visíveis em cada “bolha informacional”. Essa dinâmica fragmenta a esfera pública e reforça a personalização das interpretações, de modo que diferentes grupos constroem versões específicas do caso Dahmer, atravessadas por afetos, valores culturais e interesses sociopolíticos.

Por sua vez, Santos *et al.* (2024) destacam que a coprodução digital de sentidos pode gerar paradoxos importantes: ao mesmo tempo em que reforça estigmas e discursos punitivistas, também abre espaço para debates críticos sobre direitos humanos, desigualdades estruturais e responsabilidade midiática. Esse paradoxo é visível no caso Dahmer: enquanto parte do público romantiza a figura do assassino, outra parcela utiliza as redes para denunciar o racismo estrutural presente na forma como suas vítimas foram retratadas pela mídia e pela própria polícia.

Assim, a recepção digital do caso Dahmer ilustra como a cultura participativa reconfigura a relação entre mídia, público e narrativas criminais. O espectador não apenas consome o conteúdo, mas atua como agente ativo na circulação e resignificação simbólica, ampliando os limites do que pode ser pensado, lembrado ou esquecido sobre a violência. Esse cenário reforça que, na cultura digital, os sentidos não são exclusivamente impostos pela indústria midiática, mas coproduzidos em ecossistemas híbridos e disputados, nos quais os algoritmos, as plataformas e os próprios usuários desempenham papéis centrais.

O percurso teórico desenvolvido neste capítulo buscou mapear os principais fundamentos que permitem compreender a mídia como agente central da construção simbólica da realidade, especialmente no que se refere à representação do crime e à cultura do *true crime*. Foram discutidos os processos de mediação simbólica, a espetacularização como princípio organizador da experiência comunicacional, a formação da opinião pública e a transformação da violência em produto cultural.

A análise evidenciou que a mídia não atua apenas como transmissora de informações, mas como instância produtora de sentidos, capaz de selecionar,

dramatizar e enquadrar os acontecimentos sociais. Esse processo, historicamente vinculado às lógicas editoriais das mídias tradicionais, foi profundamente reconfigurado com o advento das plataformas digitais e da curadoria algorítmica. Nessa nova ecologia comunicacional, a visibilidade pública é cada vez mais condicionada por métricas de engajamento e pela monetização da atenção, fenômenos que transformam a circulação de discursos em um campo marcado pela fragmentação, pela polarização e pela exploração comercial das emoções.

No âmbito da criminalidade, esses mecanismos resultam na espetacularização da violência, em que o crime se converte em espetáculo midiático, atravessando fronteiras entre informação, entretenimento e mercadoria simbólica. Berry (2022) demonstra como essa lógica transforma narrativas criminais em entretenimento culturalmente distribuído. Jenkins, Gies e Vasquez (2023) aprofundam essa discussão ao analisar como a serialização do crime estrutura formas continuadas de consumo, enquanto Napoli (2023) evidencia o papel das plataformas digitais na amplificação e circulação desses conteúdos. O gênero *true crime*, portanto, representa uma das expressões mais evidentes dessa dinâmica, ao transformar episódios de violência em produtos culturais de alcance global. O caso de Jeffrey Dahmer, foco do próximo capítulo, ilustra de modo paradigmático essas operações, ao mostrar como um criminoso pode ser elevado ao status de ícone midiático enquanto suas vítimas são relegadas a papéis secundários ou invisibilizados.

Por fim, a revisão teórica destacou também os dilemas éticos envolvidos nesse processo. A dramatização de crimes reais pode contribuir para o debate público e para a memória social, mas também pode gerar efeitos perversos, como a banalização da violência, a estigmatização de grupos sociais e a revitimização de familiares e comunidades. Essa tensão coloca em evidência a necessidade de uma abordagem crítica, capaz de considerar os limites e responsabilidades da mídia na mediação simbólica da violência.

Dessa forma, os conceitos discutidos neste capítulo constituem a base para a análise empírica a ser desenvolvida no próximo, dedicada à investigação do caso Jeffrey Dahmer. A partir do arcabouço teórico aqui construído, será possível examinar como a mídia representou esse caso, quais sentidos foram atribuídos às narrativas e de que maneira tais discursos dialogaram com a cultura do espetáculo e com a formação da opinião pública na contemporaneidade.

## 4. O CASO JEFFREY DAHMER

Este capítulo apresenta o caso Jeffrey Dahmer como exemplo central para compreender os modos de construção simbólica do crime na contemporaneidade. Considerando que a mídia exerce papel decisivo na produção de sentidos sociais ao selecionar fatos, organizar narrativas e definir regimes de visibilidade, o caso Dahmer oferece um terreno privilegiado para analisar como processos de espetacularização, dramatização e circulação midiática moldam a opinião pública e alimentam a cultura do *true crime*.

A escolha desse caso justifica-se tanto pela gravidade dos crimes, que geraram ampla repercussão pública nos anos 1990, quanto pela permanência de sua figura no imaginário coletivo. Ao longo das décadas, Dahmer foi constantemente ressignificado em diferentes formatos midiáticos, desde as primeiras reportagens jornalísticas até produções audiovisuais recentes, como a série *Dahmer: Um Canibal Americano* (Netflix, 2022). Esse percurso revela como o *serial killer* se transforma em símbolo cultural que ultrapassa a dimensão factual, tornando-se um exemplo emblemático da atuação da mídia na interseção entre informação, espetáculo e consumo cultural.

### 4.1 JEFFREY DAHMER: UMA TRAJETÓRIA CRIMINAL EM PERSPECTIVA HISTÓRICA

Jeffrey Lionel Dahmer nasceu em 21 de maio de 1960, na cidade de Milwaukee, Wisconsin, nos Estados Unidos. Entre os anos de 1978 e 1991, construiu uma trajetória criminal marcada por extrema violência, que o consagraria como um dos *serial killers* mais notórios da história contemporânea. Seus crimes envolveram assassinatos em série, práticas de necrofilia e episódios de canibalismo, contribuindo para a construção de uma figura profundamente perturbadora no imaginário social e midiático.

Figura 1 - Jeffrey Dahmer



Fonte: Departamento de Polícia de Milwaukee (1982)

Conhecido como “o Canibal de Milwaukee”, Jeffrey Dahmer foi responsável pelo assassinato de 17 jovens entre 1978 e 1991. Seus crimes envolveram práticas extremas, como canibalismo, necrofilia e a conservação dos corpos das vítimas, o que despertou intensa cobertura midiática — inicialmente concentrada nos Estados Unidos, mas que logo ganhou repercussão internacional. O perfil de Dahmer — homem branco, jovem, de aparência considerada “comum” e comportamento introvertido, contrastava significativamente com os estigmas sociais tradicionalmente atribuídos a criminosos violentos. Essa dissonância contribuiu para sua transformação em um objeto de fascínio público e, gradualmente, em um ícone midiático, explorado por diversos formatos narrativos ao longo das décadas.

Desde a adolescência, Dahmer apresentava comportamentos inquietantes marcados pelo isolamento social e por interesses considerados mórbidos. Diversos relatos indicam sua fascinação por animais mortos e objetos macabros, traços que, segundo Hare (1999), podem estar associados a indicadores precoces de psicopatia ou transtornos mentais severos. Seu primeiro homicídio ocorreu em 1978, pouco depois de concluir o ensino, quando assassinou um garoto chamado Steven Hicks, um jovem de 18 anos. Este ato foi o início de uma série de crimes que se tornariam cada vez mais complexos e perturbadores. Esse ato inaugural deu início a uma escalada de crimes cada vez mais elaborados e perturbadores, revelando um

padrão de conduta violenta que se intensificaria ao longo dos anos.

Após um período de aparente pausa, Dahmer retornou ao seu padrão criminoso no final da década de 1980, período no qual cometeu a maioria dos seus assassinatos. Ele atraía homens, majoritariamente jovens, muitos deles pertencentes a minorias raciais e à comunidade LGBTQIAPN+, para sua residência, oferecendo-lhes dinheiro ou bebida alcoólica em troca de companhia. Uma vez em seu apartamento, Dahmer drogava e assassinava suas vítimas.

O caráter perturbador de seus crimes não se restringia ao homicídio: ele praticava necrofilia, preservava partes do corpo de suas vítimas e chegou a praticar canibalismo. Esse *modus operandi* chocou profundamente a sociedade e a mídia da época, colocando Dahmer como símbolo máximo do “monstro” moderno.

O contexto social dos anos 1980 e início dos 1990, especialmente em Milwaukee, foi marcado por tensões raciais, homofobia e desigualdades sociais. Brents (2014) e Jackson (2014) analisam como esses fatores estruturais contribuem para a vulnerabilização de determinadas populações. Muitas das vítimas de Dahmer eram homens negros jovens, latino-americanos e gays, grupos frequentemente marginalizados tanto socialmente quanto institucionalmente, o que dificultou, em um primeiro momento, a investigação e o reconhecimento da gravidade dos crimes.

Além disso, o sistema policial e judicial da época falhou em diversas ocasiões, como quando a polícia retornou um dos jovens vítimas de Dahmer, que conseguiu escapar para a casa do criminoso, ignorando sinais claros de perigo (Schmid, 2005). Esse episódio evidenciou falhas institucionais motivadas por preconceitos raciais e homofóbicos, que hoje são objeto de crítica e estudo.

Dahmer foi preso em julho de 1991, quando uma das vítimas conseguiu escapar e alertar a polícia. A investigação subsequente revelou uma série macabra de evidências, incluindo fotos e restos humanos em seu apartamento. Durante o julgamento, Dahmer confessou os assassinatos, mas tentou alegar insanidade. No entanto, foi considerado responsável pelos seus atos e condenado a 15 penas de prisão perpétua. Em 1994, foi assassinado por um colega de prisão, encerrando assim seu ciclo de vida.

A cobertura jornalística da época caracterizou-se por uma combinação de horror e curiosidade. Veículos impressos e telejornais dedicaram grande atenção aos detalhes macabros do caso, incluindo entrevistas com vizinhos, policiais e familiares. Conforme Silva (2022, p. 97), essa exposição prolongada contribuiu para

fixar no imaginário coletivo a imagem do *serial killer* como “o monstro silencioso escondido na normalidade suburbana”.

O caso Dahmer se tornou um marco no imaginário social, representando o lado mais obscuro da condição humana e os limites da criminalidade moderna. Sua história tem sido objeto de diversos estudos, documentários, filmes e debates acadêmicos, que procuram entender não apenas a personalidade do criminoso, mas o contexto social e midiático que permitiu a construção dessa figura como um ícone cultural.

Estudos recentes como os de Thomas; Gray (2023) e Bishop (2021), indicam que a compreensão da trajetória de Dahmer deve incluir uma análise crítica das estruturas sociais e institucionais da época, que contribuíram para o prolongamento de seus crimes e para a forma como sua figura foi representada pela mídia e recebida pelo público.

Décadas depois, a série documental dramatizada *Dahmer: Um Canibal Americano* (Netflix, 2022) resgatou o caso e o apresentou a uma nova geração, utilizando recursos narrativos, estéticos e emocionais sofisticados. A produção explora camadas emocionais do personagem, lembrando traumas familiares e traçando paralelos com a negligência institucional, tensionando o olhar moral sobre o criminoso e afastando-se do julgamento imediato (Kalil, 2023, p. 84).

A trajetória de Dahmer revela não apenas a brutalidade dos crimes, mas também a atuação seletiva das instituições e da mídia na construção simbólica de criminosos. Sua transformação em ícone *pop* evidencia os mecanismos midiáticos que transformam o horror em espetáculo.

#### 4.2 CASO DAHMER EM DOIS TEMPOS

Nos anos 1990, a mídia tradicional (jornais impressos, televisão e rádio) controlava rigidamente a produção e circulação das informações. O caso Dahmer foi construído, sobretudo, a partir de notícias sensacionalistas que priorizavam o aspecto chocante e a monstruosidade do assassino, alinhado ao que McLuhan (1964) denominaria de “mídia quente”<sup>2</sup> — com baixo grau de participação do público.

---

<sup>2</sup>Segundo Marshall McLuhan (1964), “mídia quente” são aquelas que oferecem alto nível de detalhamento e baixa participação do receptor, como rádio ou jornal impresso. Contrastam com as “mídias frias”, que exigem maior envolvimento do público, como a televisão ou os quadrinhos.

Já a mídia digital contemporânea inaugura uma nova dinâmica, conforme apontam Napoli (2022) e Couldry; Hepp (2017). A circulação de informações torna-se descentralizada, em plataformas como YouTube, Twitter e TikTok, onde o público não só consome, mas produz e ressignifica narrativas. Por exemplo, conteúdos recentes sobre Dahmer incluem análises psicológicas, críticas sociais e até debates sobre as vítimas, revelando um imaginário social mais plural e menos controlado pelas grandes corporações midiáticas. Essa mudança amplia o alcance e diversifica os enquadramentos, mas também traz desafios relacionados à desinformação, polarização e ética na exposição do crime (Marwick; Lewis, 2023).

A análise comparativa da cobertura midiática do caso Jeffrey Dahmer nas décadas de 1990 e na contemporaneidade digital evidencia profundas transformações nas práticas comunicacionais. Na época dos crimes, a mídia tradicional, sobretudo jornais impressos e televisão, adotou uma abordagem sensacionalista e verticalizada, marcada pela exploração da brutalidade dos fatos, depoimentos impactantes e imagens chocantes dos locais das vítimas. Silva (2022,) destaca que essa estética de choque tinha como objetivo principal a captura da audiência, muitas vezes em detrimento da complexidade do fenômeno.

Por outro lado, a produção audiovisual recente, exemplificada pela série da Netflix, amplia o campo interpretativo ao incorporar elementos estéticos cinematográficos, como trilha sonora, iluminação e atuações dramáticas que promovem empatia e indignação. Segundo Kalil (2023), essa narrativa audiovisual reflete a mediatização emocional dos crimes, conferindo-lhes dimensão afetiva e simbólica para além da mera informação.

Além disso, o ambiente digital favorece a reinterpretação do caso por meio de produtores de conteúdo independentes, como o canal da criadora Jaqueline Guerreiro<sup>3</sup>. Em vídeos investigativos amplamente assistidos, esses canais exploram documentos, imagens de arquivo e análises comportamentais, oferecendo narrativas acessíveis e detalhadas. Dessa forma, atuam como mediadores de memória coletiva, promovendo novos enquadramentos simbólicos sobre o crime.

Essa dualidade entre o passado e o presente revela que a construção

---

<sup>3</sup>Jaqueline Guerreiro é uma criadora de conteúdo digital brasileira conhecida por seu canal no YouTube dedicado a casos de crimes reais (*true crime*). Seus vídeos investigativos combinam narrativa acessível, apuração documental e linguagem visual envolvente, alcançando milhões de visualizações e contribuindo para a popularização do gênero no Brasil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KcgBAZit5Sg>. Acesso em: 14 maio 2025.

simbólica do *serial killer* depende não apenas dos fatos em si, mas também da mediação tecnológica e cultural que os envolve. Se antes a narrativa era verticalizada e controlada por grandes veículos, hoje ela se insere em uma ecologia comunicacional complexa, na qual múltiplos agentes (jornalistas, plataformas de *streaming*, influenciadores e audiência) disputam a construção de sentidos. O caso Dahmer exemplifica essas transformações na esfera pública e nas lógicas do consumo narrativo na era digital.

A comparação entre a cobertura midiática dos anos 1990 e a atual revela mudanças profundas nos modos de produção e recepção das narrativas criminais. O caso Dahmer exemplifica como a mesma história pode ser contada sob diferentes perspectivas, de acordo com as tecnologias e sensibilidades de cada época.

#### 4.3 RECEPÇÃO PÚBLICA E DISCURSOS CONTEMPORÂNEOS SOBRE O CASO DAHMER

Os enquadramentos midiáticos e a recepção pública do caso Dahmer ilustram como o imaginário social constrói e reconstrói sentidos em torno do crime e da criminalidade. A manutenção de estereótipos pode reforçar preconceitos e exclusões sociais, enquanto a ampliação das vozes no ambiente digital cria espaço para contestação e pluralidade (Castoriadis, 1987; Jenkins, 2022).

A recepção do público à série sobre Dahmer revelou as transformações na forma como o crime é consumido e debatido na contemporaneidade. Comentários em redes sociais como Twitter e TikTok foram abundantes, variando entre a indignação moral, o fascínio psicológico e até mesmo a erotização do personagem. Esse fenômeno revela a lógica da coprodução de sentidos descrita por Kozinets (2019, p. 22), em que os consumidores também se tornam produtores simbólicos dos significados que circulam em torno do caso.

A dinâmica da recepção também evidencia os riscos da estetização da violência. Kalil (2023, p. 95) aponta que a mistura entre ficção e realidade pode provocar uma ambiguidade afetiva no público, que se emociona com o personagem sem necessariamente reconhecer a gravidade dos atos retratados. Além disso, familiares das vítimas denunciaram o uso da história como entretenimento lucrativo, sem consentimento e sem o devido cuidado ético.

Em contextos digitais, as narrativas são disputadas em tempo real. Enquanto

a mídia tradicional ainda busca preservar certa formalidade, as redes sociais operam sob lógicas de viralização, identificação e performance. O caso Dahmer mostra como a figura do criminoso pode ser ressignificada por meio de memes, edições, vídeos de reação e debates morais polarizados. O *serial killer*, que antes habitava as páginas policiais, agora circula como produto *pop*, gerando lucro, emoção e controvérsia.

As redes sociais potencializaram a participação coletiva no debate público sobre casos criminais. No caso Dahmer, observam-se diferentes discursos — desde o fascínio morboso e a construção de um mito quase *pop*, até a crítica social e a defesa da memória das vítimas. Estudos de Marwick & Lewis (2023) mostram como comunidades digitais ativam práticas discursivas que podem tanto naturalizar a violência quanto resistir a ela.

Além disso, a recepção contemporânea inclui elementos de empatia e questionamento moral, marcados por discussões sobre saúde mental, sistema penal e direitos humanos. A circulação massiva de memes, vídeos e *podcasts* sobre Dahmer revela a apropriação cultural do caso, reconfigurando o imaginário social da figura do *serial killer* em constante tensão entre horror e fascínio.

Portanto, a análise do caso Dahmer ilustra como as representações midiáticas de *serial killers* envolvem múltiplas camadas: estética, simbólica, emocional e econômica. A recepção do público, amplificada pelas redes digitais, não apenas consome essas narrativas, mas também as transforma e as reinscreve em novos contextos culturais. Para isso, é urgente pensar em práticas midiáticas éticas que promovam uma mediação sensível, evitando a glorificação do crime e respeitando as vítimas e suas famílias. Propõe-se a reflexão crítica sobre os efeitos culturais dessas narrativas na sociedade contemporânea, ressaltando a importância da educação midiática e do debate público plural.

Essa pluralidade de posicionamentos revela que a recepção do conteúdo *true crime* é influenciada por múltiplos fatores, incluindo gênero, classe, repertório cultural e modos de letramento midiático. Conforme discutido no Capítulo 2, os enquadramentos (Entman, 1993) e os fluxos afetivos (Papacharissi, 2020) atuam como mediadores da opinião pública, sendo intensificados pela lógica algorítmica das plataformas digitais (Helberger *et al.*, 2023; Oliveira, 2022).

Assim, a análise do caso Dahmer permite compreender como a mídia, ao construir narrativas que misturam espetáculo, emoção e informação, contribui

diretamente para a formação de representações sociais e opiniões públicas sobre o crime na contemporaneidade. Trata-se de um processo complexo, atravessado por disputas simbólicas, regimes de visibilidade e recepções afetivas, que desafia a ética comunicacional e a responsabilidade dos produtores de conteúdo.

A abordagem crítica das representações midiáticas de criminalidade, como a apresentada neste estudo de caso, reforça a importância de uma leitura atenta às estratégias discursivas, aos enquadramentos narrativos e às dinâmicas de recepção, especialmente em um cenário midiático cada vez mais participativo, automatizado e polarizado.

A recepção pública do caso Dahmer revela as múltiplas camadas de sentido mobilizadas pelo *true crime* na cultura digital. O envolvimento emocional do público, mediado por algoritmos e formatos virais, demonstra como a opinião pública se forma em meio a tensões éticas, afetivas e narrativas.

#### 4.4 TRUE CRIME EM PLATAFORMAS DIGITAIS: O CASO DAHMER NA CULTURA ALGORÍTMICA

Os algoritmos das plataformas digitais desempenham um papel fundamental na seleção e amplificação dos conteúdos *true crime*. Bucher (2021) argumenta que tais algoritmos priorizam conteúdos que provocam respostas emocionais intensas, como medo, choque e curiosidade mórbida, favorecendo assim a viralização de narrativas com características sensacionalistas.

Bucher (2021) chama atenção para o “enquadramento algorítmico”, uma forma de *framing* em que os algoritmos amplificam certos temas e emoções (como medo, horror e empatia) para maximizar o engajamento e o tempo de consumo. No campo do *true crime*, essas dinâmicas são evidentes. Plataformas como YouTube, TikTok e Spotify promovem narrativas que exploram o sensacionalismo e a curiosidade mórbida, reforçando a circulação dessas histórias. O engajamento emocional dos usuários é explorado para criar um ciclo vicioso, em que o consumo estimula a produção de mais conteúdo, ampliando a visibilidade e a polarização dessas narrativas.

No YouTube, por exemplo, os vídeos que apresentam títulos e *thumbnails*

dramáticos, como “O Caso que Ninguém Quis Resolver”<sup>4</sup> ou “Mistério do *Serial Killer*<sup>5</sup> Desvendado”, tendem a ser recomendados com maior frequência, aumentando o alcance e o engajamento. Dados internos da plataforma indicam que conteúdos de *true crime* apresentam uma média de retenção de audiência superior a 75%, evidenciando a capacidade do gênero em prender a atenção do espectador.<sup>6</sup>

No TikTok, a viralização ocorre através da combinação de vídeos curtos, uso de *hashtags* como *#truecrime* e *#coldcase*, e interação constante entre usuários, o que cria uma cultura participativa dinâmica. O humor ácido e a ironia também são elementos frequentes que contribuem para o compartilhamento, como apontado pela análise de Oliveira (2023) sobre narrativas digitais no Brasil.

Por outro lado, essa lógica algorítmica pode levar à repetição e saturação de certos casos ou perfis de criminosos, o que contribui para uma narrativa parcial e enviesada, conforme alertam especialistas em ética digital.

Grande parte dos conteúdos de *true crime* adota uma estética sensacionalista, como forma de captar a atenção do público e gerar engajamento. Van Dijck e Poell (2023) destacam que o uso de linguagem dramática, música tensa e imagens impactantes cria uma atmosfera de mistério e horror que estimula a curiosidade mórbida e o medo coletivo.

Entretanto, esse sensacionalismo pode reforçar estereótipos e preconceitos arraigados, como a representação estigmatizante de vítimas e criminosos, muitas vezes reduzidos a caricaturas. Para ilustrar esse padrão de enquadramento, é possível recorrer a um exemplo hipotético: o caso de uma jovem, aqui chamada de Maria da Silva (nome fictício), cuja cobertura midiática a apresentou exclusivamente como vítima passiva, sem considerar sua história de vida, seus vínculos e o contexto social que atravessava. Esse exemplo não se refere ao caso Dahmer, mas evidencia como a mídia tende a simplificar narrativas complexas.

Além disso, as narrativas sensacionalistas influenciam a formação da opinião

---

<sup>4</sup>“O Caso que Ninguém Quis Resolver” é um vídeo do canal “Jaqueline Guerreiro” no YouTube, publicado em 24 de jul. de 2021, que aborda o caso da jovem Alayna Gwinn. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4Clq-Ug2M0Q>. Acesso em: 15 jun. 2025.

<sup>5</sup>Mistério do Serial Killer Desvendado” é um vídeo do canal “Você Sabia?”, publicado em 10 de fev. de 2023, sobre o serial killer Dennis Rader (BTK). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zNThvCH38TY>. Acesso em: 15 jun. 2025.

<sup>6</sup>Dados extraídos do relatório “YouTube Culture & Trends Report 2023”, publicado pelo Think with Google, indicam que vídeos de true crime apresentam taxa média de retenção acima de 75% entre espectadores brasileiros. Disponível em: <https://www.thinkwithgoogle.com/intl/pt-br/insights-trends/trends/true-crime-retencao-video/>. Acesso em: 15 jun. 2025.

pública, fomentando a cultura do medo e a aceitação de políticas punitivistas, como discutido por Furedi (2007), que destaca que o medo exacerbado pode desmobilizar ações sociais preventivas e reforçar discursos conservadores.

As comunidades digitais em torno do *true crime* configuram espaços de diálogo e cooperação entre usuários, produtores de conteúdo e até mesmo familiares de vítimas. A pesquisa etnográfica identificou a existência de fóruns, grupos no Facebook, *subreddits* e canais no Discord dedicados à discussão e análise colaborativa dos casos.

Essas comunidades desenvolvem uma cultura participativa rica, caracterizada por linguagens próprias, trocas frequentes de informações, teorias conspiratórias e criação de memórias coletivas. Jenkins, Ford e Green (2023) ressaltam que esse tipo de participação é um exemplo claro do conceito de cultura participativa, onde a audiência não é apenas receptora passiva, mas agente ativo na produção e circulação do conteúdo.

Um caso emblemático é o *subreddit r/TrueCrime*, que conta com mais de 2 milhões de membros e atua como um centro de investigação amadora, debate crítico e suporte emocional para membros envolvidos direta ou indiretamente em casos reais.

A coexistência entre produção amadora e profissional configura um ecossistema híbrido. As produções amadoras, como vídeos pessoais no YouTube e relatos em *blogs*, são valorizadas pela autenticidade e proximidade com o público, apesar de apresentarem menor rigor investigativo.

Por sua vez, as produções profissionais, como *podcasts* da série “Crimes Reais” da Globo, oferecem maior qualidade técnica e aprofundamento, mas buscam incorporar elementos das produções amadoras para manter a identificação do público. Essa dinâmica híbrida pode ser vista como positiva, pois amplia o acesso e diversidade de perspectivas, mas também traz riscos de propagação de informações imprecisas ou sensacionalistas, exigindo do público maior senso crítico, conforme ressaltam autores como Jenkins (2020).

O ambiente digital potencializa a circulação de narrativas criminais em formatos participativos e emocionais. No caso Dahmer, observa-se uma verdadeira ecologia midiática em torno do crime, na qual o algoritmo, o público e os criadores atuam como coautores dos sentidos produzidos

## 5 METODOLOGIA

Este capítulo apresenta o percurso metodológico da pesquisa, detalhando o delineamento adotado, a constituição do corpus empírico, as técnicas de coleta e análise e os critérios que orientaram cada etapa da investigação. A metodologia foi estruturada para assegurar coerência entre os objetivos do estudo, o referencial teórico e a natureza qualitativa da proposta, possibilitando compreender como as representações midiáticas e as práticas de recepção digital contribuem para a formação da opinião pública sobre o caso Jeffrey Dahmer.

A abordagem assume um caráter qualitativo, exploratório e interpretativo, articulando análise do discurso midiático e etnografia virtual. Essa combinação permite observar tanto a construção simbólica realizada pela série Dahmer: Um Canibal Americano quanto as ressignificações produzidas pelos públicos em plataformas digitais. Ao integrar dimensões narrativas, discursivas e socioculturais, o método possibilita uma leitura abrangente do fenômeno, evidenciando as interações entre mídia, crime e cultura digital contemporânea.

### 5.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Este estudo adota uma abordagem qualitativa, de natureza exploratória e analítico-interpretativa, adequada à investigação de fenômenos simbólicos, comunicacionais e culturais que não podem ser quantificados. Segundo Minayo (2012), a pesquisa qualitativa busca compreender os significados atribuídos pelos indivíduos às suas experiências, o que se mostra essencial para analisar a construção simbólica da realidade mediada pela comunicação.

A opção qualitativa, conforme Creswell (2014), permite explorar fenômenos em profundidade e valorizar o contexto de produção dos sentidos. Essa perspectiva orienta a análise da série Dahmer: Um Canibal Americano (Netflix, 2022) e das reações do público nas redes sociais, articulando narrativas midiáticas e discursos digitais para compreender como se constroem sentidos sobre o crime, o criminoso e suas implicações éticas e sociais.

De acordo com Bogdan e Biklen (1994), os significados são socialmente construídos; por isso, a investigação considera o ambiente comunicacional como espaço de mediação simbólica entre mídia, plataformas e públicos. O caráter

exploratório, segundo Gil (2008), justifica-se por tratar de um fenômeno recente e pouco estudado, priorizando a compreensão de processos e interações simbólicas.

Por fim, com base em Demo (2000), adota-se uma postura crítica e interpretativa, que ultrapassa a descrição para analisar as condições de produção dos discursos e as relações de poder que os atravessam. Assim, a combinação das contribuições teóricas de Minayo (2012), Creswell (2014), Bogdan e Biklen (1994), Gil (2008) e Demo (2000) garante coerência metodológica e densidade analítica ao estudo.

## 5.2 OBJETO EMPÍRICO E CONSTITUIÇÃO DO CORPUS

O objeto empírico deste estudo consiste no fenômeno comunicacional e cultural associado à circulação, recepção e apropriação pública da série *Dahmer: Monster – The Jeffrey Dahmer Story*, lançada pela plataforma Netflix em 2022. Ao reencenar a trajetória criminal de Jeffrey Dahmer, a obra reacendeu debates sociais e midiáticos relacionados à ética, à espetacularização da violência, à ambivalência afetiva no consumo de narrativas criminais e às disputas simbólicas que emergem na opinião pública.

A relevância desse objeto decorre de seu caráter paradigmático na cultura midiática contemporânea, pois a série articula recursos ficcionais e documentais, produzindo uma narrativa híbrida que repercute intensamente nas redes sociais. Essa repercussão, especialmente no X (antigo Twitter) e no TikTok, oferece condições privilegiadas para observar como sentidos são coproduzidos, negociados e contestados pelos públicos na ecologia digital atual (Jenkins, 2009; Papacharissi, 2020; Recuero, 2014).

Para fins de clareza metodológica, é importante distinguir entre objeto empírico e corpus empírico. Enquanto o objeto diz respeito ao fenômeno que se busca compreender — a circulação simbólica e a apropriação pública da série, o corpus corresponde ao conjunto de materiais que tornam possível a observação desse fenômeno no plano concreto da pesquisa.

Para operacionalizar essa observação, estabeleceu-se um recorte empírico que delimita o conjunto de materiais analisados. No caso das plataformas digitais, foram selecionadas postagens publicadas entre setembro de 2022 e dezembro de 2023, período que corresponde à estreia da série e ao auge de sua circulação

social, quando debates, reações e reelaborações discursivas alcançaram maior volume e diversidade. A seleção das postagens seguiu critérios de relevância e engajamento, considerando conteúdos que apresentaram alto número de visualizações, comentários ou compartilhamentos, bem como materiais amplamente disseminados por meio de *hashtags* como #Dahmer, #JeffreyDahmer, #DahmerNetflix, #TrueCrime e suas variações.

Além do engajamento, adotou-se o critério de pertinência temática, priorizando conteúdos que expressavam emoções, interpretações, críticas ou disputas simbólicas relacionadas à série, seja na forma de comentários, vídeos de reação, memes, análises ou debates éticos. Essa combinação de critérios assegura que o corpus reflita tanto a amplitude da circulação quanto a profundidade das práticas de apropriação pública do caso no ambiente digital.

Dessa forma, o corpus empírico foi constituído a partir de dois eixos complementares de observação:

1. O conteúdo audiovisual da série, entendido como expressão narrativa e estética da construção simbólica do criminoso e das vítimas;
2. As manifestações digitais produzidas por usuários das plataformas X e TikTok, entendidas como práticas de recepção ativa, reelaboração discursiva e circulação participativa dos sentidos que emergem da obra.

### **5.2.1 Critérios de Seleção**

A constituição do corpus seguiu critérios de pertinência, representatividade e relevância discursiva, de modo a assegurar coerência com os objetivos da pesquisa e equilíbrio entre profundidade interpretativa e diversidade analítica. Para isso, foram definidos três parâmetros centrais. O primeiro foi o critério temático, que orientou a seleção de episódios da série e de manifestações digitais que evidenciassem tensões narrativas relacionadas à monstruosidade, empatia e moralidade — elementos estruturantes do modo como a figura de Dahmer é construída e interpretada.

O segundo parâmetro foi o critério de circulação, privilegiando publicações que apresentassem alto índice de engajamento, visibilidade ou reverberação nas

plataformas selecionadas. Considerou-se que conteúdos amplamente compartilhados expressam tendências coletivas de interpretação, permitindo captar debates, afetos e controvérsias de maior alcance.

O terceiro parâmetro foi o critério temporal, delimitando o período entre outubro de 2022 e março de 2023, correspondente ao lançamento da série e ao ápice de sua repercussão pública, momento em que as plataformas digitais registraram maior volume de postagens, reações e disputas narrativas relacionadas ao caso.

Com base nesses critérios, foram selecionados episódios específicos da série e um conjunto de publicações do TikTok e do X que representassem diferentes formas de interação, ressignificação e circulação participativa do conteúdo, constituindo um corpus suficientemente denso e variado para sustentar a análise interpretativa proposta.

### **5.2.2 Corpus Audiovisual**

O corpus audiovisual desta pesquisa foi composto por um conjunto de episódios selecionados da série *Dahmer: Monster – The Jeffrey Dahmer Story*, cujo recorte privilegiou momentos narrativos e estéticos capazes de revelar, com maior densidade, os regimes de representação, as estratégias discursivas e as construções simbólicas que estruturam a obra. A seleção não se baseou apenas na popularidade dos episódios, mas em sua relevância para compreender como a série articula sentidos em torno da monstrosidade, da empatia, das tensões morais e da constituição de regimes de verdade sobre o caso.

Nesse sentido, optou-se por delimitar o corpus a três episódios que condensam aspectos centrais da narrativa e exercem papel estruturante na construção do personagem, na representatividade das vítimas e na mediação afetiva que a obra estabelece com o espectador. A escolha desses episódios permitiu acessar diferentes camadas discursivas: da apresentação inicial de Dahmer como figura ambivalente, simultaneamente humanizada e monstruosa, passando pelas estratégias de sensibilização associadas às vítimas, até as tensões éticas e institucionais relacionadas ao julgamento, à punição e à memória pública do caso.

O primeiro episódio selecionado, “*Monster*”, introduz o protagonista e estabelece o tom da série, apresentando elementos visuais e narrativos que se

tornaram amplamente discutidos nas redes sociais no momento de lançamento da obra. Já o episódio “*Silenced*”, centrado na história de Tony Hughes, é reconhecido como o mais emocionalmente denso da série, tanto pela abordagem estética quanto pela representação de uma vítima com deficiência auditiva, o que mobilizou intensos debates sobre empatia, representatividade e responsabilidade narrativa. Por fim, “*God of Forgiveness, God of Vengeance*”, que retrata o julgamento e a morte de Dahmer, articula dilemas morais e discussões sobre justiça, afetando significativamente o modo como a obra foi reinterpretada pelo público e amplificada em memes, debates éticos e disputas discursivas nas plataformas digitais.

A seleção desse conjunto de episódios, portanto, não se limita a uma abordagem descritiva, mas constitui uma estratégia analítica que permite observar como a série constrói sentidos, distribui focos narrativos, e projeta enquadramentos morais que influenciam a recepção pública. O corpus audiovisual foi, assim, examinado a partir da articulação entre forma e conteúdo, considerando recursos estéticos, enquadramentos narrativos, escolhas de montagem, trilha sonora e performances, de modo a compreender como tais elementos colaboram para a produção de efeitos simbólicos e afetivos que se refletem posteriormente na circulação digital e na coprodução participativa de sentido

Quadro 2 – Episódios selecionados da série *Dahmer: Um Canibal Americano* e suas justificativas analíticas

Episódio	Denominação do episódio	Abordagem narrativa	Relevância Analítica
1	<i>Monster</i>	Apresentação de Dahmer e prisão inicial	Impacto inicial da série com grande repercussão nas redes sociais no lançamento
6	<i>Silenced</i>	História de Tony Hughes (vítima surda)	Episódio de maior carga emocional, destacando críticas e debates sobre representatividade e empatia
10	<i>God of Forgiveness, God of Vengeance</i>	Julgamento e morte de Dahmer	Discussões sobre justiça, perdão e moralidade com ampla circulação de memes e debates sociais

Fonte: Elaborado pela autora (2025), com base na série *Dahmer: Um Canibal Americano* (Netflix, 2022).

### 5.2.3 Corpus Digital

O corpus digital desta pesquisa foi constituído por publicações públicas nas plataformas X (antigo Twitter) e TikTok, selecionadas com base em critérios de relevância discursiva, engajamento e relação temática direta com a série. A escolha dessas plataformas justifica-se por seu papel central na circulação de narrativas culturais e na produção de sentidos participativos, especialmente em fenômenos midiáticos de grande visibilidade, nos quais os públicos deixam de ser meros receptores para atuarem como coprodutores de interpretações, afetos e controvérsias (Jenkins, 2009, 2023; Papacharissi, 2020).

A coleta foi realizada a partir de *hashtags* e palavras-chave relacionadas à série (#DahmerNetflix, #JeffreyDahmer, #MonsterSeries, #DahmerTok, entre outras variações), permitindo acessar conteúdos que emergiram organicamente na conversação pública. O recorte temporal é de outubro de 2022 a março de 2023 e corresponde ao período de maior volume de postagens, engajamento e debate público, coincidindo com a estreia da série, sua consolidação na audiência e a intensa produção de conteúdos derivados por usuários. Esse intervalo temporal é característico de fenômenos culturais marcados pela lógica da viralidade e da repercussão contínua, em que a audiência produz, compartilha, reelabora e disputa sentidos de maneira acelerada.

A seleção das publicações seguiu dois critérios principais. O primeiro, critério de engajamento, priorizou conteúdos que apresentavam alto número de curtidas, comentários ou compartilhamentos, entendidos como indicadores de repercussão coletiva e potencial de influência na construção da opinião pública digital. O segundo foi o critério de relevância discursiva, direcionado a postagens que expressassem posições críticas, interpretações morais, humor, ironia, *fanarts*, recriações de cenas ou memórias afetivas vinculadas à obra, permitindo captar a diversidade de enquadramentos e performances discursivas que marcaram a recepção pública do caso.

A coleta e análise das publicações foram realizadas por meio de uma etnografia virtual retrospectiva (Hine, 2015; Kozinets, 2010), que possibilitou observar práticas de interação, comentários associados às postagens e dinâmicas de engajamento sem interferir na conversação pública. As postagens selecionadas foram registradas e organizadas em uma planilha analítica elaborada no *Google*

*Sheets*, estruturada com campos específicos para data, autoria (anonimizada), tipo de conteúdo, categoria discursiva, número de interações, tema central, vínculo com a série e observações interpretativas. Essa planilha constituiu o instrumento principal de sistematização do corpus, garantindo rastreabilidade, coerência e controle metodológico sobre o processo de coleta, codificação e análise. Capturas de tela da planilha completa encontram-se disponibilizadas no Apêndice A, assegurando transparência e permitindo consulta à totalidade dos registros analisados.

As publicações foram classificadas em tipologias discursivas, que emergiram do próprio material: críticas (voltadas a debates éticos, representacionais e morais), empáticas (centradas nas vítimas ou em dimensões afetivas da narrativa), irônicas (com uso de desconforto ou ambivalência) e humorísticas (memes, montagens, recriações cômicas). Essa classificação não busca esgotar as formas de participação cultural, mas oferecer um caminho interpretativo para compreender como o público negocia as tensões entre violência, entretenimento, moralidade e emoção.

Além das publicações principais, também foram observados comentários e respostas associados às postagens, não como corpus autônomo, mas como parte do contexto interacional que molda o sentido da conversa digital. Esses elementos foram fundamentais para compreender como os usuários reforçaram, contestaram ou resignificaram interpretações presentes nas publicações originais, permitindo observar dinâmicas de concordância, disputa, humor coletivo, empatia e indignação, em consonância com perspectivas etnográficas de análise da interação social *online*.

Quadro 3 – Descrição do corpus digital e parâmetros de observação

Plataforma	Tipo de conteúdo	Descrição e foco de observação	Período de coleta
X (Twitter)	Postagens e <i>threads</i>	Comentários críticos, memes e análises, presença de discursos morais e debates éticos.	Set. 2022 - Mar. 2023
TikTok	Vídeos e montagens	Fanarts, recriações de cenas, análises e humor, reinterpretações e afetos. Vídeos com mais de 50 mil visualizações, incluindo montagens, <i>fanarts</i> , análises e recriações cômicas.	Set. 2022 - Mar. 2023

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

### 5.2.4 Procedimentos de Transcrição e Segmentação

Após a definição do corpus audiovisual, foram realizados procedimentos de transcrição, segmentação e categorização das cenas, com o objetivo de sustentar a análise das representações simbólicas e discursivas presentes na narrativa da série. A seleção dos episódios baseou-se na relevância simbólica e narrativa de cada um deles, privilegiando momentos que articulam a dimensão moral da violência, a construção de empatia e a estetização do crime — elementos centrais para compreender como a obra contribui para a formação de regimes de sentido e de opinião pública.

As cenas foram transcritas parcialmente em formato descritivo, priorizando trechos, falas, enquadramentos e escolhas estéticas que apresentavam maior densidade analítica. A transcrição completa e a segmentação detalhada encontram-se no Apêndice B, permitindo transparência e consulta integral aos registros utilizados no processo de análise.

Esse procedimento metodológico possibilitou uma leitura refinada das estratégias discursivas e estéticas da narrativa audiovisual, constituindo um instrumento de suporte à codificação temática e à categorização analítica, além de garantir precisão na identificação dos elementos simbólicos essenciais à investigação.

### 5.3. PROCEDIMENTOS ANALÍTICOS

A análise dos dados desta pesquisa foi conduzida a partir de uma abordagem metodológica integrada, concebida para captar a complexidade do fenômeno comunicacional investigado e a articulação entre produção, circulação e recepção das narrativas sobre o caso Jeffrey Dahmer. A combinação entre Análise do Discurso Midiático, Etnografia Virtual Retrospectiva e Cultura Participativa permitiu examinar, de forma relacional, tanto os sentidos produzidos pela narrativa audiovisual quanto as formas pelas quais esses sentidos são apropriados, negociados e reconfigurados pelos públicos nas plataformas X e TikTok. Trata-se, portanto, de um procedimento analítico que busca não apenas interpretar conteúdos, mas compreender os regimes discursivos, afetivos e culturais que estruturam a circulação social da série.

A Análise do Discurso Midiático forneceu o eixo central de leitura do corpus audiovisual, permitindo identificar os enquadramentos narrativos, os regimes de verdade, as estratégias de estetização da violência e as formas pelas quais a série constrói sentidos morais relacionados ao crime, à punição, à empatia e à monstruosidade. Essa perspectiva analítica possibilitou compreender como a narrativa organiza disputas simbólicas e como a estética – marcada por escolhas de montagem, trilha sonora, enquadramentos e performances – contribui para a produção de efeitos emocionais e interpretativos.

Paralelamente, a análise do corpus digital foi orientada por uma Etnografia Virtual Retrospectiva, que permitiu observar as práticas comunicacionais registradas no período de maior repercussão da série. Embora o campo empírico corresponda a interações já concluídas, o método etnográfico foi aplicado de forma documental, respeitando seus princípios interpretativos: descrição densa, contextualização dos enunciados, observação dos circuitos de circulação e análise das interações, mesmo quando estabilizadas. Esse procedimento possibilitou identificar padrões de engajamento, dinâmicas de viralização, disputas discursivas e formas de coprodução simbólica que emergiram nas plataformas digitais.

De maneira complementar, o referencial da Cultura Participativa foi incorporado para compreender como usuários reinterpretaram e transformaram a narrativa da série em expressões culturais derivadas, muitas vezes marcadas por humor, ironia, crítica ética, performances afetivas e recriações audiovisuais. Essa perspectiva permitiu entender como os públicos atuam como coautores das narrativas contemporâneas, produzindo sentidos que extrapolam o texto midiático original e passam a compor ecologias discursivas mais amplas.

O processo analítico seguiu três grandes movimentos. Primeiro, realizou-se uma pré-análise, que envolveu leitura flutuante do corpus, transcrição descritiva das cenas selecionadas e organização sistemática das publicações digitais em planilhas analíticas, considerando data, engajamento, temática, categoria discursiva, elemento visual, modos de interação e conexões com a narrativa audiovisual. Essa etapa permitiu identificar regularidades, tensões e núcleos simbólicos que orientaram a codificação.

Em um segundo momento, procedeu-se à codificação temática e discursiva do material, a partir da qual emergiram categorias preliminares que foram posteriormente condensadas em eixos interpretativos. No corpus audiovisual, a

codificação concentrou-se na identificação de marcas de enquadramento, estratégias de sensibilização, modos de representar as vítimas, formas de humanização do algoz e padrões estéticos associados à violência. No corpus digital, a codificação voltou-se para as tipologias discursivas, críticas, empáticas, irônicas e humorísticas, e para os modos como essas manifestações reinterpretavam, reforçavam ou contestavam os sentidos construídos pela série.

Na terceira etapa, realizou-se a integração interpretativa dos dois conjuntos de dados, articulando as categorias encontradas na narrativa audiovisual às dinâmicas de circulação e ressignificação presentes nas plataformas digitais. Esse movimento interpretativo buscou compreender não apenas a série em si, mas os efeitos culturais e sociais de sua recepção pública, revelando como sentidos são negociados entre texto e público, entre estética e ética, entre representação e afeto.

A triangulação entre Análise do Discurso Midiático, Etnografia Virtual Retrospectiva e Cultura Participativa configurou, assim, uma abordagem multiescalar, capaz de apreender tanto os microprocessos discursivos quanto os circuitos mais amplos de circulação social. A integração entre esses métodos ampliou a potência analítica da pesquisa, permitindo compreender como as representações audiovisuais sobre crime, violência e moralidade se entrelaçam com práticas digitais baseadas em emoção, humor, indignação e identificação. Dessa articulação emergem os sentidos que estruturam a opinião pública sobre o caso Dahmer, revelando não apenas como a série foi narrada, mas como foi vivida, sentida e disputada no ambiente digital contemporâneo.

### **5.3.1 Síntese metodológica**

A análise do material foi orientada por uma abordagem metodológica híbrida, que articula Análise do Discurso Midiático, Etnografia Virtual Retrospectiva e Cultura Participativa. Essa combinação busca apreender o fenômeno comunicacional em sua complexidade contemporânea, considerando tanto os modos de produção simbólica presentes na narrativa audiovisual quanto as dinâmicas de engajamento e ressignificação que emergem nos espaços digitais. A etnografia virtual foi aplicada de forma retrospectiva, a partir da observação de vestígios digitais (*digital traces*) produzidos no período de maior repercussão da série, permitindo compreender práticas comunicacionais e interacionais mesmo em campo já estabilizado.

Enquanto a análise do discurso midiático permitiu identificar enquadramentos narrativos, regimes de verdade e estratégias de estetização da violência, a Etnografia Virtual Retrospectiva possibilitou observar os modos de circulação de sentidos e as práticas comunicacionais que marcaram o debate público nas plataformas X e TikTok. Complementarmente, o referencial da Cultura Participativa (Jenkins, 2009, 2023; Papacharissi, 2020; Recuero, 2014; Shifman, 2014) foi incorporado para compreender como os públicos reinterpretam, recriam e apropriam-se das narrativas, transformando-as em expressões culturais mediadas por afetos, humor e crítica social.

Quadro 4 – Técnicas de análise, elementos observados e referenciais teóricos

<b>Técnica</b>	<b>Elementos observados</b>	<b>Objetivos analíticos</b>	<b>Referenciais teóricos principais</b>
Análise do discurso midiático	Cenas e falas dos episódios, textos e postagens no X (Twitter)	Identificar enquadramentos, regimes de verdade e processos de estetização	Hall (1997); Foucault (1979, 1996); Fairclough (2001); Thompson (2000)
Etnografia virtual retrospectiva	Interações e práticas comunicacionais nas plataformas X e TikTok	Observar engajamento, circulação e coprodução de sentidos	Hine (2015); Kozinets (2010); Tufekci (2017); Helberger et al. (2023); Zuboff (2019)
Cultura participativa	Conteúdos produzidos por usuários (vídeos, memes, <i>fanarts</i> , comentários)	Analisar reinterpretações, humor e empatia como formas de participação e apropriação simbólica	Jenkins (2009, 2023); Papacharissi (2020); Recuero (2014); Shifman (2014)

Fonte: elaborado pela autora (2025) com base em Fairclough (2001), Foucault (1979, 1996), Hall (1997), Helberger et al. (2023), Hine (2015), Jenkins (2009, 2023), Kozinets (2010), Papacharissi (2020), Recuero (2014), Shifman (2014), Thompson (2000), Tufekci (2017) e Zuboff (2019).

A integração metodológica possibilitou uma leitura multiescalar e relacional do fenômeno, articulando as dimensões de produção, circulação e recepção de sentidos. Essa triangulação metodológica ampliou a capacidade interpretativa da pesquisa, permitindo compreender como as representações audiovisuais e as

práticas digitais se entrelaçam na construção de discursos sociais sobre o crime, a violência e a moralidade, revelando os modos pelos quais o público participa ativamente da (re)construção simbólica dessas narrativas.

### **5.3.2 Operacionalização das categorias**

A partir da segmentação e descrição das cenas, procedeu-se à construção de um modelo de codificação qualitativa fundamentado em categorias analíticas derivadas da literatura sobre representação midiática, narrativa audiovisual e cultura participativa. As categorias foram definidas com base em uma leitura teórica integrada, articulando autores como Hall (1997), Foucault (1979; 1996), Thompson (2000), Jenkins (2023) e Papacharissi (2020), de modo a compreender os processos discursivos que estruturam a representação do crime e da violência na cultura contemporânea.

Stuart Hall (1997) constitui o principal referencial teórico para a compreensão da representação midiática como prática discursiva que não apenas reflete, mas produz significados e identidades. A partir da concepção halliana, a representação é entendida como um processo de construção simbólica que opera dentro de relações de poder e influencia a forma como determinados sujeitos são vistos e interpretados socialmente. Essa perspectiva é complementada por Norman Fairclough (2001), que propõe uma leitura crítica dos discursos midiáticos, destacando como práticas comunicacionais naturalizam ideologias e reproduzem estruturas de dominação simbólica.

A primeira categoria de análise é a representação midiática, que abrange o enquadramento narrativo utilizado pela série e pelas redes sociais para construir figuras como o criminoso e as vítimas. Essa categoria considera as formas de glamourização, monstruosidade ou banalização presentes nos discursos, articulando as contribuições de Hall (1997), Fairclough (2001) e Thompson (2000) para compreender como determinados sentidos são legitimados e circulam socialmente.

A segunda categoria é a memória das vítimas, examinada à luz das reflexões de Judith Butler (2004) e Nancy Fraser (2006), autoras que discutem a visibilidade e o reconhecimento como dimensões políticas centrais da representação. Butler aborda a precariedade da vida e a forma como certas existências são consideradas dignas de luto ou empatia, enquanto Fraser enfatiza a luta por reconhecimento e a

redistribuição simbólica na esfera pública. No contexto desta pesquisa, tais contribuições permitem observar como a narrativa da série e as reações nas redes sociais constroem ou invisibilizam as vítimas, tensionando o campo da empatia e da representatividade.

A terceira categoria de análise é o impacto social e cultural, fundamentada nos estudos de Michel Foucault (1979, 1996) e John B. Thompson (2000), que analisam os modos pelos quais o discurso produz efeitos sociais e regula condutas. Foucault oferece subsídios para compreender os regimes de verdade que legitimam determinadas narrativas, especialmente aquelas vinculadas ao crime, à justiça e à moralidade, enquanto Thompson contribui para a leitura da mídia como espaço de produção simbólica e formação de vínculos sociais mediados.

A quarta categoria é a recepção emocional, que tem como base as contribuições de Henry Jenkins (2009, 2023), Zizi Papacharissi (2020) e Zeynep Tufekci (2017), autores que analisam o papel das audiências conectadas e dos afetos na cultura digital. Jenkins discute a coprodução de sentidos por meio da participação dos públicos e das dinâmicas de reinterpretação das narrativas midiáticas, enquanto Papacharissi e Tufekci exploram os engajamentos afetivos e as reações emocionais como forças que estruturam a interação social nas redes. Essa abordagem possibilita compreender como emoções como fascínio, indignação ou empatia são articuladas nas práticas discursivas e nos processos de viralização do conteúdo.

Por fim, a quinta categoria, humor e viralização, apoia-se em Limor Shifman (2014) e Raquel Recuero (2014), que analisam a circulação de memes e o papel do humor como estratégia comunicativa na cultura digital. Esses autores contribuem para entender como práticas humorísticas transformam narrativas de violência em formas de entretenimento e engajamento, revelando tanto a banalização quanto a reinterpretação coletiva do fenômeno midiático.

O quadro a seguir sintetiza as categorias utilizadas, suas definições operacionais e os referenciais teóricos de base.

Quadro 5 – Categorias de análise aplicadas aos episódios selecionados

<b>Categoria analítica</b>	<b>Dimensão de análise</b>	<b>Definição operacional</b>	<b>Autores</b>
Representação	Enquadramento	Formas pelas quais a narrativa	Hall (1997); Fairclough

mediática	narrativo	apresenta o criminoso e as vítimas, destacando possíveis processos de glamourização, monstruosidade ou banalização	(2001); Thompson (2000)
Memória das vítimas	Visibilidade e empatia	Maneiras pelas quais as vítimas são lembradas ou invisibilizadas, incluindo construções de empatia, críticas sociais e debates sobre representatividade	Butler (2004); Fraser (2006); Hall (1997)
Impacto social e cultural	Repercussões éticas e políticas	Discussões relacionadas a racismo, homofobia, saúde mental, justiça e responsabilidade social derivadas da recepção da obra	Foucault (1979, 1996); Thompson (2000); Fairclough (2001)
Recepção emocional	Reações afetivas	Expressões de medo, choque, indignação ou fascínio manifestadas em comentários, debates e produções de usuários nas redes	Jenkins (2009, 2023); Papacharissi (2020); Tufekci (2017)
Humor e viralização	Cultura digital participativa	Produção e circulação de memes, vídeos editados e conteúdos humorísticos que transformam a narrativa em formas de entretenimento e engajamento	Shifman (2014); Recuero (2014); Jenkins (2023)

Fonte: elaborado pela autora (2025) com base em Butler (2004), Fairclough (2001), Foucault (1979, 1996), Fraser (2006), Hall (1997), Jenkins (2009, 2023), Papacharissi (2020), Recuero (2014), Shifman (2014), Thompson (2000) e Tufekci (2017).

As categorias sintetizadas no Quadro 5 estruturam a matriz analítica utilizada neste estudo e orientam a etapa seguinte, dedicada à análise e interpretação dos dados. A partir dessas definições operacionais, torna-se possível examinar de que modo a série e as interações digitais constroem sentidos sociais sobre o caso Dahmer, revelando tensões simbólicas, disputas narrativas e processos de ressignificação presentes na cultura midiática contemporânea.

### 5.3.3 Técnica de análise de discurso aplicada

A análise de discurso aplicada neste estudo fundamenta-se em uma perspectiva crítica e interpretativa, orientada pelos princípios teóricos de Stuart Hall (1997), Norman Fairclough (2001), Michel Foucault (1979; 1996) e John B.

Thompson (2000). A técnica foi utilizada para examinar como discursos sobre crime, violência, moralidade, empatia e representatividade são produzidos, legitimados e disputados tanto na narrativa audiovisual da série quanto nas práticas culturais que emergem nas plataformas digitais. Nesse sentido, o discurso é compreendido como prática social e cultural que organiza significados, constrói identidades e sustenta regimes de verdade.

A aplicação da análise de discurso ocorreu em três movimentos complementares. O primeiro consistiu na identificação dos enquadramentos narrativos que estruturam a série, observando como personagens, eventos e relações são representados. Essa etapa buscou evidenciar os mecanismos de construção simbólica que promovem sentidos de monstruosidade, empatia, culpa, punição ou banalização da violência. Foucault (1979) contribui aqui com a noção de que regimes de verdade se consolidam por meio de discursos que determinam quem pode falar, sobre o quê e sob quais condições, permitindo compreender como a obra produz efeitos morais e normativos.

O segundo movimento envolveu a identificação de marcas discursivas e estratégias de significação presentes no corpus digital, tais como expressões afetivas, metáforas, hipérboles, ironias, memes e performances culturais. Esse processo considerou tanto os elementos linguísticos quanto os recursos visuais, ocorrendo sempre de forma contextualizada, de acordo com os princípios da análise de discurso crítica. Fairclough (2001) orienta essa etapa ao destacar a relação entre discurso, poder e desigualdade simbólica, permitindo observar como determinadas narrativas ganham maior legitimidade enquanto outras são marginalizadas ou contestadas.

O terceiro movimento da análise concentrou-se na relação entre discurso e contexto sociocultural, fundamental para compreender como os sentidos circulam e são disputados nas redes sociais. A partir de Thompson (2000), a análise investigou as formas pelas quais o discurso midiático adquire força simbólica, produzindo vínculos afetivos, reforçando ou desestabilizando hierarquias morais e mobilizando debates públicos. Hall (1997), por sua vez, permitiu interpretar as representações não como reflexos da realidade, mas como construções culturais inseridas em relações de poder.

A técnica de análise de discurso aplicada neste estudo compreende, portanto, uma abordagem multiescalar que observa tanto os microelementos linguísticos e

visuais quanto os macroprocessos socioculturais de produção de sentidos. Esse procedimento analítico possibilitou revelar como a série *Dahmer: Monster – The Jeffrey Dahmer Story* articula regimes discursivos específicos e como esses regimes são reinterpretados pelos usuários nas plataformas X e TikTok, resultando em disputas simbólicas, tensões morais e fenômenos de ressignificação cultural. Assim, a análise de discurso tornou-se instrumento fundamental para compreender as interações entre narrativa audiovisual, recepção emocional, performance digital e cultura participativa no contexto da circulação pública da série.

A partir dos procedimentos metodológicos detalhados neste capítulo, que envolveram a definição do corpus, a sistematização dos dados, a construção das categorias analíticas e a aplicação da técnica de análise de discurso, torna-se possível avançar para a etapa interpretativa da pesquisa. O capítulo seguinte apresenta a análise dos episódios selecionados e das interações coletadas nas plataformas X e TikTok, organizada com base nas categorias operacionais definidas previamente e na integração entre narrativa audiovisual, práticas digitais e cultura participativa. A partir desse movimento, busca-se compreender como a série *Dahmer: Monster – The Jeffrey Dahmer Story* produz sentidos sociais sobre crime, violência e moralidade, e de que modo esses sentidos são apropriados, disputados e ressignificados pelos usuários no ambiente digital contemporâneo.

## 6. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS

Este capítulo apresenta a análise e interpretação dos dados provenientes dos episódios selecionados da série *Dahmer: Um Canibal Americano*, articulando o conteúdo audiovisual às práticas de circulação e recepção observadas no TikTok e no X. A partir desse diálogo entre narrativa e ambiente digital, busca-se compreender como os enquadramentos da série, as dinâmicas afetivas dos usuários e os mecanismos de coprodução de sentidos das plataformas transformam o caso em um espaço de disputa simbólica. Nessas interações, são continuamente produzidas e reconfiguradas leituras sobre violência, memória, justiça e responsabilidade social, contribuindo para a formação da opinião pública contemporânea.

O processo interpretativo baseia-se no Instrumento de Análise do Corpus Audiovisual, disponível no Apêndice B. Elaborado a partir do modelo multidimensional de eficácia comunicacional apresentado no Capítulo 3, esse instrumento orientou a segmentação das cenas, a identificação das unidades de sentido e a classificação das categorias analíticas. Sua inclusão busca assegurar transparência metodológica e permitir a rastreabilidade das decisões analíticas, fortalecendo a coerência epistemológica e a consistência do percurso interpretativo adotado na pesquisa.

### 6.1 EPISÓDIO 1 - *MONSTER*

O Episódio 1 de *Dahmer: Um Canibal Americano* inaugura a narrativa ao reconstruir o encontro entre Jeffrey Dahmer e Tracy Edwards, — a única vítima que conseguiu escapar com vida e cuja denúncia possibilitou a prisão do *serial killer*. Edwards desempenha papel central não apenas no desfecho real do caso, mas também na estrutura dramática do episódio, funcionando como o ponto de inflexão que expõe a dimensão dos crimes cometidos. A tentativa de Dahmer de manter Edwards em cativeiro revela, desde o início, elementos que perpassam toda a série: a vulnerabilidade das vítimas, a atmosfera psicológica de manipulação, o medo constante que permeia as interações e a negligência institucional que permitiu a continuidade das violências.

A fuga de Tracy e seu acionamento da polícia e rompem o ciclo de silêncio

que envolvia os crimes, inaugurando uma crítica explícita à atuação das autoridades e antecipando temas que serão aprofundados ao longo da série, como racismo estrutural, desigualdade social e falhas sistêmicas na proteção de populações marginalizadas. Essa contextualização inicial é essencial para compreender os pilares simbólicos que orientam a recepção pública do caso Dahmer: a forma como o episódio encena violência, medo e omissão estatal molda diretamente os enquadramentos que emergem posteriormente nas plataformas digitais.

Nas redes sociais, especialmente no TikTok e no X, esses enquadramentos são reapropriados, tensionados e ressignificados pelos usuários, que transformam a narrativa audiovisual em arenas de disputa simbólica. A análise evidencia que os sentidos atribuídos ao episódio não derivam apenas do texto original da série, mas resultam de um processo contínuo de coprodução coletiva, mediado por dinâmicas algorítmicas, repertórios culturais e performances de audiência. Conforme Hall (1997), trata-se de um circuito de produção e circulação de representações no qual afetos, memórias e julgamentos morais são continuamente negociados.

O Quadro 10, localizado no Apêndice B, apresenta a segmentação e codificação analítica do Episódio 1, detalhando os recortes narrativos que sustentam a interpretação desenvolvida. Essa organização favorece a compreensão da relação entre a construção audiovisual e as práticas discursivas observadas nas plataformas, servindo como base para a leitura das categorias analíticas propostas.

Ao observar essas dinâmicas inaugurais, torna-se evidente que o Episódio 1 já exerce forte influência na orientação das percepções sociais sobre o caso. A articulação entre estética audiovisual e modos de circulação digital começa, desde os primeiros minutos da série, a configurar interpretações coletivas sobre violência, justiça e responsabilidade institucional. Assim, o episódio não apenas estabelece as chaves de leitura do espectador, mas também se insere no processo mais amplo de formação da opinião pública ao definir os contornos simbólicos e morais a partir dos quais o caso Dahmer passa a ser debatido.

Antes do aprofundamento analítico, apresenta-se o Quadro 6, que sintetiza como as categorias definidas na metodologia, representação midiática, memória das vítimas, impacto social e cultural, recepção emocional e humor/viralização, manifestam-se nas duas plataformas estudadas. Esse quadro funciona como ponto de partida interpretativo, permitindo visualizar padrões recorrentes e orientar a análise dos resultados.

A comparação entre TikTok e X evidencia que cada ecossistema midiático privilegia modos distintos de interpretação da narrativa: enquanto o TikTok favorece recortes emocionais e estéticos, o X tende a concentrar debates moralizados, críticas institucionais e disputas discursivas. Essas diferenças são fundamentais para compreender como a opinião pública é formada de modo distribuído, a partir da interação entre performances afetivas, enquadramentos críticos e dinâmicas de viralização que operam de maneira específica em cada plataforma.

Quadro 6 – Relação das categorias analíticas no Episódio 1

<b>Categoria de análise</b>	<b>TikTok</b>	<b>X</b>
Representação midiática	Estetização do horror, foco na performance de Evan Peters, cortes estéticos, reações dramatizadas e efeitos visuais, narrativa tratada como espetáculo audiovisual.	Discussões sobre enquadramento narrativo, negligência policial, desigualdades raciais e responsabilidade ética da série.
Memória das vítimas	Apagamento ou presença marginal, foco no criminoso, vídeos centrados em emoções rápidas e no impacto visual, vítimas pouco mencionadas.	Recentralização das vítimas, críticas ao apagamento histórico, indignação diante das falhas policiais, ênfase em vulnerabilidade social e racial.
Impacto social e cultural	Viralização e consumo superficial, transformação do episódio em entretenimento, leituras despolitizadas.	Discussões sobre racismo estrutural, violência institucional e injustiça social, resgates históricos, debates sobre ética da série e responsividade da mídia.
Recepção emocional	Emoções rápidas e sensoriais (humor, surpresa, choque), caráter performático e leve.	Emoções moralizadas (indignação, revolta, tristeza, empatia), tom crítico e reflexivo.
Humor e viralização	Presença intensa de memes, <i>trends</i> , músicas virais e ironia, conversão do horror em conteúdo engraçado ou estético, forte engajamento algorítmico.	Uso pontual e geralmente associado à crítica, humor mesclado a indignação ou reflexões, menor propensão à viralização.

Fonte: elaborado pela autora (2025).

A partir desse panorama, observa-se como cada categoria se materializa nos dados empíricos. A representação midiática é o primeiro ponto que evidencia a divergência profunda entre as plataformas. No TikTok, a série é recortada de maneira a privilegiar a performance de Evan Peters, a intensidade visual e a estética sombria das cenas. Como ilustrado na Figura 2, o close no rosto do ator, que faz

parte de uma das cenas do episódio em questão, acentua a dramaticidade e reforça um consumo estético do episódio. Esse tipo de recorte condensa a “lógica memética” apontada por Shifman (2014), em que fragmentos audiovisuais são reconfigurados para maximizar o apelo sensorial. Além disso, ao privilegiar a figura do ator em detrimento das vítimas, o conteúdo evidencia a estetização da violência discutida por Berry (2022) e reforça o processo de mitificação do criminoso descrito por Martin (1994), que identifica a recorrente centralidade midiática atribuída ao *serial killer*.

Figura 2 – Representação midiática no TikTok, evidenciando foco na performance do ator



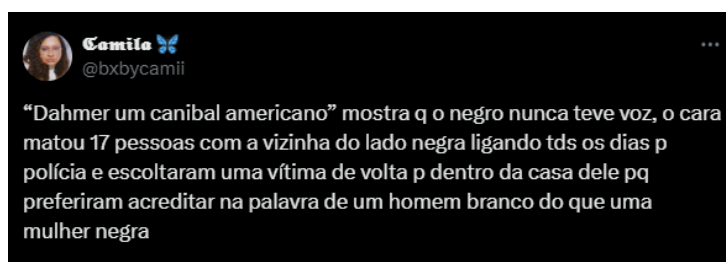
Fonte: TikTok (@impulsofertil, 2022).

No X, entretanto, a representação midiática é ressignificada sob uma chave crítica e politizada. Como mostra a Figura 3, a postagem associa a cena do episódio às discussões sobre negligência policial e racismo estrutural, deslocando o foco da performance estética para as estruturas de poder que permitiram os crimes de Dahmer. Esse movimento retoma a noção de representação como disputa simbólica (Hall, 1997), demonstrando que, no X, o episódio funciona como gatilho para debates sobre desigualdade e injustiça institucional.

Dessa forma, a representação midiática presente no Episódio 1 atua como um primeiro vetor de influência nas percepções sociais, pois define quais elementos

do caso ganham centralidade simbólica. Ao circular nas redes, esses enquadramentos não apenas refletem leituras já existentes, mas participam da constituição da opinião pública ao enfatizar determinados sentidos morais, estéticos ou políticos sobre o criminoso e suas vítimas.

Figura 3 – Representação midiática no X, com crítica à negligência policial e ao racismo estrutural



Fonte: X (@bxbycamii, 2022).

Esses contrastes materializam a tese de Van Dijck, Poell e De Waal (2018) sobre ecossistemas híbridos, nos quais a circulação de conteúdos é profundamente condicionada pelas arquiteturas algorítmicas, pelas normas sociotécnicas e pelas formas específicas de engajamento que estruturam cada plataforma.

A recepção emocional segue a mesma lógica de bifurcação. No TikTok, predominam emoções rápidas e performatizadas (choque estilizado, riso nervoso, tristeza dramatizada) que se alinham ao ritmo acelerado da plataforma e ao modelo de economia algorítmica da atenção descrito por Napoli (2023). A Figura 4 exemplifica isso por meio de uma reação marcada por *emojis* e expressões exageradas, características de uma cultura de afetos imediatos. Essa performatividade confirma o argumento de Papacharissi (2015) de que plataformas orientadas por afetos tendem a fomentar respostas sensoriais, intensas e pouco discursivas.

Figura 4 – Recepção emocional no TikTok, com reação sensorial e estetizada

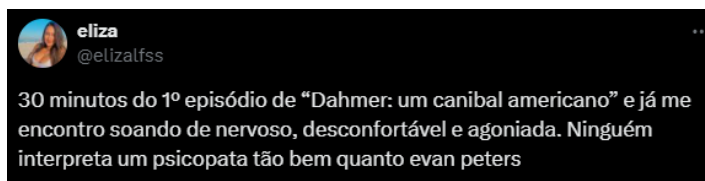


Fonte: TikTok (@wiilleni, 2022)

No X, a recepção emocional assume a forma de indignação moralizada. A Figura 5 demonstra como o episódio provoca inquietação e repulsa nos usuários, que convertem emoção em crítica social. Papacharissi (2021) descreve esse tipo de articulação entre emoção e moralidade como “afetos cívicos”, um fenômeno evidente na plataforma. A indignação expressa nos *posts* se aproxima também das reflexões de Thompson (2000) sobre escândalo e regimes de visibilidade, uma vez que os usuários denunciam falhas institucionais e questionam a espetacularização da violência.

Essas respostas emocionais atuam diretamente na formação da opinião pública, uma vez que emoções compartilhadas funcionam como dispositivos de orientação interpretativa. A circulação de indignação, choque ou empatia nas redes estabelece leituras dominantes que podem reforçar denúncias sociais, suavizar responsabilidades ou deslocar a atenção para aspectos específicos da narrativa do crime.

Figura 5 – Recepção emocional no X, com indignação moralizada

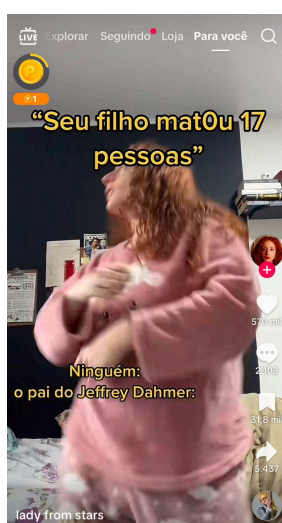


Fonte: X (@elizalfss, 2022).

O humor e a viralização constituem outra dimensão central no TikTok. A Figura 6 mostra como elementos violentos são transformados em coreografias humorísticas, convertendo o horror em entretenimento leve. Esse fenômeno corresponde à “circulação afetiva” descrita por Recuero (2014), na qual conteúdos emocionalmente carregados são apropriados pela comunidade de forma lúdica. Tal conversão reforça a estetização da violência (Berry, 2022) e evidencia como o algoritmo privilegia conteúdos potencialmente virais, diluindo o peso ético do episódio.

Nesse sentido, o humor não apenas reorganiza a estética da violência, mas também influencia a opinião pública ao tornar certas interpretações mais aceitáveis, palatáveis ou compartilháveis. A viralização humorística contribui para a consolidação de narrativas que podem banalizar o caso ou reduzir sua complexidade ética, incidindo sobre como o público avalia responsabilidade, culpa e memória social das vítimas.

Figura 6 – Humor e viralização no TikTok, convertendo horror em coreografia humorística



Fonte: TikTok (@lady\_from\_stars, 2022).

No X, ao contrário, o humor aparece de modo muito mais restrito e sempre atravessado por críticas, o que evidencia a diferença entre as arquiteturas discursivas das plataformas.

Quanto ao impacto social e cultural, a discrepância se acentua. No TikTok, conteúdos relacionados ao episódio se mesclam com interpretações psicologizantes simplificadas (como mostra a Figura 7), transformando eventos traumáticos em matéria de consumo rápido, fenômeno alinhado às críticas de Jenkins, Gies e Vasquez (2023) à espetacularização do *true crime*.

Figura 7 – Impacto social e cultural no TikTok, com psicologia pop e simplificação do caso



Fonte: TikTok (@naomintapramim, 2022).

Já no X, o impacto cultural aparece através da crítica à mercantilização da violência, como ilustrado na Figura 8, que exhibe a comercialização de produtos inspirados no caso Dahmer. Tal circulação evidencia um processo de dessensibilização coletiva, nos termos de Butler (2004), indicando como determinadas vidas tornam-se menos dignas de luto em regimes representacionais que privilegiam o criminoso e convertem trauma em *commodity* cultural.

Essas leituras críticas evidenciam que o impacto social e cultural não opera apenas como interpretação moral do caso, mas como um mecanismo que incide diretamente na esfera pública. Ao trazer para o debate questões como racismo

estrutural, falhas institucionais e mercantilização da violência, os usuários reinterpretam o episódio em chave social, produzindo enquadramentos que tensionam a opinião pública e ampliam o alcance político do caso Dahmer.

Figura 8 – Impacto social e cultural no X, evidenciando a mercantilização da violência



Fonte: X (@CrimesReais, 2022).

Esses elementos, quando articulados, evidenciam dois modelos radicalmente distintos de recepção. No TikTok, a narrativa é estetizada, humorada e recortada de forma performática, resultado direto da lógica memética e da cultura de atenção imediata (Shifman, 2014; Napoli, 2023). No X, prevalecem leituras moralizadas e críticas, que reinscrevem o episódio em debates sobre racismo estrutural, desigualdade e falhas institucionais, compondo aquilo que Papacharissi (2021) identifica como esfera pública afetiva. Dessa forma, o episódio revela como a mediação digital produz sentidos contraditórios: ora transforma o horror em entretenimento, ora o utiliza como plataforma de denúncia social.

Assim, o Episódio 1 funciona como ponto de inflexão interpretativa, revelando tanto os potenciais quanto os riscos envolvidos na circulação de narrativas de *true crime* no ambiente digital. Enquanto o TikTok contribui para a banalização simbólica da violência e para a invisibilização das vítimas, o X reinsere a dimensão política e histórica do caso, questionando a espetacularização promovida pela série e pela própria cultura de circulação. A análise demonstra que os sentidos produzidos sobre o caso Dahmer dependem diretamente das dinâmicas sociotécnicas das plataformas, confirmando o papel central das mídias digitais na formação da

memória contemporânea sobre episódios de violência real.

Assim, a análise do Episódio 1 demonstra como a circulação entre série e redes sociais participa da conformação da opinião pública. Ao combinar enquadramentos narrativos, reações emocionais, disputas morais e práticas de viralização, TikTok e X funcionam como arenas interpretativas que reconfiguram continuamente o sentido do caso Dahmer. Dessa forma, o episódio inaugural evidencia a articulação entre mídia, afeto e engajamento digital, confirmando o objetivo central deste trabalho: compreender de que maneira as representações de crimes reais são coproduzidas e reinterpretadas pelo público, com implicações éticas e comunicacionais na cultura digital contemporânea.

## 6.2 EPISÓDIO 6 - *SILENCED*

O Episódio 6 de *Dahmer: Um Canibal Americano*, intitulado *Silenced*, apresenta uma das narrativas mais sensíveis e emocionalmente complexas da série ao reconstruir a trajetória de Tony Hughes, um jovem negro e surdo que manteve uma relação afetiva com Jeffrey Dahmer. A centralização da experiência de Tony marca uma inflexão significativa na série ao deslocar temporariamente o foco do criminoso para a vida, os vínculos e a subjetividade de uma das vítimas, evidenciando sua rotina, seus sonhos profissionais e a profundidade de seus laços familiares e comunitários. Esse enquadramento dramatúrgico funciona como um contra enquadramento, pois desafia o modelo tradicional de narrativas de *true crime* ao explorar a humanidade da vítima antes que a violência se imponha.

A condução narrativa de *Silenced*, ao privilegiar a vulnerabilidade de Tony e a omissão estrutural diante de seu desaparecimento, intensifica as questões éticas envolvidas na representação de crimes reais. A negligência da polícia, especialmente a desconsideração do alerta feito por Shirley Hughes, sua mãe, evidencia mecanismos de racismo estrutural e desresponsabilização institucional que têm papel central no caso. Essa contextualização inicial é fundamental porque o episódio atua como um eixo de deslocamento interpretativo dentro da própria série, reorientando a experiência emocional do público e ampliando as discussões sociais e políticas que emergem a partir da obra.

Quando esse episódio atravessa o ambiente digital, suas camadas afetivas, políticas e representacionais são reconfiguradas pelas lógicas sociotécnicas das

plataformas. TikTok e X funcionam, assim como no Episódio 1, como arenas de disputa simbólica (Hall, 1997), nas quais circulam enquadramentos concorrentes sobre violência, justiça, memória, empatia e responsabilidade pública. As leituras que emergem nesses ecossistemas oscilam entre sensibilização profunda, denúncia moral, estetização emocional, crítica institucional e debates sobre desigualdades estruturais. A forma como os usuários reinterpretem Tony Hughes e sua trajetória contribui de maneira decisiva para a conformação da opinião pública sobre o caso Dahmer e, mais amplamente, sobre narrativas de crimes reais na cultura digital.

Antes de avançar na análise detalhada das dinâmicas interpretativas observadas, apresenta-se o quadro que sintetiza a manifestação das categorias analíticas definidas na metodologia: representação midiática, memória das vítimas, impacto social e cultural, recepção emocional e humor/viralização, nas duas plataformas estudadas. Esse quadro organiza visualmente os principais padrões identificados e funciona como ponto de partida para a interpretação desenvolvida a seguir, permitindo compreender de que modo cada categoria se expressa ao longo do episódio e como essas leituras são posteriormente ressignificadas pelos públicos digitais.

Quadro 7 – Relação das categorias analíticas no Episódio 6

<b>Categoria de análise</b>	<b>TikTok</b>	<b>X</b>
Representação midiática	Enfatiza a relação entre Dahmer e Tony Hughes, com montagem emocional, trilhas dramáticas e recortes que intensificam a narrativa afetiva. Estética calorosa e sentimental.	Discussões críticas sobre racismo, negligência policial e apagamentos históricos. Debate sobre responsabilidade institucional e injustiça estrutural.
Memória das vítimas	Forte sensorialidade e foco em Tony Hughes, com romantização visual e uso de música emocional, destacando a trajetória afetiva do personagem.	Posts fortalecem a centralidade das vítimas e denunciam a negligência histórica, resgates raciais e homenagens diretas a Tony.
Impacto social e cultural	<i>Edits</i> <sup>7</sup> que expõem racismo e desigualdade por meio de montagens que apresentam denúncias e cenas de sofrimento.	Discussões aprofundadas sobre violência racial, negligência policial e desigualdade estrutural no fio

<sup>7</sup>*Edits* referem-se a montagens audiovisuais produzidas por usuários, geralmente em plataformas como TikTok, Instagram e YouTube, nas quais trechos de filmes, séries ou vídeos são recortados, reorganizados e combinados com músicas, efeitos ou legendas para criar novos sentidos emocionais, estéticos ou narrativos. Trata-se de uma prática típica da cultura participativa digital, na qual públicos atuam como coautores das obras ao reinterpretá-las por meio da remixagem.

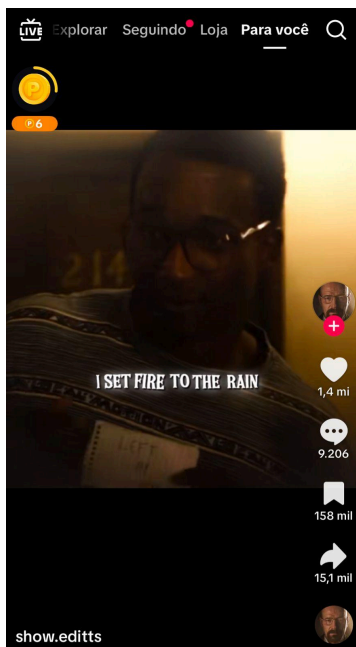
		da influenciadora (@louiepono), articulando debates éticos.
Recepção emocional	Predominância de comoção, tristeza e romantização, com usuários enfatizando empatia e experiência sensorial.	Reações moralizadas que convertem emoção em crítica, indignação política e revolta contra falhas institucionais.
Humor e viralização	Ausência de humor relevante devido ao teor emocional do episódio, prevalecendo conteúdo sério e afetivo.	Humor praticamente inexistente, dada a carga dramática das discussões.

Fonte: elaborado pela autora (2025).

A partir desse panorama, observa-se que o Episódio 6 intensifica uma tensão que atravessa todo o caso Dahmer: a disputa entre sensibilização pública e consumo emocional. A recepção do episódio no TikTok é marcada por montagens afetivas que enfatizam intimidade, silêncio e aconchego entre Tony e Dahmer, frequentemente reforçadas por músicas sentimentais e efeitos visuais que transformam a narrativa em uma experiência sensorial. A montagem emotiva que destaca Tony Hughes, apresentada na Figura 9, exemplifica essa lógica ao utilizar uma trilha dramática (“*Set Fire to the Rain da cantora Adele*”) que amplifica o caráter trágico da história e induz um engajamento afetivo imediato, alinhado à economia algorítmica da atenção descrita por Napoli (2023).

Esse tipo de apropriação evidencia a tendência do TikTok de estimular reações rápidas e intensas, funcionando como um espaço onde a emoção coletiva opera como filtro interpretativo central. Essa dinâmica confirma os argumentos de Papacharissi (2015), segundo os quais plataformas orientadas por afetos produzem respostas imediatas que moldam percepções públicas antes mesmo da articulação de uma crítica estruturada.

Figura 9 – Recepção emocional no TikTok, com montagem emotiva destacando Tony Hughes



Fonte: TikTok (@show.editts, 2022).

Se, por um lado, o TikTok transforma *Silenced* em uma peça de comoção visual, por outro, reorienta a memória das vítimas por meio de recortes que destacam momentos de dor explícita. A Figura 10 demonstra como a plataforma privilegia cenas de forte impacto moral. Esse enquadramento se ancora na precariedade das vidas discutida por Butler (2004), tornando visível um sofrimento historicamente apagado e deslocando o foco do criminoso para a voz das famílias. A predominância de edições que exibem o julgamento e o apelo materno reforça a dimensão política da representação, aproximando-se da luta por reconhecimento proposta por Fraser (2006). Entretanto, essa visibilização ocorre no interior de um ambiente guiado por métricas de viralização, o que tensiona a fronteira entre homenagem e performatividade emocional.

Figura 10 – Memória das vítimas no TikTok, com um vídeo montado para destacar o depoimento da mãe de Tony Hughes, enfatizando a dor das famílias e a comoção que marcou o julgamento



Fonte: TikTok (@taiirp, 2022).

O movimento de reconstrução da memória das vítimas torna-se ainda mais evidente no X, onde os enquadramentos se voltam diretamente para debates de desigualdade racial, negligência policial e omissões históricas. A Figura 11 evidencia uma leitura crítica das condições estruturais que permitiram os crimes de Dahmer, articulando o episódio ao racismo institucional e às dinâmicas de desconfiança policial que privilegiavam homens brancos.

Figura 11 – Memória das vítimas no X, com debate sobre racismo estrutural e apagamentos institucionais



Fonte: X (@omarciopaulo, 2022).

O destaque dado a imagem de Tony Hughes, apresentado na Figura 12, reforça o valor simbólico da vítima e humaniza sua trajetória, apresentando-o não apenas como estatística, mas como sujeito racializado afetado por múltiplas camadas de injustiça.

Figura 12 – Memória das vítimas no X, com homenagem a Tony Hughes e valorização de sua trajetória

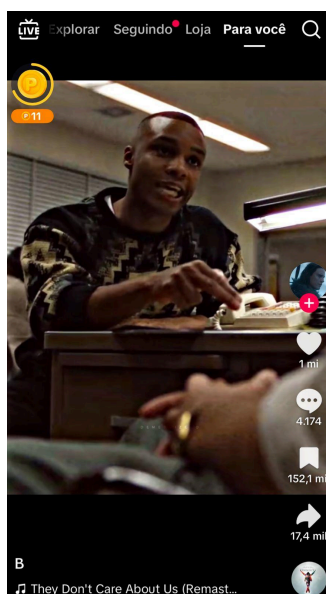


Fonte: X (@kenobiskyw, 2022).

Essas leituras reposicionam a narrativa em termos morais e políticos, compondo aquilo que Papacharissi (2021) define como esfera pública afetiva, em que afetos cívicos como indignação e luto coletivo se tornam motores de mobilização social. Assim, o X reorienta a recepção do episódio em direção a uma ética de responsabilização e memória compartilhada, contribuindo fortemente para a formação de opinião pública crítica.

Com base nos dados apresentados no Quadro 11 do Apêndice B, observa-se que o TikTok também mobiliza o impacto social e cultural ao recortar cenas de denúncia institucional. A Figura 13, ao destacar o Impacto social e cultural no TikTok por meio de um *edit* que reúne múltiplos momentos de denúncia e sofrimento das vítimas, ilustra como a plataforma combina trechos de diferentes episódios para construir uma narrativa compacta e emocionalmente intensificada sobre racismo, abandono e falhas investigativas. Esse tipo de montagem reforça a circulação afetiva descrita por Recuero (2014) e ressignifica a série como ferramenta de acusação moral. Contudo, essa intensificação emocional nem sempre vem acompanhada de uma contextualização política mais profunda, levando parte do conteúdo a simplificar debates complexos em narrativas de fácil consumo, alinhadas à espetacularização criticada por Jenkins, Gies e Vasquez (2023).

Figura 13 – Impacto social e cultural no TikTok, com *edit* que reúne múltiplos momentos de denúncia e sofrimento das vítimas



Fonte: TikTok (@demetrizer0, 2022).

É no X, porém, que a discussão sobre impacto social e cultural alcança maior densidade crítica. A Figura 14, que mostra a análise em formato sequencial publicada pela influenciadora Louie Ponto, organiza um conjunto de argumentos que denunciam a falta de autorização das famílias, o reavivamento do trauma e a transformação do sofrimento em um produto midiático.

Figura 14 – Impacto social e cultural no X, com fio de Louie Ponto denunciando exploração do trauma e negligência institucional



Fonte: X (@louieponto, 2022).

Essa interpretação aproxima-se das reflexões de Thompson (2000) sobre regimes de visibilidade e escândalo, uma vez que expõe tensões morais relativas à exploração do sofrimento como produto cultural. A crítica à mercantilização da violência também dialoga com Butler (2004), ao evidenciar como algumas vidas se tornam menos dignas de luto na circulação midiática, sendo reconfiguradas como *commodities* narrativas para consumo global. Dessa forma, o X opera como um espaço de denúncia que amplia os efeitos sociais do episódio, reconfigurando seu sentido político e tensionando a opinião pública ao inserir debates éticos no centro da recepção digital.

Embora o TikTok apresente poucas manifestações de humor e viralização no Episódio 6, essa ausência é em si significativa. Ao contrário do Episódio 1, em que a

plataforma converteu trechos violentos em conteúdos humorísticos, *Silenced* mobiliza predominantemente empatia, luto e comoção. Essa mudança no padrão de engajamento evidencia a força narrativa da trajetória de Tony, que resiste à banalização estética e limita o uso de recursos irônicos. No X, o humor também é praticamente inexistente e aparece apenas em interações marginais, sempre atravessado por crítica social. Essa rarefação indica que o episódio opera dentro de um regime de seriedade moral que restringe a apropriação lúdica típica das plataformas, reforçando o caráter político da recepção.

Quando observadas em conjunto, as categorias analisadas demonstram que o Episódio 6 ocupa um lugar central na construção da memória pública sobre o caso Dahmer. O TikTok transforma a narrativa em um espaço de comoção sensorial que potencializa a empatia e a identificação emocional, enquanto o X reinsere a história em debates amplos sobre desigualdade racial, injustiça institucional e exploração midiática.

Esses dois modelos de recepção, embora distintos, convergem para a formação da opinião pública ao articular afetos, críticas e disputas morais que ultrapassam o texto televisivo e se disseminam nas redes. Assim, *Silenced* evidencia como as plataformas digitais coproduzem sentidos sociais que continuamente ressignificam o caso Dahmer.

### 6.3 EPISÓDIO 10 - *GOD OF FORGIVENESS, GOD OF VENGEANCE*

O Episódio 10 de Dahmer: Um Canibal Americano, intitulado *God of Forgiveness, God of Vengeance*, encerra a série ao articular as repercussões públicas, institucionais e familiares após a morte do *serial killer* na prisão. Diferentemente dos episódios iniciais, que se concentravam na trajetória de Dahmer e de suas vítimas, o episódio final desloca o foco para as respostas sociais, jurídicas e culturais que emergem após o assassinato do criminoso por Christopher Scarver, detento que, em 1994, matou Dahmer enquanto ambos cumpriam pena na *Columbia Correctional Institution*<sup>8</sup>, nos Estados Unidos. Ao introduzir essa figura, a narrativa contrapõe dois eixos centrais, de um lado, os debates públicos sobre justiça, vingança, perdão e responsabilização institucional, de outro, a persistência da dor

---

<sup>8</sup>Columbia Correctional Institution é uma penitenciária estadual localizada em Portage, Wisconsin (EUA), onde Jeffrey Dahmer foi preso e posteriormente assassinado em 1994.

das famílias, que continuam lidando com os efeitos prolongados desses crimes. Essa tensão dramática confere ao episódio um caráter reflexivo, pois evidencia como o caso Dahmer permanece reverberando moral, política e emocionalmente na esfera pública mesmo décadas após sua conclusão judicial.

O Episódio 10 encerra a série ao reposicionar a narrativa para além da figura do *serial killer*, focalizando o julgamento, as vítimas e as disputas morais que emergem após a prisão e morte de Jeffrey Dahmer. Trata-se do episódio de maior densidade política da série, ao articular dor pública, indignação coletiva e debates éticos sobre representação, memória e responsabilidade social. Quando esse conteúdo migra para as plataformas digitais, torna-se matéria de disputa discursiva (Hall, 1997), afetiva (Papacharissi, 2020) e cultural (Thompson, 2000), moldando interpretações socialmente compartilhadas que incidem diretamente na formação da opinião pública.

Nas redes, o episódio não é apenas assistido, ele é reinterpretado, fragmentado, moralizado, intensificado e recontextualizado por públicos diversos que se engajam em práticas de coprodução de sentido (Jenkins, 2023). Assim como Fairclough (2001) aponta, esses discursos não são neutros, eles estabilizam ou contestam hegemonias, reforçam ou desestabilizam normas sociais e definem quais vidas são dignas de escuta, memória e luto.

No TikTok, essa circulação ocorre em uma lógica afetiva acelerada, marcada por narrativas moralizadas, reações emocionais intensas e conteúdos pedagógicos que buscam explicar o caso. Já no X, a recepção se materializa em debates politizados, críticas à série e disputas sobre ética, justiça e responsabilidade institucional. Dessa forma, o episódio torna-se um espaço de convergência entre emoção, crítica social e reflexão pública, contribuindo para a configuração de sentidos que organizam a opinião pública contemporânea sobre o caso Dahmer.

A importância desse último episódio para a análise decorre do modo como ele explicita a disputa de sentidos em torno do legado do caso Dahmer. Enquanto algumas narrativas sociais interpretam a morte do criminoso como uma forma tardia de justiça, outras a entendem como sintoma da própria falência do sistema carcerário e da incapacidade estrutural do Estado em promover reparação. Essa ambivalência é intensificada pela representação de Christopher Scarver, ora como agente moralizador, ora como produto das desigualdades estruturais que perpassam todo o caso. Assim, o episódio final sintetiza e reabre questões éticas que

atravessam toda a série, ao mesmo tempo em que evidencia como a narrativa é apropriada e ressignificada pelo público online.

Quando esse episódio circula nas plataformas digitais, especialmente TikTok e X, ele passa a ser atravessado por ecossistemas algoritmicamente mediados que produzem interpretações divergentes ou contraditórias. O TikTok privilegia conteúdos emocionalizados e moralizantes, frequentemente construídos em tom de denúncia ou indignação, enquanto o X apresenta debates discursivos densos que tensionam a ética do entretenimento baseado em trauma e a representação das vítimas. Assim como nos episódios anteriores, ambas as plataformas funcionam como arenas de disputa simbólica (Hall, 1997), nas quais enquadramentos concorrentes sobre violência, justiça e memória circulam, são negociados e tensionam percepções públicas.

Essa circulação mediada é central para compreender como a opinião pública é conformada. As narrativas compartilhadas nas redes amplificam enquadramentos morais, disputas identitárias e debates políticos, estabilizando interpretações socialmente reconhecíveis sobre o caso Dahmer. No TikTok, essa dinâmica se manifesta por meio de conteúdos que exaltam Christopher Scarver, criticam a Netflix ou discutem a suposta romantização do *serial killer*. No X, prevalecem leituras críticas que analisam o episódio como dispositivo cultural, abordando racismo estrutural, falhas institucionais, memória das vítimas e responsabilidade da mídia. Essas diferenças evidenciam o papel das plataformas na mediação da memória contemporânea sobre crimes reais e reforçam a dimensão política da circulação digital.

Antes da análise aprofundada com base nas categorias propostas, apresenta-se o quadro que sintetiza a manifestação das categorias analíticas definidas na metodologia no Episódio 10. O quadro organiza visualmente os principais padrões identificados e orienta a interpretação desenvolvida nos parágrafos subsequentes, funcionando como ponto de partida para compreender como cada dimensão analítica se articula na construção narrativa e em sua posterior circulação digital.

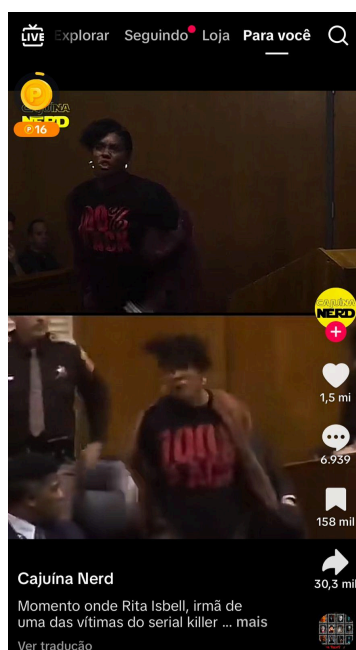
Quadro 8 – Relação das categorias analíticas no Episódio 10

<b>Categoria de análise</b>	<b>TikTok</b>	<b>X</b>
Representação midiática	Comparações estéticas entre cenas da série e registros reais, reforço da performance dramática e do choque visual.	Críticas ao enquadramento narrativo e ao modo como a série representa vítimas e estrutura policial, questionamentos éticos.
Memória das vítimas	Reinterpretação afetiva de cenas do julgamento, foco em depoimentos reais e expressões de dor.	Ênfase na voz de familiares, críticas ao apagamento midiático e à espetacularização do sofrimento.
Impacto social e cultural	Vídeos de crítica à série por suposta romantização, conteúdos explicativos sobre a morte de Dahmer na prisão e repercussões sociais, debates sobre moralidade política.	Discussões sobre o lugar da violência na cultura, responsabilidade da mídia e implicações éticas do consumo de <i>true crime</i> .
Recepção emocional	Choro, choque, indignação performatizada, comoção gerada por trechos reais do julgamento.	Revolta moralizada, críticas contundentes ao sistema penal, indignação diante da dor das famílias.
Humor e viralização	Baixa incidência, geralmente vinculada à figura de Christopher Scarver e aos comentários que o exaltam.	Quase inexistente, humor aparece apenas como crítica ou ironia sobre a série.

Fonte: elaborado pela autora (2025)

Conforme demonstrado no quadro, a representação midiática constitui o primeiro ponto de observação e revela um padrão já identificado nos episódios anteriores: no TikTok, o enquadramento privilegia a estética audiovisual e o choque comparativo. A Figura 15, que apresenta uma comparação entre a cena da série e a gravação real do depoimento de Rita Isbell, irmã de Errol Lindsey, uma das vítimas de Jeffrey Dahmer, cujo discurso no tribunal se tornou um dos momentos mais emblemáticos do julgamento, mostra como o público transforma o episódio em um exercício de espelhamento entre ficção e realidade, destacando diferenças de entonação, intensidade emocional e fidelidade dramática.

Figura 15 – Representação midiática no TikTok, com comparação entre cena da série e gravação real do depoimento de Rita Isbell



Fonte: TikTok (@cajuinanerd, 2022).

Essa prática corresponde ao que Hall (1997) identifica como operação ativa de significação, onde o usuário não apenas consome o conteúdo, mas reinscreve a narrativa conforme seu repertório cultural. Ao comparar série e registro real, o TikTok intensifica a lógica da autenticidade performativa (Papacharissi, 2020), na qual a verdade é avaliada não pelo conteúdo, mas pelo impacto emocional produzido.

No X, esse mesmo movimento assume uma conotação distinta. A Figura 16 evidencia que a plataforma tende a transformar a comparação em crítica política. Diferentemente do TikTok, o foco não é o dramatismo, mas a percepção de que a série pode reforçar abordagens sensacionalistas ou estetizantes. Essa mudança de tom se aproxima das formulações de Fairclough (2001), que identifica nos discursos midiáticos uma disputa entre naturalização ideológica e contestação pública. No X, essa contestação assume centralidade ao denunciar a possível romantização do assassino, a desproporção entre atenção dada ao criminoso e às vítimas e as estratégias narrativas que a série adota ao equilibrar empatia, repulsa e fidelidade histórica. Dessa forma, a representação midiática opera como gatilho para debates sobre ética da narrativa, memória pública e responsabilidade da mídia na reprodução de desigualdades raciais e sociais.

Figura 16 – Representação midiática no X, com comentário crítico sobre o enquadramento narrativo



Fonte: X (@andrekwb, 2022).

Quando observada sob a categoria de memória das vítimas, a recepção do episódio torna-se ainda mais significativa. A Figura 17 destaca justamente a centralidade de Rita Isbell, cuja explosão emocional no tribunal se tornou um dos momentos mais conhecidos do caso Dahmer. A análise do material permite identificar que usuários do X não apenas compartilham trechos reais do depoimento, como também denunciam o desconforto diante de sua reencenação na série sem consulta prévia às famílias.

Esse tipo de crítica confirma as reflexões de Butler (2004) e Fraser (2006) sobre reconhecimento, vidas que já foram desvalorizadas historicamente exigem formas de reparação simbólica e enfrentam novas formas de violência quando sua memória é rerepresentada sem agência ou consentimento. No TikTok, embora haja forte carga afetiva nas reações ao depoimento de Isbell, parte significativa das publicações reforça o caráter emocionalizante do episódio, transformando o momento em conteúdo estético. Isso evidencia a desigualdade entre plataformas, enquanto o X reivindica a centralidade das vítimas, o TikTok frequentemente absorve sua dor dentro da lógica de viralização.

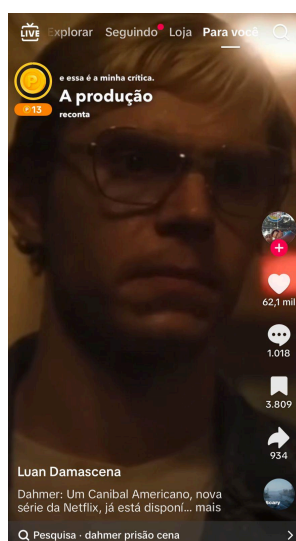
Figura 17 – Memória das vítimas no X, com comparação entre a cena da série e o depoimento real de Rita Isbell



Fonte: X (@Viesdeserie, 2022).

A categoria de impacto social e cultural amplia essa discussão. A Figura 18 apresenta um vídeo que critica frontalmente a série por suposta romantização, insensibilidade e contradições éticas. A análise aprofundada do conteúdo revela que, embora o criador do vídeo critique a estetização, os comentários contrapõem essa leitura ao afirmar que a série não romantiza o assassino, o que demonstra como a plataforma produz debates polarizados, nos quais interpretações concorrentes tentam estabilizar sentidos.

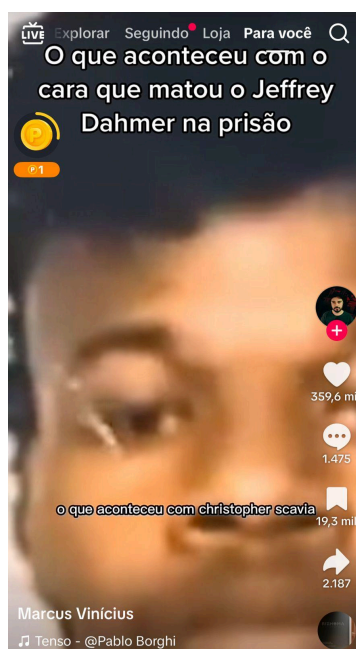
Figura 18 – Impacto social e cultural no TikTok, com vídeo que critica a série por suposta romantização e insensibilidade



Fonte: TikTok (@luandosfilmes, 2022).

A Figura 19 apresenta um vídeo explicativo sobre quem foi Christopher Scarver. A análise evidencia um movimento peculiar, onde o público constroi Scarver em “anti-herói”, chamando-o de “brabo” ou “lendário”, exaltando sua violência como forma de justiça moral. Essa prática revela a lógica de mitificação descrita por Thompson (2000), em que episódios de violência são reinterpretados como narrativas heroicas, reforçando imaginários punitivistas e contribuindo para uma opinião pública que associa justiça à vingança e ao castigo físico.

Figura 19 – Impacto social e cultural no TikTok, com vídeo explicando quem foi Christopher Scarver e repercussões do assassinato de Dahmer na prisão



Fonte: TikTok (@temalguemassistindo, 2022).

No X, por sua vez, o impacto cultural assume forma mais abertamente crítica. A Figura 20 destaca postagens que utilizam o episódio como ponto de partida para debater falhas sistêmicas, racismo estrutural, políticas de encarceramento e mercantilização da violência. Esse comportamento dialoga com o conceito de esfera pública afetiva formulado por Papacharissi (2021), onde emoções como indignação e luto se convertem em argumentos políticos. Assim, o episódio final não apenas mobiliza reações emocionais, mas também reactiva discussões históricas sobre desigualdade racial, negligência institucional e a responsabilidade ética da mídia ao recontar tragédias reais.

Figura 20 – Impacto social e cultural no X, com debate sobre repercussões sociais, éticas e políticas do caso



Fonte: X (@PauloVieiraReal, 2022).

A recepção emocional, ainda que não possua figuras específicas no episódio 10, aparece de forma consistente na planilha. No TikTok predominam respostas performativas: lágrimas, choque, tristeza dramatizada, música melancólica e legendas que enfatizam sensações de injustiça e desconforto. Esse padrão se alinha com o argumento de Papacharissi (2015), segundo o qual plataformas visuais produzem “afetos rápidos”, moldados por interfaces e algoritmos que privilegiam a intensidade emocional. No X, a recepção assume um caráter moralizador, marcada por indignação, revolta e apelos para reflexão coletiva. Aqui, emoção e crítica se sobrepõem, reforçando a ideia de que os afetos também são mediadores da opinião pública.

Por fim, a categoria humor e viralização apresenta baixa incidência no Episódio 10, mas não está ausente. A planilha registra comentários irônicos no TikTok sobre a morte de Dahmer, bem como publicações que tratam Scarver com humor ambíguo. Esses sinais, embora discretos, ajudam a compreender como o horror continua a ser absorvido pela lógica da economia da atenção. Humor e trivialização operam como práticas de distanciamento emocional e como modos de reconfigurar a violência para torná-la compartilhável, num processo semelhante ao descrito por Shifman (2014). No X, o humor praticamente não aparece. Quando surge, funciona apenas como ironia crítica, reforçando a diferença entre as plataformas.

A análise integrada do Episódio 10 evidencia como as plataformas digitais moldam de maneira distinta a compreensão do caso Dahmer. Enquanto o TikTok tende a transformar o episódio em experiência sensorial, afetiva e muitas vezes estetizada, o X o reinsere em debates éticos e políticos que visam compreender desigualdades estruturais e responsabilizações institucionais. Essa divergência impacta diretamente a formação da opinião pública, que se constitui não como unidade, mas como ecossistema fragmentado e em disputa. Ao rearticularem a narrativa do episódio final, TikTok e X participam da produção contemporânea de sentido sobre crimes reais: ora reforçam mitificações, ora denunciam apagamentos, ora produzem novas leituras coletivas sobre violência, moralidade e justiça.

A articulação de todas essas dimensões evidencia que o Episódio 10 não encerra apenas a narrativa ficcional, ele reorganiza simbolicamente a memória coletiva e reativa disputas sobre justiça, dor e responsabilidade. TikTok e X operam como ambientes interpretativos radicalmente distintos, mas igualmente influentes na formação da opinião pública. Enquanto o TikTok intensifica o impacto sensorial, a estetização e a circulação rápida de interpretações, o X transforma o episódio em plataforma de crítica política, reconstrução memorial e denúncia institucional. Assim, a análise do Episódio 10 confirma o objetivo central deste estudo: compreender como a opinião pública é coproduzida pela interação entre narrativa audiovisual e práticas discursivas digitais, revelando que a circulação de *true crime* no ambiente online tanto expande quanto tensiona os limites éticos da representação, da memória e da sensibilidade coletiva.

#### 6.4 ANÁLISE GERAL

A análise integrada dos Episódios 1, 6 e 10, conduzida a partir do Instrumento de Análise do Corpus Audiovisual (Apêndice B) e das categorias definidas no Capítulo 5, evidencia como a série Dahmer: Um Canibal Americano e sua circulação nas redes sociais participam da construção e reconfiguração dos sentidos atribuídos ao caso. O procedimento metodológico, que combinou a codificação sistemática das unidades narrativa e categorias analíticas, assegurou coerência, rigor interpretativo e comparabilidade entre episódios e plataformas.

Os resultados mostram que a recepção digital é marcada por forte heterogeneidade. TikTok e X mobilizam lógicas sociotécnicas distintas, produzindo

enquadramentos divergentes sobre violência, responsabilidade institucional, moralidade pública e memória das vítimas. A análise confirma, em consonância com Van Dijck, Poell e De Waal (2018), que a circulação de sentidos na cultura digital se dá em ecossistemas híbridos, onde algoritmos, práticas de audiência e repertórios culturais se articulam continuamente.

O quadro a seguir sintetiza as tendências gerais identificadas nos três episódios, oferecendo uma visão comparativa dos padrões interpretativos observados nas duas plataformas.

Quadro 9 – Síntese geral das categorias analíticas nos Episódios 1, 6 e 10

<b>Categoria de análise</b>	<b>TikTok (tendências gerais)</b>	<b>X (tendências gerais)</b>	<b>Efeitos sobre opinião pública</b>
Representação midiática	Estetização, recortes performáticos, centralidade visual do ator, narrativa fragmentada.	Crítica institucional, foco no racismo, negligência policial e ética da mídia.	Molda percepções sobre responsabilidade, culpabilização e enquadramento moral do caso.
Memória das vítimas	Empatia instável, apagamento parcial, foco no drama e em reações afetivas.	Recentramento das vítimas, denúncias contra apagamentos da série, indignação moral.	Reestrutura noções de justiça simbólica e de reconhecimento público.
Impacto social e cultural	Psicologia popular, interpretações rápidas, viralização, moralização superficial.	Debates políticos, raciais e institucionais, críticas à mídia e à mercantilização da violência.	Influencia julgamentos sociais e reforça disputas sobre políticas de memória e justiça.
Recepção emocional	Afetos rápidos, choque estilizado, humor, identificação estética.	Indignação moral, repulsa, sofrimento compartilhado, afetos cívicos.	Organiza leituras coletivas por meio da circulação de afetos e moralidades.
Humor e viralização	Forte circulação de memes e ironias, banalização da violência.	Uso restrito, frequentemente crítico, menor propensão à viralização humorística.	Impacta a banalização ou a politização das narrativas sobre violência real.

Fonte: elaborado pela autora (2025).

A partir desse panorama, é possível compreender como os três episódios analisados contribuem, cada um à sua maneira, para a conformação de sentidos públicos sobre o caso Dahmer. No Episódio 1, o choque inicial da narrativa, marcado

pela vulnerabilidade das vítimas e pela omissão policial, circula de forma assimétrica, enquanto o TikTok estetiza e fragmenta a violência em formatos curtos de consumo rápido, o X mobiliza críticas sobre racismo, estrutura policial e responsabilidade da mídia. Já no Episódio 6, centrado na trajetória de Tony Hughes, observa-se um deslocamento do foco da figura do criminoso para a subjetividade de uma vítima. Aqui, o TikTok aciona uma sensibilidade emocional baseada em montagens empáticas, enquanto o X se torna um espaço privilegiado para discussões sobre direitos, luto público e representatividade. No Episódio 10, que retoma o julgamento e a indignação das famílias, as redes se tornam palco de debates morais sobre justiça, ética da mídia e a mercantilização da violência, com o X assumindo um papel expressivo na discursivização política do caso.

Em todas essas camadas, a análise revela que não se trata apenas de diferentes reações a um mesmo produto audiovisual. Trata-se de modos heterogêneos de coprodução de sentido, como descreve Jenkins (2023), em que públicos reorganizam a narrativa de acordo com suas formas de engajamento, seus repertórios afetivos e suas interpretações morais. O TikTok, com sua lógica de circulação acelerada e estímulos sensoriais, tende a favorecer leituras estetizadas da violência, recorrendo ao humor, a edições emocionais e a psicologizações rápidas. Ao transformar o caso em conteúdo replicável, a plataforma contribui para uma forma de “atenção flutuante” que, embora acolha afetos, frequentemente dilui complexidades históricas e políticas.

O X, por sua vez, opera como um espaço em que indignação, denúncia e análise crítica emergem com força. Os posts se articulam como expressões do que Papacharissi (2020) chama de afetos cívicos, em que emoção e moralidade sustentam posicionamentos públicos sobre raça, justiça, negligência institucional e ética representacional. Essas discussões configuram regimes de visibilidade que deslocam o foco narrativo da figura do *serial killer* e reorientam a opinião pública na direção das vozes das vítimas e dos debates contemporâneos sobre políticas de memória.

Essa complementaridade indica um ponto central desta pesquisa: a opinião pública sobre casos de *true crime* não é formada apenas pela narrativa da série, mas pela circulação desigual dessa narrativa nos ecossistemas digitais. Plataformas não são apenas meios: são agentes sociotécnicos que definem ritmos, práticas expressivas, enquadramentos e hierarquias afetivas. TikTok e X, ao operarem de

forma distinta, produzem leituras divergentes que coexistem, colidem e se sobrepõem no espaço público contemporâneo.

A partir do conjunto dos dados analisados, torna-se evidente que a representação de crimes reais na mídia não se limita a reencenar fatos, mas movimentada disputas simbólicas profundas. De um lado, há processos de estetização e banalização que podem contribuir para a romantização involuntária do criminoso. De outro, há esforços de recentralização das vítimas e de denúncia das estruturas sociais que permitiram que os crimes ocorressem. Entre esses polos, emergem práticas de viralização, remixagem e reinterpretação que revelam tanto o potencial quanto os limites da cultura digital para mediar questões éticas e políticas associadas à memória da violência.

Os achados sugerem que o caso Dahmer se configura como um objeto público em permanente negociação. Os dados revelam como narrativas audiovisuais, afetos digitais e disputas por reconhecimento moldam a opinião pública e definem quais vidas ganham visibilidade, luto e dignidade no imaginário social. Os resultados da análise, portanto, sintetizam que a mediação digital não apenas amplifica a circulação de narrativas de *true crime*, mas estrutura as formas pelas quais compreendemos violência, justiça e memória social na contemporaneidade.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo geral analisar como as representações do caso Dahmer, articuladas entre a série *Dahmer: Um Canibal Americano* e as práticas discursivas que emergem nas plataformas TikTok e X, influenciam a formação da opinião pública na cultura digital contemporânea. Partiu-se do entendimento de que narrativas de *true crime* não operam apenas como entretenimento, mas constituem dispositivos simbólicos que moldam sensibilidades, interpretações morais e formas de compreender violência, justiça e responsabilidade.

A combinação metodológica entre Análise do Discurso Midiático, Etnografia Virtual Retrospectiva e Cultura Participativa permitiu examinar o fenômeno em suas múltiplas camadas: a construção audiovisual dos significados, a circulação algorítmica dos conteúdos e as reinterpretações afetivas e discursivas produzidas pelos usuários. Essa triangulação garantiu uma leitura multiescalar, coerente com o caráter qualitativo e interpretativo da pesquisa, e ofereceu robustez à análise dos processos de produção, circulação e disputa de sentidos.

Os objetivos específicos foram plenamente alcançados. A análise dos episódios evidenciou que a série estrutura enquadramentos distintos para articular monstrosidade, empatia e responsabilização, produzindo efeitos morais diferenciados ao longo da narrativa. O Episódio 1 reforça um imaginário clássico sobre serial killers; o Episódio 6 desloca o foco para a vítima e tensiona esse imaginário; o Episódio 10 recoloca o debate público e institucional no centro da narrativa. Essas escolhas estéticas e discursivas influenciam diretamente a forma como o público interpreta o caso.

O segundo objetivo revelou os elementos simbólicos que sustentam a construção midiática da figura do serial killer: estetização da violência, ênfase emocional, detalhamento dos crimes e estratégias de identificação do espectador com o agressor. Mesmo quando a série tenta recentrar as vítimas, como em Tony Hughes, as redes sociais demonstram que o foco pode ser reapropriado, reforçado ou tensionado pelos usuários, confirmando que a recepção digital exerce papel ativo na circulação de sentidos.

No que se refere à coprodução de sentidos, os resultados comprovam que a opinião pública não é resultado linear da narrativa audiovisual, mas de sua

repercussão em ecossistemas algorítmicos. No TikTok, predomina uma lógica pautada por afetos rápidos, montagens estéticas, humor e performances emocionais, dinâmica que produz simplificações, ressignificações e, por vezes, banalizações do caso. No X, emergem debates mais densos, centrados em crítica social, denúncia de negligência institucional, visibilidade das vítimas e disputas morais. As plataformas operam como ambientes interpretativos distintos, que produzem leituras diferentes sobre os mesmos acontecimentos.

O quarto objetivo, voltado às implicações éticas e comunicacionais, expõe tensões relevantes: riscos de romantização da violência, mercantilização da dor, recirculação de traumas reais e apagamento das vítimas. A dinâmica participativa das plataformas intensifica esses efeitos, ao mesmo tempo em que abre espaço para contestação, crítica e reivindicações de memória e justiça. Esse cenário reforça a necessidade de práticas comunicacionais responsáveis, especialmente em narrativas que mobilizam sofrimento real.

A questão norteadora: como as representações do caso Dahmer influenciam a opinião pública — pode ser respondida à luz do conjunto de resultados: a influência ocorre pela articulação entre os enquadramentos da série e a circulação digital, que transforma o caso em um campo de disputa simbólica. A opinião pública emerge, assim, da convergência entre estética audiovisual, lógica algorítmica e engajamentos afetivos, operando de maneira heterogênea conforme as especificidades de cada plataforma.

Do ponto de vista das Relações Públicas, o estudo evidencia a centralidade da área na compreensão e na mediação ética das narrativas públicas. A análise demonstrou que a opinião pública, nas plataformas digitais, é profundamente sociotécnica, afetiva e dinâmica, demandando profissionais capazes de interpretar fluxos discursivos, antecipar repercussões e conduzir práticas comunicacionais sensíveis a contextos de vulnerabilidade e trauma. A circulação do caso Dahmer revela riscos significativos como romantização do agressor, invisibilidade das vítimas e banalização da violência, que exigem atenção ética e estratégica dos profissionais de RP.

Conclui-se que as representações midiáticas de crimes reais configuram forças ativas na formação da opinião pública e que a cultura digital amplifica tais processos, intensificando disputas, ressignificações e tensões morais. A pesquisa contribui para o campo da Comunicação ao integrar análise audiovisual, cultura

digital, teorias dos afetos e mediação profissional, oferecendo um olhar aprofundado sobre como sentidos públicos são construídos e disputados na era das plataformas.

Como caminhos futuros, recomenda-se ampliar a análise para outros gêneros narrativos, examinar o papel das políticas de plataforma na moderação de conteúdos sensíveis e desenvolver protocolos éticos voltados à comunicação de narrativas baseadas em trauma. Sugere-se, ainda, investigações comparativas com outras redes sociais e análises voltadas à educação midiática e ao consumo crítico de narrativas de crime.

Por fim, reafirma-se que compreender a circulação pública de representações como as do caso Dahmer é fundamental para pensar a comunicação contemporânea, suas responsabilidades e seus impactos socioculturais. A opinião pública não é apenas produzida, ela é vivida, disputada e continuamente reconstruída, e cabe às Relações Públicas atuar de forma ética, crítica e socialmente comprometida nesse processo.

## REFERÊNCIAS

ANDREJEVIC, Mark; DENEGR-KNOTT, Janice. **Critical Perspectives on Platform Capitalism**. London: Routledge, 2023. E-book. Acesso em: 02 out. 2025.

ANDREKWB. **Publicação sobre Dahmer**. In: X. [S. I.], 2022. Disponível em: <https://x.com/andrekw/status/1573480076368289803>. Acesso em: 31 out. 2025.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: um livro sobre sociologia do conhecimento**. 34. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. Acesso em: 18 de março de 2025

BERRY, James. The Psychology of True Crime: Understanding the Appeal. **Journal of Criminal Psychology**, v. 12, n. 3, p. 205-223, 2022. Acesso em: 12 de maio de 2025

BIANCAWITZEL.S. **Publicação sobre Dahmer**. In: TikTok. [S. I.], 2022. Disponível em: <https://www.tiktok.com/@biancawitzel.s/video/7157858575258225925>. Acesso em: 31 out. 2025.

BISHOP, Kyle. “Serial Killer Imaginaries in Contemporary True Crime Media”. **Journal of American Studies**, v. 55, n. 3, 2021. Acesso em: 15 de maio de 2025

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Porto Editora, 1994. Acesso em: 27 de junho de 2025

BRENTS, Barbara; JACKSON, Christopher. **Violence, Inequality and Social Control in Urban America**. Boston: Beacon Press, 2014. Acesso em: 10 de maio de 2025

BRULUIZAX. **Publicação sobre Dahmer**. In: X. [S. I.], 2022. Disponível em: <https://x.com/bruluzax/status/1572560522889035782>. Acesso em: 31 out. 2025.

BUCHER, Taina. The Algorithmic Dance: How Social Media Algorithms Shape Content Consumption. **Social Media & Society**, v. 7, n. 4, 2021. Acesso em: 22 de agosto de 2025

BUTLER, Judith. **Vida precária: o poder do luto e da violência**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004. Acesso em: 18 de setembro de 2025.

BXBYCAMII. **Publicação sobre Dahmer**. In: X. [S. I.], 2022. Disponível em: <https://x.com/bxbycamii/status/1572979097688473607>. Acesso em: 31 out. 2025.

CAJUINANERD. **Publicação sobre Dahmer**. In: TikTok. [S. I.], 2022. Disponível em: <https://www.tiktok.com/@cajuinanerd/video/7146536229918625030>. Acesso em: 31 out. 2025.

CARLSON, Matt. **Journalism, Ethics, and the Digital Age**. Oxford: Oxford University Press, 2017. Acesso em: 25 de março de 2025

CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. Acesso em: 02 de abril de 2025

CHADWICK, Andrew. **The Hybrid Media System: Politics and Power**. Oxford: Oxford University Press, 2017. Acesso em: 24 de abril de 2025.

CINEDOOROFICIAL. **Publicação sobre Dahmer**. In: TikTok. [S. l.], 2022. Disponível em: <https://www.tiktok.com/@cinedooroficial/video/7146753961091960070>. Acesso em: 31 out. 2025.

COULDRY, Nick; HEPP, Andreas. **The Mediated Construction of Reality**. Cambridge: Polity Press, 2017. Acesso em: 12 de abril de 2025

COULDRY, Nick; MEJIAS, Ulises. **The Costs of Connection: How Data Is Colonizing Human Life and Appropriating It for Capitalism**. Stanford: Stanford University Press, 2019. Acesso em: 14 de abril de 2025

CRESWELL, John W. **Research Design: Qualitative, Quantitative, and Mixed Methods Approaches**. 4. ed. Thousand Oaks: SAGE, 2014. Acesso em: 28 de junho de 2025

CRIMESREAIS. **Publicação sobre Dahmer**. In: X. [S. l.], 2022. Disponível em: <https://x.com/crimesreais/status/1583925398223872000>. Acesso em: 31 out. 2025.

**DAHMER: Um Canibal Americano**. Direção: Ryan Murphy, Ian Brennan. [S. l.]: Netflix, 2022. 1 série de televisão. Disponível em: <https://www.netflix.com>. Acesso em: 10 maio 2025.

DAYAN, Daniel; KATZ, Elihu. **Media Events: The Live Broadcasting of History**. Cambridge: Harvard University Press, 1992. Acesso em: 27 de março de 2025.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. 4. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. Acesso em: 07 de abril de 2025

DEMETRIZER0. **Publicação sobre Dahmer**. In: TikTok. [S. l.], 2022. Disponível em: <https://www.tiktok.com/@demetrizer0/video/7148027486448717062>. Acesso em: 31 out. 2025.

DEMO, Pedro. **Metodologia científica em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 2000. Acesso em: 30 de junho de 2025

ELIZALFSS. **Publicação sobre Dahmer**. In: X. [S. l.], 2022. Disponível em: <https://x.com/elizalfss/status/1572730900739137536>. Acesso em: 31 out. 2025.

ENTMAN, Robert M. Framing: Toward Clarification of a Fractured Paradigm. **Journal of Communication**, v. 43, n. 4, p. 51–58, 1993. Acesso em: 28 de março de 2025

EVANPETERSBR\_. **Publicação sobre Dahmer**. In: X. [S. I.], 2022. Disponível em: [https://x.com/evanpetersbr\\_/status/1579964059218509827](https://x.com/evanpetersbr_/status/1579964059218509827). Acesso em: 31 out. 2025.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora UnB, 2001. Acesso em: 29 de junho de 2025

FAIRCLOUGH, Norman. **Language and Power**. 2. ed. London: Routledge, 2001. Acesso em: 25 de julho de 2025.

FERREIRA, Camila. Serial killers e cultura pop: o fascínio pelo mal na sociedade do espetáculo. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, v. 6, n. 3, p. 83-102, 2021. Acesso em: 14 de maio de 2025

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996. Acesso em: 29 de março de 2025.

FOUCAULT, Michel. **A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1996. Acesso em: 23 de julho de 2025.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979. Acesso em: 21 de julho de 2025.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1979. Acesso em: 30 de junho de 2025

FRANÇA, Vera V. **Sentidos do público: opinião pública e práticas de comunicação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. Acesso em: 26 de março de 2025

FRASER, Nancy. **Redistribuição ou reconhecimento? Uma crítica da justiça pós-socialista**. São Paulo: Unesp, 2006. Acesso em: 03 de abril de 2025.

FRASER, Nancy. **Reframing Justice: Recognition and Redistribution**. Cambridge: Polity, 2006. Acesso em: 19 de setembro de 2025.

FRASER, Nancy. **Transnationalizing the Public Sphere**. Cambridge: Polity Press, 2007. Acesso em: 03 de abril de 2025

FUCHS, Christian. **Social Media: A Critical Introduction**. 3. ed. London: SAGE, 2021. Acesso em: 13 de abril de 2025.

FUREDI, Frank. **Culture of Fear: Risk-Taking and the Morality of Low Expectation**. 2. ed. Londres: Continuum, 2007. Acesso em: 10 de abril de 2025

GABSNUNEX. **Publicação sobre Dahmer**. In: X. [S. l.], 2022. Disponível em: <https://x.com/gabsnunex/status/1574490507874631681>. Acesso em: 31 out. 2025.

GERBNER, George; GROSS, Larry. Living with Television: The Violence Profile. **Journal of Communication**, v. 26, n. 2, p. 172-199, 1976. Acesso em: 20 de março de 2025

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. Acesso em: 30 de março de 2025

GILLESPIE, Tarleton. **Custodians of the Internet: Platforms, Content Moderation, and the Hidden Decisions that Shape Social Media**. New Haven: Yale University Press, 2018. Acesso em: 05 de agosto de 2025

GUERREIRO, Jaqueline. **Jeffrey Dahmer: O Canibal de Milwaukee | Serial Killers**. [S. l.: s. n.], 27 set. 2018. 1 vídeo (19 min 50s). Publicado pelo canal Jaqueline Guerreiro. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KcgBAZit5Sg>. Acesso em: 14 maio 2025.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984. Acesso em: 05 de abril de 2025

HALL, Stuart. **A centralidade da cultura: notas para uma interpretação crítica**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 1997. Acesso em: 24 de março de 2025

HALL, Stuart. **Representation: Cultural Representations and Signifying Practices**. London: Sage, 1997. Acesso em: 27 de março de 2025.

HARE, Robert. **Without Conscience: The Disturbing World of the Psychopaths Among Us**. New York: Guilford Press, 1999. Acesso em: 09 de maio de 2025

HELBERGER, Natali; PIJL, M. van der; BROERSMA, M. The politics of algorithmic personalization: between talk and practice. **New Media & Society**, v. 25, n. 2, p. 252–270, 2023. Acesso em: 05 de agosto de 2025

HINE, Christine. **Ethnography for the Internet: Embedded, Embodied and Everyday**. London: Bloomsbury, 2015. Acesso em: 27 de junho de 2025.

HLEWIS44\_. **Publicação sobre Dahmer**. In: X. [S. l.], 2022. Disponível em: [https://x.com/hlewis44\\_/status/1572929500761006081](https://x.com/hlewis44_/status/1572929500761006081). Acesso em: 31 out. 2025.

IMPULSOFÉRTIL. **Publicação sobre Dahmer**. In: TikTok. [S. l.], 2022. Disponível em: <https://www.tiktok.com/@impulsofertil/video/7194616489213840646>. Acesso em: 31 out. 2025.

JENKINS, Henry. **Confronting the Challenges of Participatory Culture**.

Cambridge: MIT Press, 2009. Acesso em: 14 de maio de 2025.

JENKINS, Henry. **Cultura da Conexão (edição revisada)**. São Paulo: Aleph, 2023. Acesso em: 22 de setembro de 2025.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009. Acesso em: 12 de setembro de 2025

JENKINS, Henry. **Participatory Culture in a Networked Era: A Conversation on Youth, Learning, Commerce, and Politics**. Nova York: Polity Press, 2020. Acesso em: 17 de setembro de 2025

JENKINS, Henry; FORD, Sam; GREEN, Joshua. **Spreadable Media: Creating Value and Meaning in a Networked Culture**. 2. ed. Nova York: NYU Press, 2013. Acesso em: 05 de outubro de 2025

JENKINS, Henry; GIES, Fulya; VASQUEZ, Travis. **Seriality and Digital Culture: Rethinking True Crime**. New York: Routledge, 2023. Acesso em: 19 de maio de 2025.

JENKINS, Henry; GIES, Maria; VASQUEZ, Patricia. **The Narrative Ecosystems of True Crime**. New York: NYU Press, 2023. Acesso em: 20 de setembro de 2025

JUMCASSINI. **Publicação sobre Dahmer**. In: TikTok. [S. l.], 2022. Disponível em: <https://www.tiktok.com/@jumcassini/video/7145846499329592582>. Acesso em: 31 out. 2025.

KALIL, Isabela. **Cultura pop e política: representações, afetos e disputas morais nas redes sociais**. São Paulo: Editora do Brasil, 2023. Acesso em: 16 de maio de 2025

KALIL, Mariana. **True crime, fandom e ambivalência afetiva: narrativas de violência na cultura pop contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2023. Acesso em: 18 de maio de 2025

KELLNER, Douglas. **Media Spectacle and the Crisis of Democracy: Terrorism, War, and Election Battles**. New York: Routledge, 2020. Acesso em: 28 de setembro de 2025

KENOBISKYW. **Publicação sobre Dahmer**. In: X. [S. l.], 2022. Disponível em: <https://x.com/kenobiskyw/status/1572747141059153920>. Acesso em: 31 out. 2025.

KOZINETS, Robert V. **Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online**. Porto Alegre: Penso, 2019. Acesso em: 04 de julho de 2025

LADY\_FROM\_STARS. **Publicação sobre Dahmer**. In: TikTok. [S. l.], 2022. Disponível em:

[https://www.tiktok.com/@lady\\_from\\_stars/video/7146721790088285445](https://www.tiktok.com/@lady_from_stars/video/7146721790088285445);  
[https://www.tiktok.com/@lady\\_from\\_stars/video/7148527342648855814](https://www.tiktok.com/@lady_from_stars/video/7148527342648855814).  
Acesso em: 31 out. 2025.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2011. Acesso em: 29 de junho de 2025

LIPPMANN, Walter. **A opinião pública**. Petrópolis: Vozes, 2008. Acesso em: 20 de março de 2025

LOUIEPONTO. **Sequência de publicações sobre Dahmer**. In: X. [S. I.], 2022. Disponível em: <https://x.com/louieponto/status/1573764223057928196>. Acesso em: 31 out. 2025.

LUANDOSFILMES. **Publicação sobre Dahmer**. In: TikTok. [S. I.], 2022. Disponível em: <https://www.tiktok.com/@luandosfilmes/video/7147683391599643909>. Acesso em: 31 out. 2025.

LUCASDOREFUGIO. **Publicação sobre Dahmer**. In: X. [S. I.], 2022. Disponível em: <https://x.com/lucasdorefugio/status/1574417884029362176>. Acesso em: 31 out. 2025.

MARTIN, Joel. **Hollywood's Monstrous Figures: Leniency, Myth and the Serial Killer**. New York: HarperCollins, 1994. Acesso em: 16 de maio de 2025.

MARTIN, Joel. **O mito do serial killer: a construção social da realidade**. Rio de Janeiro: Record, 1994. Acesso em: 09 de maio de 2025

MARWICK, Alice; LEWIS, Rebecca. **Media Manipulation and Disinformation in the Digital Age**. Oxford: Oxford University Press, 2023. Acesso em: 07 de agosto de 2025

McCOMBS, Maxwell; SHAW, Donald L. The Agenda-Setting Function of Mass Media. **Public Opinion Quarterly**, v. 36, n. 2, p. 176-187, 1972. Acesso em: 24 de março de 2025

MCLUHAN, Marshall. **Understanding Media: The Extensions of Man**. New York: McGraw-Hill, 1964. Acesso em: 26 de setembro de 2025

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec, 2012. Acesso em: 28 de junho de 2025

MONSTERNETFLIX\_. **Publicação sobre Dahmer**. In: X. [S. I.], 2022. Disponível em: [https://x.com/monsternetflix\\_/status/1574860447840346113](https://x.com/monsternetflix_/status/1574860447840346113). Acesso em: 31 out. 2025.

NAOMINTAPRAMIM. **Publicação sobre Dahmer**. In: TikTok. [S. l.], 2022. Disponível em: <https://www.tiktok.com/@naomintapramim/video/7140991469422218501>. Acesso em: 31 out. 2025.

NAPOLI, Philip M. **Social Media and the Public Interest**. Edição revista, 2023. Acesso em: 08 de junho de 2025.

NAPOLI, Philip. **“Algorithmic Visibility and Crime Narratives”**. Digital Journalism, v. 11, 2023. Acesso em: 06 de agosto de 2025

NIELSEN, Laura. Podcasting Trends 2023: The Rise of True Crime Podcasts. **Media Insights Report**, v. 15, p. 34-48, 2023. Acesso em: 10 de agosto de 2025

NOBLE, Safiya Umoja. **Algorithms of Oppression: How Search Engines Reinforce Racism**. New York: NYU Press, 2018. Acesso em: 08 de agosto de 2025

NSGARCIAA. **Publicação sobre Dahmer**. In: X. [S. l.], 2022. Disponível em: <https://x.com/nsgarciaa/status/1573998012703047681>. Acesso em: 31 out. 2025.

OCLUBEDOMEDO. **Publicação sobre Dahmer**. In: X. [S. l.], 2022. Disponível em: <https://x.com/clubedomedo/status/1573847901528285186>. Acesso em: 31 out. 2025.

OLIVEIRA, Isabel Cristina de. A lógica algorítmica da visibilidade: mídia, crime e redes sociais. **Revista Comunicação e Sociedade**, v. 44, n. 2, p. 54-71, 2022. Acesso em: 20 de maio de 2025

OLIVEIRA, Mariana. Narrativas Digitais e Cultura Participativa: Uma Análise do True Crime no TikTok. **Revista de Comunicação Digital**, v. 9, n. 2, p. 112-131, 2023. Acesso em: 22 de maio de 2025

OMARCIOPAULO. **Publicação sobre Dahmer**. In: X. [S. l.], 2022. Disponível em: <https://x.com/omarciopaulo/status/1573303659794165760>. Acesso em: 31 out. 2025.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 10. ed. Campinas: Pontes Editores, 2018. Acesso em: 01 de julho de 2025

OSSPERDIDOS. **Publicação sobre Dahmer**. In: TikTok. [S. l.], 2022. Disponível em: <https://www.tiktok.com/@ossosperdidos/video/7154128980399099141>. Acesso em: 31 out. 2025.

PAPACHARISSI, Zizi. **A Private Sphere: Democracy in a Digital Age**. Cambridge: Polity Press, 2015. Acesso em: 07 de agosto de 2025

PAPACHARISSI, Zizi. **Affective Publics (edição reimpressa ampliada)**. New York: Oxford University Press, 2021. Acesso em: 03 de outubro de 2025.

PAPACHARISSI, Zizi. **Affective Publics: Sentiment, Technology, and Politics**. New York: Oxford University Press, 2015. Acesso em: 04 de abril de 2025.

PAPACHARISSI, Zizi. **Affective publics: sentimental narratives in the digital age**. New York: Oxford University Press, 2020. Acesso em: 12 de agosto de 2025

PAPACHARISSI, Zizi. **After Democracy: Imagining the Political Future**. New York: Oxford University Press, 2021. Acesso em: 08 de agosto de 2025

PAPACHARISSI, Zizi. **The Networked Self: Love, Community and Identity**. New York: Routledge, 2020. Acesso em: 12 de abril de 2025.

PAPATHANASSOPOULOS, Stylianos; HOSKINS, Andrew. **Rethinking Media Responsibility in the Digital Age**. London: Routledge, 2021. Acesso em: 17 de abril de 2025.

PASQUALE, Frank. **The Black Box Society: The Secret Algorithms That Control Money and Information**. Cambridge: Harvard University Press, 2015. Acesso em: 09 de agosto de 2025

PAULOVIEIRAREAL. **Publicação sobre Dahmer**. In: X. [S. l.], 2022. Disponível em: <https://x.com/paulovieirareal/status/1576703224949579776>. Acesso em: 31 out. 2025.

QOOLKSOEIO. **Publicação sobre Dahmer**. In: TikTok. [S. l.], 2022. Disponível em: <https://www.tiktok.com/@qoolksoeio/video/7149385628684160283>. Acesso em: 31 out. 2025.

QUINTANA, Luana Ely. **Entre o horror e o fascínio: serial killers na cultura pop e na opinião pública**. 2021. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2021. Acesso em: 25 de maio de 2025

RADCLIFFE, Emma. Gender and True Crime: Exploring Female Audiences. **Crime Media Culture**, v. 17, n. 1, p. 53-70, 2021. Acesso em: 17 de maio de 2025

RECUERO, Raquel. **A conversação em rede: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2014. Acesso em: 15 de maio de 2025.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2014. Acesso em: 15 de abril de 2025.

REESE, Stephen; GANDY, Oscar; GRANT, August. **Framing in the Networked Society**. New York: Routledge, 2022. Acesso em: 02 de maio de 2025.

REESE, Stephen; GANDY, Oscar; GRANT, August. **The Handbook of Media Framing Research**. New York: Routledge, 2022. Acesso em: 12 de abril de 2025

ROLANDWOLFTRADE. **Publicação sobre Dahmer**. In: TikTok. [S. l.], 2022.

Disponível em:

<https://www.tiktok.com/@rolandwolftrade/video/7148805348449651973>. Acesso em: 31 out. 2025.

SANTOS, Francisco Régis Lopes. **Mídia e violência: discurso, sensacionalismo e ética**. Fortaleza: Edições UFC, 2020. Acesso em: 02 de abril de 2025

SANTOS, Ricardo de. A cultura do medo na mídia: narrativas, cultivo e percepção da violência. **Revista Brasileira de Comunicação**, v. 23, n. 1, p. 74-92, 2020. Acesso em: 02 de abril de 2025

SCHMID, David. **Natural Born Celebrities: Serial Killers in American Culture**.

Chicago: University of Chicago Press, 2005. Acesso em: 11 de maio de 2025

SCHUDSON, Michael. **The News Media: What Everyone Needs to Know**. New

York: Oxford University Press, 2018. Acesso em: 29 de março de 2025.

SERIESBRASIL. **Publicação sobre Dahmer**. In: X. [S. l.], 2022. Disponível em:

<https://x.com/seriesbrasil/status/1573815321093365760>. Acesso em: 31 out. 2025.

SHIFMAN, Limor. **Memes in Digital Culture**. Cambridge: MIT Press, 2014. Acesso

em: 10 de outubro de 2025

SHOW.EDITTS. **Publicação sobre Dahmer**. In: TikTok. [S. l.], 2022. Disponível em:

<https://www.tiktok.com/@show.editts/video/7147538883922693382>. Acesso em: 31 out. 2025.

SILVA, Mariana A. Representações midiáticas e construção da figura pública do criminoso. **Revista Estudos de Mídia**, v. 18, n. 3, p. 91-121, 2022. Acesso em: 16 de março de 2025

TAIIRP. **Publicação sobre Dahmer**. In: TikTok. [S. l.], 2022. Disponível em:

<https://www.tiktok.com/@taiirp/video/7147348707845917958>. Acesso em: 31 out. 2025.

TARDE, Gabriel. **A opinião e as massas**. São Paulo: Martins Fontes, 2005. Acesso em: 04 de abril de 2025

TEMALGUEMASSISTINDO. **Publicação sobre Dahmer**. In: TikTok. [S. l.], 2022.

Disponível em:

<https://www.tiktok.com/@temalguemassistindo/video/7150444796086144261>. Acesso em: 31 out. 2025.

THOMAS, Andrew; GRAY, Colin. **Revisiting Serial Murder in Contemporary Media**. London: Routledge, 2023. Acesso em: 25 de maio de 2025

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis: Vozes, 2000. Acesso em: 10 de abril de 2025

THOMPSON, John B. **Political Scandal: Power and Visibility in the Media Age**. Cambridge: Polity Press, 2000. Acesso em: 26 de julho de 2025.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2005. Acesso em: 15 de abril de 2025

TRECHOSFANTASTICOSMOVIES. **Publicação sobre Dahmer**. In: TikTok. [S. l.], 2022. Disponível em: <https://www.tiktok.com/@trechosfantasticosmovies/video/7243626745864244485>. Acesso em: 31 out. 2025.

TUFEKCI, Zeynep. **The Reality Bubble: Algorithms, Fear, and Public Imagination**. New York: Yale University Press, 2022. Acesso em: 21 de junho de 2025.

TUFEKCI, Zeynep. **Twitter and Tear Gas: The Power and Fragility of Networked Protest**. New Haven: Yale University Press, 2017. Acesso em: 28 de junho de 2025.

VAN DIJCK, José; POELL, Thomas. **Reframing Platform Power: Communication, Infrastructure, and Public Values in a Digital Age**. Oxford: Oxford University Press, 2023. Acesso em: 03 de agosto de 2025.

VAN DIJCK, José; POELL, Thomas; DE WAAL, Martijn. **The Platform Society: Public Values in a Connective World**. Oxford: Oxford University Press, 2018. Acesso em: 03 de agosto de 2025

VERÓN, Eliseo. **Construir o acontecimento: os meios de comunicação e a fabricação do acontecimento**. Brasília: Editora UnB, 1989. Acesso em: 18 de abril de 2025

VIESDESERIE. **Publicação sobre Dahmer**. In: X. [S. l.], 2022. Disponível em: <https://x.com/viesdeserie/status/1572761809425244160>. Acesso em: 31 out. 2025.

VIGGIANO, Giuliana. Jeffrey Dahmer: o assassino em série que fez ao menos 17 vítimas em 13 anos. **GALILEU**. [S. l.], ago. 2019. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/sociedade/noticia/2019/08/jeffrey-dahmer-o-assassin-o-em-serie-que-fez-ao-menos-17-vitimas-em-13-anos.ghtml>. Acesso em: 20 mai. 2025.

WIILLIENI. **Publicação sobre Dahmer**. In: TikTok. [S. l.], 2022. Disponível em: <https://www.tiktok.com/@wiillieni/video/7148238141684567301>. Acesso em: 31 out. 2025.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. 5. ed. Lisboa: Presença, 1999. Acesso

em: 25 de março de 2025

ZUBOFF, Shoshana. **The Age of Surveillance Capitalism**. New York: PublicAffairs, 2019. Acesso em: 05 de agosto de 2025.

## APÊNDICE A: INSTRUMENTO DE ORGANIZAÇÃO E CODIFICAÇÃO DO CORPUS DIGITAL (X E TIKTOK)

Figura 21 – Planilha de codificação analítica TikTok

Planilha de codificação analítica TikTok						
Nº Link do post	Informações sobre o post	Categoria	Categoria secundária	Dimensão de análise	Resultados observados	
<b>Episódio 1</b>						
1	Usuário que publicou: lady from stars Nº salvamentos: 31.8k Nº curtidas: 570k Nº compartilhamentos: 5.437 Nº comentários: 2076	Representação midiática Memória das Vítimas Impacto social e cultural Recepção emocional	Representação midiática Memória das Vítimas Impacto social e cultural Recepção emocional	Enquadramento narrativo Visibilidade e empatia Reperçusses éticas e políticas Reações afetiva	O vídeo transforma elementos chocantes da série em humor irônico ao mostrar reações exageradas ao pai de Dahmer descobrindo os crimes do filho, revelando como usuários reinterpretam narrativas violentas por meio de formatos leves e virais do TikTok. O contraste entre dancas e frases sobre assassinato e banalização do horror na cultura digital e mostra como o público negocia sentimentos sensíveis por meio de humor. A crítica social à série quando o vídeo menciona a sexualidade de Dahmer indica que a expectativa e demonstra como conteúdos virais mesclam humor e crítica social, reforçando a participação ativa do público na construção coletiva da recepção da série.	
2	Usuário que publicou: willeni Fernanda Nº salvamentos: 3711 Nº curtidas: 70.4k Nº compartilhamentos: 331 Nº comentários: 834	Representação midiática Memória das Vítimas Impacto social e cultural Recepção emocional	Representação midiática Memória das Vítimas Impacto social e cultural Recepção emocional	Enquadramento narrativo Visibilidade e empatia Reperçusses éticas e políticas Reações afetiva	O vídeo expressa uma reação emocional marcada pela ambiguidade entre desconforto e empatia, reforçada pela trilha sonora melancólica e pelo texto sobposto que suaviza a imagem do criminoso. Essa recepção afeta evidencia como a estética da série e a atuação influenciam o público, gerando romantização ou identificação involuntária. Os comentários intensificam essa leitura ao mencionarem sentimentos de angústia, preocupação com o ator e a percepção de que partes mais pesadas da história não foram mostradas, indicando como a representação midiática pode modular emoções e criar distorções interpretativas. A presença de debates sobre romantização do assassino demonstra um impacto emocional coletivo que ultrapassou a narrativa ficcional e se manifestou de forma evidente nas redes sociais.	
3	Usuário que publicou: lady from stars Nº salvamentos: 11.7k Nº curtidas: 104.8k Nº compartilhamentos: 1129 Nº comentários: 1044	Representação midiática Memória das Vítimas Impacto social e cultural Recepção emocional	Representação midiática Memória das Vítimas Impacto social e cultural Recepção emocional	Enquadramento narrativo Visibilidade e empatia Reperçusses éticas e políticas Reações afetiva	O vídeo utiliza um tom irônico e bem-humorado para comentar fatos sobre Jeffrey Dahmer antes mesmo de a criadora assistir à série, evidenciando como o hype mobiliza conteúdos rápidos e superficiais. O uso de deboche e curiosidades serve para entreter enquanto reforça a representação midiática do caso, contribuindo para a viralização do tema na plataforma. Mesmo com humor, o vídeo menciona aspectos como racismo e negligência policial, ampliando a visibilidade do caso e despertando curiosidade no público. Os comentários mostram dúvidas e confusão sobre a história real, revelando como conteúdos virais moldam percepções antes do contato direto com a série.	
4	Usuário que publicou: Ricardo Ventura Nº salvamentos: Nº curtidas: Nº compartilhamentos: Nº comentários:	Representação midiática Memória das Vítimas Impacto social e cultural Recepção emocional	Representação midiática Memória das Vítimas Impacto social e cultural Recepção emocional	Enquadramento narrativo Visibilidade e empatia Reperçusses éticas e políticas Reações afetiva	O vídeo apresenta um relato sensacionalista sobre os crimes de Dahmer, reconstruindo detalhes violentos de forma gráfica e emocionalmente carregada. A narrativa reforça a imagem do criminoso como figura monstruosa e sexualmente desviada, construindo um enquadramento que privilegia choque e morbidez. Nos comentários, os usuários reagem principalmente com críticas, éticas e tentativas de contextualização, apontando informações equivocadas e demonizando desconforto. O conteúdo evidencia como o caso Dahmer circula no TikTok de maneira independente da série, mas impulsionado pelo mesmo clima de interesse popular, contribuindo para interpretações distorcidas e reforçando a espetacularização dos crimes.	
5	Usuário que publicou: Bianca Witzel Nº salvamentos: 390 Nº curtidas: 77.3k Nº compartilhamentos: 442 Nº comentários: 457	Representação midiática Memória das Vítimas Impacto social e cultural Recepção emocional	Representação midiática Memória das Vítimas Impacto social e cultural Recepção emocional	Enquadramento narrativo Visibilidade e empatia Reperçusses éticas e políticas Reações afetiva	O vídeo utiliza a linguagem científica para explicar a psicopatia e, nos comentários, o público relaciona diretamente essa explicação ao caso Dahmer e à atuação de Evan Peters. Há uma mistura entre curiosidade biológica e fascínio midiático, com usuários elogiando a performance do ator, reforçando estereótipos sobre psicopatas ou se identificando com a figura irônica. As reações demonstram como o conteúdo científico é rapidamente incorporado ao debate sobre a série, contribuindo para a naturalização das categorias psicológicas utilizadas para interpretar o comportamento de Dahmer e para a criação de discursos que atenuam humor, informação e banalização da violência.	
6	Usuário que publicou: IMPULSO FÉRTIL Nº salvamentos: 59 Nº curtidas: 6963 Nº compartilhamentos: 215 Nº comentários: 89	Representação midiática Memória das Vítimas Impacto social e cultural Recepção emocional	Representação midiática Memória das Vítimas Impacto social e cultural Recepção emocional	Enquadramento narrativo Visibilidade e empatia Reperçusses éticas e políticas Reações afetiva	O vídeo destaca o processo de construção do personagem Jeffrey Dahmer pelo ator Evan Peters, evidenciando como elementos como postura, sotaque, gestualidade e preparação psicológica moldaram a representação final emba o episódio inicial. Ao mostrar bastidores da atuação, o conteúdo reforça como a série constrói a imagem do criminoso de forma cativante, utilizando aspectos estéticos e performáticos que intensificam a atmosfera sombria e a sensação de estranhamento presentes na estética. A fala do ator evidencia o esforço de fidelidade a registros reais, contribuindo para a consolidação do "monstro" como figura midiática marcante. A recepção nos comentários demonstra curiosidade sobre o processo de atuação e reforça o impacto cultural da série ao ampliar o interesse pelo personagem e pelos elementos que compõem sua identidade audiovisual.	

Fonte: elaborado pela autora (2025). Disponível em:

<https://docs.google.com/spreadsheets/d/1jVYcRP7SKyZ37XCtGiuneeCiSO4XAv3BTb8C2IPkqgM/edit?gid=373738309#gid=373738309>

Figura 22 – Planilha de codificação analítica X

Planilha de codificação analítica X						
Nº Link do post	Informações sobre o post	Categoria	Categoria secundária	Dimensão de análise	Resultados observados	
<b>Episódio 1</b>						
1	Usuário que publicou: @bivycami Nº salvamentos: 3 Nº curtidas: 219 Nº reposts: 66 Nº comentários: 1	Representação midiática Memória das Vítimas Impacto social e cultural Recepção emocional	Representação midiática Memória das Vítimas Impacto social e cultural Recepção emocional	Enquadramento narrativo Visibilidade e empatia Reperçusses éticas e políticas Reações afetiva	O post chama atenção para a negligência policial diante das denúncias da vizinha negra que tentou impedir as ações de Dahmer e evidencia como o racismo estrutural contribuiu para que as vítimas fossem ignoradas. A postagem recupera a importância da memória e da voz das vítimas racializadas reforçando a crítica social presente na série. A recepção nas redes demonstra indignação e empatia pela vizinha destacando o papel do público na reconstrução crítica da narrativa e no questionamento das instituições responsáveis pela proteção dessas vidas.	
2	Usuário que publicou: @elzalfs Nº salvamentos: 49 Nº curtidas: 1.8k Nº reposts: 445 Nº comentários: 23	Representação midiática Memória das Vítimas Impacto social e cultural Recepção emocional	Representação midiática Memória das Vítimas Impacto social e cultural Recepção emocional	Enquadramento narrativo Visibilidade e empatia Reperçusses éticas e políticas Reações afetiva	A postagem expressa uma reação intensa ao primeiro episódio, marcada por nervosismo e desconforto diante da atmosfera sombria e da interpretação de Evan Peters. O conteúdo evidencia como a recepção emocional molda a relação do público com a narrativa, reforçando o impacto afetivo da representação midiática da violência. Os comentários e o formato de relato sugerem que a construção estética do episódio provoca imersão e tensão, funcionando como um gatilho para a angústia e para a interpretação crítica inicial da série.	
3	Usuário que publicou: @Bruzilax Nº salvamentos: 3 Nº curtidas: 175 Nº reposts: 38 Nº comentários: 4	Representação midiática Memória das Vítimas Impacto social e cultural Recepção emocional	Representação midiática Memória das Vítimas Impacto social e cultural Recepção emocional	Enquadramento narrativo Visibilidade e empatia Reperçusses éticas e políticas Reações afetiva	O post expressa uma reação emocional intensa ao primeiro episódio, evidenciando como a construção narrativa inicial provoca medo, desconforto e tensão no público. A reprodução de um diálogo impactante reforça o efeito dramático da cena e a recepção afetiva do conteúdo, destacando o modo como a série mobiliza emoções fortes desde o início. A hiperbolização usada pela autora e os comentários do público ampliam o engajamento e demonstram como as redes sociais funcionam como espaços de compartilhamento de sensações e respostas imediatas ao conteúdo.	
4	Usuário que publicou: @lucasdorefugio Nº salvamentos: 16 Nº curtidas: 1.4k Nº reposts: 93 Nº comentários: 35	Representação midiática Memória das Vítimas Impacto social e cultural Recepção emocional	Representação midiática Memória das Vítimas Impacto social e cultural Recepção emocional	Enquadramento narrativo Visibilidade e empatia Reperçusses éticas e políticas Reações afetiva	O post destaca como a série constrói a imagem de Dahmer a partir de uma interpretação marcada pela apatia e complexidade, reforçando o enquadramento narrativo que busca transmitir a frieza e monstruosidade do criminoso. A postagem evidencia a recepção emocional do público ao reconhecer tanto o impacto da performance do ator quanto a dor das vítimas representadas, mostrando como a narrativa mobiliza desconforto, tensão e reflexo moral. O tweet revela que a representação audiovisual contribui para uma compreensão mais profunda da figura de Dahmer, articulando elementos dramáticos que influenciam diretamente a percepção pública sobre o caso.	
5	Usuário que publicou: @MonsterNetlix Nº salvamentos: 15 Nº curtidas: 559 Nº reposts: 69 Nº comentários: 10	Representação midiática Memória das Vítimas Impacto social e cultural Recepção emocional	Representação midiática Memória das Vítimas Impacto social e cultural Recepção emocional	Enquadramento narrativo Visibilidade e empatia Reperçusses éticas e políticas Reações afetiva	O post evidencia o grande alcance da série em sua primeira semana, mostrando seu impacto social e cultural ao destacar números expressivos de audiência e a rápida adesão do público. A publicação reforça como Dahmer se tornou um fenômeno de circulação digital, ampliado pela dinâmica das plataformas e pelo engajamento coletivo. Esses dados confirmam a forte presença da obra na cultura contemporânea e indicam como a audiência contribuiu para consolidar o sucesso e a ampla repercussão social da série.	

Fonte: elaborado pela autora (2025). Disponível em:

<https://docs.google.com/spreadsheets/d/1jVYcRP7SKyZ37XCtGiuneeCiSO4XAv3BTb8C2IPkqgM/edit?gid=2100651#gid=2100651>

## APÊNDICE B: INSTRUMENTO DE ANÁLISE DO CORPUS AUDIOVISUAL: TRANSCRIÇÕES E SEGMENTAÇÃO DAS CENAS SELECIONADAS

Este apêndice apresenta as transcrições descritivas e a segmentação das cenas selecionadas dos episódios *Monster* (Episódio 1), *Silenced* (Episódio 6) e *God of Forgiveness, God of Vengeance* (Episódio 10) da série *Dahmer: Monster – The Jeffrey Dahmer Story* (Netflix, 2022).

As cenas foram identificadas, descritas e analisadas com base em critérios de relevância narrativa, densidade simbólica e impacto social, conforme definido no capítulo 4.3. O objetivo é evidenciar as estratégias de representação, construção discursiva e dramatização da violência presentes na narrativa audiovisual, que fundamentam a análise desenvolvida nesta pesquisa.

Quadro 10 – Transcrição Episódio 1 - “*Monster*”

Tempo	Descrição da cena	Elementos audiovisuais	Observações analíticas
00:00 - 05:30	Abertura da série. Dahmer aparece em seu apartamento preparando uma bebida para a vítima. O ambiente é escuro e claustrofóbico, com sons abafados e pouca iluminação.	Uso predominante de planos fechados e câmera estática. Tons amarelados e luz artificial. Trilha sonora grave e lenta.	Introdução simbólica do “monstro doméstico”: atmosfera de isolamento e tensão que antecipa o horror.
10:40 - 14:20	Dahmer é abordado por policiais após tentativa de fuga de uma vítima.	Contraste entre a tensão do ambiente e a apatia dos policiais. Falas curtas e expressões neutras.	Evidencia negligência policial e racialização das vítimas, antecipando críticas sociais retomadas nas redes.
20:10 - 27:00	Prisão de Dahmer. A câmera acompanha o personagem em closes e cortes rápidos.	Alternância entre planos de ação e expressões faciais. Som ambiente pesado e ruído urbano.	Representação da captura como espetáculo moral, início da construção pública do “monstro” pela mídia.

Fonte: elaborado pela autora (2025), com base na série *Dahmer: Um Canibal Americano* (Netflix, 2022)

Quadro 11 – Transcrição Episódio 6 - “*Silenced*”

<b>Tempo</b>	<b>Descrição da cena</b>	<b>Elementos audiovisuais</b>	<b>Observações analíticas</b>
12:40 - 15:20	Encontro entre Tony e Dahmer em uma boate. Eles conversam em linguagem de sinais, revelando empatia e confiança.	Luzes coloridas, ruídos abafados e planos médios. Enquadramentos que destacam o olhar e os gestos.	Humanização da vítima e contraste entre inocência e perigo. Representação de empatia em meio à tensão.
18:00 - 21:50	Mostra a rotina de Tony, sua vida e aspirações.	Iluminação natural e ritmo lento. Trilha suave e tons quentes.	Expansão da narrativa da vítima: desloca o foco da violência para a humanidade do personagem.
28:30 - 35:10	Tony visita Dahmer em seu apartamento. A tensão aumenta gradualmente.	Planos fechados, sons graves e cortes lentos.	Representação da vulnerabilidade e da confiança traída, preâmbulo do assassinato.
42:00 - 47:00	Desfecho trágico de Tony. Silêncio e câmera fixa no rosto de Dahmer.	Ausência de trilha sonora e iluminação fria.	Evoca o impacto emocional do episódio, questiona a espetacularização do sofrimento.

Fonte: elaborado pela autora (2025), com base na série Dahmer: Um Canibal Americano (Netflix, 2022).

Quadro 12 – Episódio 10 - “*God of Forgiveness, God of Vengeance*”

<b>Tempo</b>	<b>Descrição da cena</b>	<b>Elementos audiovisuais</b>	<b>Observações analíticas</b>
05:00 - 11:00	Julgamento de Dahmer. Cenas intercalam o tribunal e o público.	Iluminação neutra e planos simétricos. Uso de música solene.	Simbolismo da justiça e da moralidade pública. Reforço da dualidade perdão/vingança.
20:15 - 24:50	Depoimento das famílias das vítimas. Discurso de	Planos frontais e uso de planos fechados.	Humanização das vítimas e denúncia da

	dor e indignação.		negligência institucional.
33:40 - 39:00	Debate religioso sobre perdão e condenação.	Alternância de tons quentes e frios. Ênfase na expressão facial dos personagens.	Conflito entre moral cristã e desejo de punição.
47:10 - 52:00	Morte de Dahmer na prisão. Câmera lenta e luz branca intensa.	A trilha sonora atinge o auge e se dissolve lentamente no silêncio.	Encerramento simbólico entre redenção e castigo. Reconfiguração do “monstro” em mártir midiático.

Fonte: elaborado pela autora (2025), com base na série Dahmer: Um Canibal Americano (Netflix, 2022).